REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

◆

COMISSÃO DE REDAÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

◆

PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede: PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA DO INSTITUTO

Presidente honorário:
Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva.
Presidente:
Dr. Leonardo Macedonia.
Vice-Presidente;
Prof. Othelo Rosa.
Secretario Perpétuo:
Dr. Eduardo Duarte.
2.º Secretario:
Prof. Valter Spalding.
Orador:
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Tesoureiro:
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Bibliotecário:
Prof. Valter Spalding.

COMISSÕES PERMANENTES.

Fundos e Orçamentos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr Lindolfo Collor.
Clemenciano Barnasque.

HISTÓRIA:

Prof. Othelo Rosa.
Dr. Darcy Azambuja.
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Cel. Aurelio Porto.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL

I TRIMESTRE
ANO XIX

Comissão de Redação:
ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

PÔRTO ALEGRE
= 1939 =

1939
Oficinas Gráficas da LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

A fundação do Rio Grande e o monumento a Silva Pais

A 19 de fevereiro de 1937 tiveram lugar as grandes festividades do bicentenário da fundação do Rio Grande e o II Congresso de História e Geografia organizado e levado a efeito pelo INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL.

O que foram aquelas festividades e o que foi o empolgante Congresso, dí-lo, expressivamente, a publicação então feita dos ANAIS que constam de 3 grossos volumes com mais de 1.200 páginas.

Naquele ano, a 19 de fevereiro, foi lançada a pedra fundamental do grande monumento ao brigadeiro Silva Pais e, em seguida, aberta concorrência pública para a confecção da estátua.

Dessa concorrência saíu vitorioso o escultor paulista Humberto Carpinelli ao qual o govêrno da cidade encomendou a obra que, por motivos vários e alheios à vontade do escultor e do govêrno da cidade, somente agora ficou pronto, tendo sido inaugurado a 2 de março dêste ano de 1939.

O que é êsse monumento, dí-lo a descrição seguinte, publicada pelo "Diário de Notícias", desta cidade:

UM RÁPIDO HISTÓRICO DO MONUMENTO

A autoria e execução do artístico monumento a inaugurar-se hoje em Rio Grande, coube ao consagrado escultor paulista Humberto Carpinelli como primeiro prêmio do concurso instituído pela Prefeitura de Rio Grande por ocasião

das comemorações do bi-centenário da fundação do Rio Grande do Sul, ainda no govêrno do sr. Antônio da Rocha Meireles Leite.

Assumindo a curul prefeitural, o dr. Roque Aita Júnior não só homologou a iniciativa do seu antecessor como, ainda mais, procurou cercá-la de todo o seu apôio moral e material afim de evitar que a mesma sofresse sequer um só momento, solução de continuidade.

A modelagem e execução do bronze foram realizadas em São Paulo, sob a direta fiscalização do dr. Oscar Tollens, Presidente do Centro Gaúcho de São Paulo, para tal devidamente autorizado pelo dr. Meireles Leite, autorização essa, mais tarde, confirmada pelo dr. Roque Aita Júnior, atingindo a importância de 150:000$000 o valor total da notável escultura de Humberto Carpinelli.

Atendendo a um convite da Prefeitura de Rio Grande, o dr. Ademar de Barros, interventor federal no Estado de São Paulo, visitou o atelier do jovem autor e executor do monumento de Silva Pais, em companhia do dr. Oscar Tollens, e teve ensêjo de apreciar detalhadamente o monumento em tôdas as suas linhas, não escondendo a ótima impressão e o entusiasmo que lhe proporcionou a sua demorada visita aos trabalhos confiados à capacidade artística de Humberto Carpinelli, entusiasmo êsse vivamente manifestado pelo dr. Ademar de Barros, quando telegraficamente, congratulou-se com o Prefeito Roque Aita, pela perfeição, beleza, expressão e arte do monumento que vinha de visitar em São Paulo.

A fundição do bronze, que é de uma nitidez e de um acabamento impecável, primando pela delicadeza das formas, esteve a cargo da Fundição Ângelo Ripamonti, de São Paulo, e a parte granítica do monumento, tôda ela composta de pedra rósea, foi confiada à firma Keller e Santos, de Pôrto Alegre.

DESCRIÇÃO

O monumento é formado por uma majestosa coluna de granito, erguida sôbre elegante pedestal, da mesma pedra, aparecendo à frente do mesmo, a figura do Brigadeiro José

da Silva Pais em cuja expressão ressalta de forma prodigiosa, tôda a fôrça criadora da arte de Humberto Carpinelli.

Na figura do fundador do Rio Grande do Sul, a alma artística do escultor se agiganta e se afirma de forma impressionante e, nos seus mínimos detalhes, o autor plasmou com maestria, uma mistura harmoniosa de beleza e realidade, de perfeição e elegância, de arte, expressão e vida.

Na face direita do monumento aparece um grupo composto de sete figuras cujo conjunto e simbolismo, só por si, consagram o seu idealizador e executor. No primeiro plano notam-se duas figuras, uma das quais recolhe armas caídas pelo chão enquanto a outra levanta um marco no qual se vê gravada a data de 19 de fevereiro de 1737 — é a Fundação do Rio Grande do Sul. Uma outra figura caída sôbre uma roda de canhão representa o Sacrifício amparada por outra que simboliza a Fraternidade. Mais três figuras completam o expressivo grupo, duas das quais plantando uma bandeira, numa feliz alegoria à Conquista e a terceira apontando para essa bandeira e com ela cobrindo o herói numa configuração sublime do Patriotismo.

Na parte superior da principal coluna de pedra do monumento, acima da figura central, está gravado em baixo-relêvo guarnecido de lâminas de ouro o nome do Brigadeiro José da Silva Pais e pelo lado esquerdo do bloco granitado aparece o brasão das armas do Brigadeiro e, no suporte do grupo simbólico encontra-se gravada, também com lâmina de ouro esta legenda: "Fundação do Rio Grande de São Pedro em 19 de Fevereiro de 1737".

O desenho do brasão das armas do Brigadeiro Silva Pais, veio especialmente de Portugal, por solicitação da Biblioteca Rio-Grandense e do rascunho enviado foi, aquí, feita a ampliação que serviu de modêlo ao que figura no monumento.

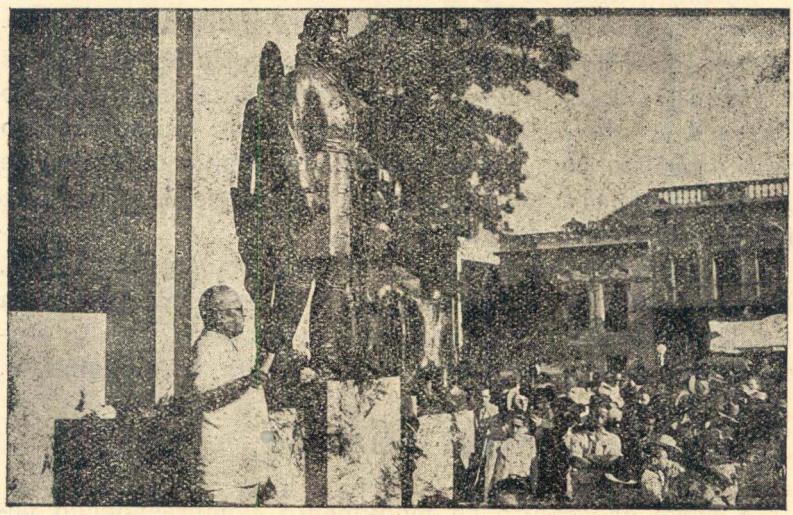
DADOS TÉCNICOS

A parte de granito do monumento, compreendendo pedestal a coluna, mede 10 metros de altura por 7,50 metros de largura sob o fundo de 6,50 metros.

MONUMENTO A SILVA PAIS NA CIDADE DO RIO GRANDE:

1) A estátua do brigadeiro

2) O brasão d'armas de José da Silva Pais.



3) A inauguração do monumento quando falava o dr. Eduardo Duarte, secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Êsse imponente monumento é obra do escultor paulista sr. Humberto Carpinelli.

A estátua do Brigadeiro José da Silva Pais tem 2,50 metros de altura, 3,50 metros é a altura máxima do grupo simbólico e a mínima é de 1,50 metros.

O comprimento do grupo atinge 3 metros numa largura de 1 metro. As figuras em número de sete, medem 2 metros cada uma.

O soberbo monumento do Fundador do Rio Grande do Sul, que hoje à tarde a cidade marítima solenemente inaugurará, honra sobremodo o seu autor e, por si, assinala de forma indescritível o govêrno patriótico e realizador do jovem e dinâmico Governante da — Noiva do Mar —, o dr. Roque Aita Júnior.

A propósito dessa comemoração, o "Correio do Povo" divulgou o documento abaixo sôbre a chegada de Silva Pais ao Rio Grande:

Aos desenove dias do Mez de Fevereiro do anno de mil setecentos e trinta e sete, chegou a esta Barra do Rio Grande de Sam Pedro — o Sr. Brigadeiro José da Silva Paes — com os Navios e Embarcações de seu transporte seguintes: — Leão Dourado — Galera — por invocação N.ª S.ª Nazareth, sob o commando do Capm. Luzitano Pedro Siqueira de Abreu, com 30 pessoas de Tripulação e que transportava o Sr. Brigadeiro e seu Estado Maior. — Trouxe muitos petrexos de Guerra e municio de Boca, e esteve ancorada 9 dias fóra da Barra. — Extracto das Gentes que dezembarcarão do — Leão Dourado — (Estado Maior) do Sr. Brigadeiro José da Silva Paes — Commandante Geral das Tropas — Commissario Geral de Mastros — Coronel Antonio de Noronha da Camara — Thezoureiro da Fazenda Real — Pedro Jaques da Silva — Ajudante do Thezoureiro — Manoel dos Santos Pereira — Cap. João Caetano de Barros — Ajudante Pedro de Mattos — da Artilharia do Rio de Janeiro — Alferes João Baptista Ferreira — Alferes Dout.or Borges de Barros — Alferes Antonio de Moraes — 2.º Sargentos — 2 ditos da Bahia — 2 ditos da Artilharia — tambem da Bahia — 90 Soldados de Infantaria

— 56 de Artilharia — 37 Soldados de Dragões — 2 ditos de Pernambuco — 2 Soldados da Armada — 2 Condestavel da Artilharia — 16 Soldados — 21 Soldados da Bahia — 9 tocadores de Tambores — 3 Pagens — e 2 Embandeiradores, num total de 254 Pessoas. Assignado — Antonio do Nascimento Camara, Commissario. — Em 27 de Fevereiro do mesmo anno de 1737, entrou a — Sumaca N.ª S.ª da Conceição, que esteve 23 dias fóra da Barra. Trouxe Carregamento de Munição — Granadas e Material de Sapa — No mesmo dia entrou a Balandra Del-Rey — que vinha na conserva do Brigadeiro José da Silva Paes e que havia partido da Corte com a Esquadra de Guerra — e foi primeiro a Colonia do Sacramento e trouxe Material de Guerra, muitos barrís de Polvora, Barracas, etc. A 9 de Abril daquelle mm.º anno — entrou a Barra, a — Corveta Del-Rey-São Fco. Xavier e Sto. Antonio — digo Sant'Anna — vindos da Colonia do Sacramento, com muitos Soldados — Instrumentos de Guerra e entrando successivamente o Iate-Assumpção — A Sumaca Santo Antonio — e O Latino Bom Successo, a Sumaca Santos e a Galera de 3 Mastros — Gloria — com muitos Soldados, Municio de Alimentação e Algumas Mulheres. Chegarão mais da Ilha de Santa Catharina, Bahia e Colonia do Sacramento, Os Bergantis — São José — São Pedro e Rozario, com material de Guerra — Ligaduras de Pano e Remedios — Ant.º de Nor.ª Cam.ª — Commissario.

O INSTITUTO, como é bem de ver-se, não podia ficar alheio, "pars magna" como fôra por ocasião das festividades, ao ato de inauguração do magnífico monumento ao fundador do Rio Grande.

Porisso, enviou, como embaixador seu, à cidade do Rio Grande, seu secretário perpétuo, dr. Eduardo Duarte, que foi portador da mensagem seguinte:

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL AO POVO RIOGRANDINO, NA PESSÔA DO SEU ILUSTRE PREFEITO, DR ROQUE AITA JÚNIOR.

EM SUAS RESPECTIVAS DIRETORIAS, À BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, rememorando as festividades do bicentenário da fundação do Rio Grande e o empolgante Congresso de História e Geografia, — saúda, fraternalmente, o POVO HOSPITALEIRO E BOM DA CIDADE DO RIO GRANDE, na data em que, patrioticamente, perpetua, no bronze, a imagem do insigne BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAIS, o vencedor, o dominador da "barra diabólica", o soldado destemido e o marinheiro invicto que, — simbolizados nêle, — criaram, para glória da Pátria grande e forte, o Continente de São Pedro, o pervígil audaz das fronteiras nativas.

Porisso, recordando aquela bi-secular façanha de SILVA PAIS, revendo, através as páginas brilhantes de nossa história inegualável, a ousadia do insigne guerreiro domando as procelosas ondas de um mar bravío e adverso, em luta contra a própria natureza, — cheio de orgulho santo e patriótico, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul renova suas congratulações e fraternalmente abraça o GRANDE POVO RIOGRANDINO.

Pôrto Alegre, 2 de março de 1939.

Dr. Leonardo Macedônia — Presidente.
Dr. Eduardo Duarte, secretário perpétuo.
Prof. Afonso Guerreiro Lima, tesoureiro.

A "Rádio Farroupilha", desta cidade, fêz, à tardinha do dia 2 de março, irradiar, como homenagem especial à cidade do Rio Grande, a mensagem acima e um belíssimo poema do dr. Alcides Miller, que a seguir transcrevemos:

BRIGADEIRO SILVA PAIS

Para cantar a fundação — berço
de origem da cidade do Rio Grande,
eu quero a rima heróica, o verso terso,
em que o valor mais alto se demande.

Eu quero a inspiração que, altiva, expande
a grandeza sem par do Universo...
E quero mais ainda, belo e grande,
do gênio — o fogo a crepitar no verso.

Eu quero da bigorna — o rude malho,
da rubra forja — o rúbido trabalho,
a fundição de todos os metais.

E quero, pois não é vaidade fátua,
moldar no coração do povo a estátua
de herói — do brigadeiro Silva Pais.

* * *

Radicador das plagas riograndinas,
tu foste, Silva Pais, o gênio, o nume
tutelar das inhóspitas campinas
que o oceano alarga e que o Chuí resume.

Teu nobre feito proporções assume
de milagre de fadas levantinas...
Tu sonhas um luar de claro nume:
fantásticas regiões — oh! — descortinas!

Descortinas um céu de azul turquesa
refletindo na lúcida beleza
do teu sonho oriental, místico e grande.

E no teu sonho de visão nitente
transparece na bruma austral, ridente,
um mundo encantador — o meu Rio Grande.

* * *

O meu Rio-Grande! Não é bom dizê-lo, —
é feito do que há de mais sensível
na febre delicada ou intangível
do coração a palpitar de zêlo.

O meu Rio-Grande! Quem me dera tê-lo
fechado em meu amor — paixão incrível,
tanto mais bela quanto irresistível
ao egoísmo feroz do meu desvêlo.

Não sei de terra boa, generosa
hospitaleira, franca, dadivosa,
que com ela pareça ou corresponda.

Eu sei é que nas horas tardas, mortas
da noite, em que a cidade cerra as portas,
o chaveiro do céu, — São Pedro, — ronda.

* * *

Na invocação da terra legendária,
que símbolo melhor que o das areias
tão finas, tão poéticas, tão cheias
de nobre encanto e de expressão lendária!

Que símbolo melhor que a planetária
visão da tarde quando, pelas meias
tintas do ocaso, o sol tem epopéias
de luz que morre em pompa extraordinária.

A invocação antrópica bendigo,
bendigo hábito velho, hábito antigo,
tão velho quanto é velha a cristandade.

Se todo o templo tem o seu orago,
o orago do Rio-Grande eu não indago:
São Pedro é o padroeiro da cidade.

É com a mais grata satisfação que registamos em nossas páginas o honroso ofício recebido do ilustre Prefeito da cidade do Rio-Grande, com referência à participação do Instituto Histórico e Geográfico nas festividades e comemorações cívicas em homenagem ao Brigadeido José da Silva Pais.

Eis o expressivo ofício que, penhorados, agradecemos:

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PREFEITURA MUNICIPAL

MUNICÍPIO DO RIO GRANDE

N. 110.

AOS ILMOS. SRS. MEMBROS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE.

4 de março de 1939.

SENHORES

Permitimo-nos a honra, Srs. Membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, de deixar expresso, por este meio, o sincero e profundo reconhecimento que vos devotamos, eu e meus munícipes, pela feição alta e nobremente penhorante que, ao convite que vos endereçamos para a inauguração, em 2 do corrente, do monumento com que o Rio Grande perpetua a memória de seu fundador e patriarca do Rio Grande do Sul brasileiro, Brigadeiro José da Silva Pais, houvestes por bem dar, enviando-nos uma Mensagem de tão formosa expressão quão vivificador conforto, partindo de onde partiu, para os nossos sentimentos cívicos, e fazendo-vos presentes comnosco por intermédio de vosso ilustre par Dr. Eduardo Duarte, cuja participação foi a magna pars por que se poude dispensar ao evento tudo quanto o seu significado exigia de nosso patriotismo conciente.

Aceitai, Senhores, a reafirmação, que o ensejo nos faculta, de nosso elevado apreço e mui distinta consideração.

SAUDE E FRATERNIDADE

Roque Aita Junior

Prefeito.

As primeiras reduções Jesuíticas no Rio Grande do Sul

1626 -- 1638

Memória apresentada ao "Congresso de História", realizado no Rio de Janeiro, em comemoração do Centenário do Instituto Histórico Brasileiro pelo

Coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro

Nos princípios do século 17.º, ainda vivia inteiramente desconhecido o atual território do Rio Grande do Sul. Gabriel Soares de Souza em seu "Tratado Descritivo do Brasil" — 1587, dá superficial notícia de sua costa, e vagas informações sôbre índios, "Tapuias", como chama, revelando bem quão imprecisas eram as informações levadas ao nosso mais antigo historiador.

E nessa situação continuou até 1626, quando o espírito religioso do Padre Roque Gonçalves de Santa Cruz resolveu procurar estender à margem oriental do Rio Uuruguai os centros de civilização Cristã, que sob a denominação de "Reduções" vinham já cobrindo o território da sua margem ocidental.

Não demorou o Venerável Padre Roque para pôr em execução sua idéia, porque, fundada Yapejú em 1626, à margem direita do Uruguai, em frente à embocadura do Rio Ibicuí, resolveu tomar êste rio como sua principal via de penetração no Rio Grande e em suas margens procurar situar as suas Missões.

Sua memorável carta de 15 de Novembro de 1627, deixa-nos ver as dificuldades havidas na tentativa para a fundação da Redução de N.ª S.ª da Candelária, sôbre o Ibiquí, que seria o mais antigo centro de catequese, senão falisse pela forte oposição dos ameríndios, forçando ao Padre Roque, sempre persistente em sua idéia evangelizadora, a procurar outro caminho de penetração nas terras do Rio Grande de S. Pedro.

Foi na zona Serrana, à margem Sul do Piratiní que fruticou sua vontade, fundando aí ainda em 1626 a Redução de S. Nicolau que foi o ponto de ramificação de muitas outras no decorrer dos anos.

Essas Reduções em número de 18, viveram em franca prosperidade de 1626 a 1638, quando a cobiça do braço escravo levou as Bandeiras Paulistas a vir capturar índios nas terras do Rio Grande, matando em absoluto êsses incipientes centros de civilização, que só mais tarde, depois de 1680, voltaram a se formar no Rio Grande talvez com alguns elementos dos expatriados de 1638, mas já reduzidos a 7 núcleos, situados na zona entre os rios Piratiní e Ijuí, sem a menor relação com os antigos, e que hoje são conhecidos como — Sete Povos Missioneiros —.

A descrição e localização desas 18 Reduções é o assunto da presente Memória.

O mapa de Carrafa, denominado "Dos Jesuítas" da época de 1646-49, as localiza com a imperfeição da época, sendo preciso determinar, pelo menos aproximadamente, o valor dos erros instrumentais e imperfeição dos métodos de então, afim de obter-se dados mais exatos para o fim colimado.

O estudo nesse mapa, de pontos relativamente fixos, tais como embocaduras de rios, permitiu-nos, determinando a diferença entre as coordenadas dêles tiradas e as deduzidas dos modernos, verificar aproximadamente, as diferenças ocasionadas pela imperfeição dos instrumentos e métodos de outrora.

Assim, observamos que, nas longitudes, existe um deslocamento constante para Oeste, variando 1.º-52' à 2 graus, exceto em duas Reduções, que atingiu a 2.º-24'; e nas latitudes notamos um deslocamento para o Norte, isto é, para menos,

GABINETE PHOTOCARTOGRAPHICO DO E.M. DO EXERCITO

que varia entre 42' à 1.°, exceto em 4 Reduções, próximas ao Rio Uruguai, cuja diferença variou entre 16 e 26 minutos.

Levando em conta essa diferença nas coordenadas procurámos pela situação topográfica mencionada na carta de Carrafa, localizar a zona provável em que estava situada cada uma dessas Reduções; compreenda-se bem, que não fixámos pontos, mas procurámos dar uma indicação para facilitar posteriores pesquisas, **in locum**, que é o melhor meio de bem localizar as Reduções em estudo.

O Meridiano de referência da carta de Carrafa, como no geral das cartas parciais holandesas da época, em relação ao Brasil e mesmo ao Rio da Prata, é o Meridiano de Recife, sendo os graus contados pelo leste; assim, para facilidade do estudo, os convertemos ao Meridiano do Rio de Janeiro, tomando para Recife 8.° 16' L. Rio.

Fizemos também o estudo da Carta de Ernot, publicada pelo Pe. Jaeger na **Rev. do Ins. Hist.** do Rio Grande do Sul, vol. XVI — 1.° trimestre na qual, infelizmente as falhas na impressão não nos permitiram localizar algumas Reduções.

Comparando as Cartas de Carrafa e Ernot nota-se nesta uma diferença de 40 minutos nas longitudes, a mais para O., e uma diferença nas latitudes, variando entre 2 a 10 minutos.

No quadro anexo melhor se verá essa comparação entre Carrafa e Ernot e as coordenadas determinadas pela situação topográfica das Reduções, em estudo comparativo da situação delas, segundo Carrafa e acidentes físicos nas cartas modernas, que podiam servir de referência.

Repetimos ao terminar, que as coordenadas que damos deduzidas da situação topográfica, são as centrais da zona provável de localização dessas Reduções, e cujo raio, pensamos, não excederá de milha.

Para simplificar, chamamos — COORDENADAS DE CARRAFA, — às deduzidas do Mapa do mesmo: e — COORDENADAS ATUAIS — as deduzidas pelo estudo da localização topográfica das Reduções nesse Mapa em comparação com os mapas modernos.

O estudo descritivo de cada uma das Reduções que desa-

pareceram pelas invasões das Bandeiras Paulistas, é feito nas páginas seguintes.

O magnífico trabalho do Rev. Padre Jaeger publicado na "Terra Farroupilha", volume comemorativo do 2.º centenário da fundação do Rio Grande do Sul, reproduz o mapa do Pe. Luiz Ernot e o diz desenhado no ano de 1631, ou 32. Há nisto equívoco evidente. Êsse mapa deve ter sido organizado posteriormente a 1638 pelo que depreende-se do "Notularum explicatio" que encabeça o Mapa e onde lê-se:

"† Reduct. indor: Cristianorũ P. P. Stis Jesu, destrutae". Redução dos índios de confissão dos P. P. da Socde. de Jesús, destruídas; ora essas Reduções foram destruídas e abandonadas entre 1636-1638, logo êsse Mapa que a elas se refere, só pode ser posterior à sua destruição.

Aproveitamos o Mapa organizado pelo agrimensor Leovegildo Veloso da Silveira para a obra do Dr. Hemetério José Veloso da Silveira, sôbre as Missões, para nêle localizar as Reduções que estudamos, por nos parecer ser o mais adequado a êsse fim, anexando ao mesmo alguns dados sôbre longitudes.

SÃO JOAQUIM

SITUAÇÃO — Situada à margem direita do Rio Pardo, em suas pontas na serra do Butucaraí, e não perto da atual Soledade, como diz Teschauer. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 28° 10 S. e 340° 32' de Longitude leste de Recife, sejam 11° 12' O. do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 29° 10' Lat. S. e 9° 18' long. O. do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 1°, Long. 1.º 54'.

FUNDAÇÃO — Fundou esta Redução em 1633 o Padre Juan Suarez célebre entre os Missionários pela sua pobreza e simplicidade, estas virtudes demonstrou desde logo, pois no cumprimento da ordem para fundar S. Joaquim nada levou

consigo para atrair os índios a não ser "la semilla del Santo Evangelio", como respondeu aos que lhe perguntavam o que levava para fundar sua Missão (B. Nal. — I — 29-7-25).

Não deixando de sofrer as consequências dessa sua simplicidade, principalmente nos alimentos, pois até novas sementeiras, foi obrigado à alimentação de milho e frisoles, que aos europeus fazia muito mal, habituados, como eram, ao pão de trigo, salvando-o a caridade dos Padres de outras Reduções, que lhes enviavam suas sobras.

A-pesar-das dificuldades levantou cruz e construiu sua capela e casa, matriculando, doutrinando e batizando os índios que pressurosos vinham reduzir-se.

Em 1634, foi visitá-la, indo da nova Santa Teresa, que tinha mudado das pontas do Uruguaí-Mirim, para as do Jacuí, o padre Ximenes, que a pedido dos índios quis levantar nova capela, o que com dificuldade fêz devido à "natureza pedregosa da Terra" —, que não permitia aos índios fazer as escavações para cravar os esteios.

Depois de matricular cêrca de cem famílias, e batizar crianças preparadas para êste sacramento, seguiu o Padre para Santana, visto não poder ir diretamente para Apóstolos, por não existir caminho aberto entre S. Joaquim e essa Redução. (I-29-7-25).

Em 1636, pela invasão e ataque de Jesús Maria, pelas Bandeiras, retirou-se seu povo para Santana e depois para Natividade, de forma que na Redução nada encontraram os Paulistas, quando a ela chegaram.

JESÚS MARIA

SITUAÇÃO — Situada à margem direita do Rio Pardo, cêrca de 20 a 25 quilômetros acima da foz do Rio Pardinho. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — Latitude 28° 45 S. Longitude 340° 28' leste do Recife, sejam 11° 16, O. do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — Lat. 29° 45' S. e 9° 22' long. leste do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 1°, long. 1° 54'.

FUNDAÇÃO — Estava a Redução no sopé do último contraforte da Serra de Butucaraí, à margem do Jequí (Rio Pardo) cêrca de 20 quilômetros acima da foz do Jequijii (Rio Pardinho), sendo fundada em Novembro de 1633 pelo Padre Pedro Mola que, de S. Carlos, onde residia, marchou no cumprimento de ordens para S. Joaquim de passagem para execução de sua missão.

Os índios da zona onde seria fundada Jesús Maria, que já aguardavam o Padre Mola para erguer a Cruz, símbolo da fundação da Redução, tal como o pelourinho das Velhas Ordenações portuguesas, ao saberem da sua partida de S. Joaquim o foram encontrar a caminho, levando os Caciques presentes de "mbocayry", "que es un genero de lino precioso proprio da tierra", diz o Padre Romero, em sua Ânua. (B. Nal. ms. I-29-7-25).

Chegando ao local escolhido, disse-lhes o Padre a que ia, e dentro de quatro dias, levantaram os índios uma casa para êle e em seguida uma Capela de 34 por 50 palmos, onde rezasse missa e administrasse os Sacramentos.

Durante a execução dos trabalhos chegou à Redução o Padre Cristóvão de Arenas, cuja missão de caridade consistia em conduzir gado para atender aos necessitados, e ajudar os mais Padres, no que era infatigável.

Conservou-se o Padre Arenas em Jesús Maria, ajudando o Padre Mola na sua missão de catequese, visitando as aglomerações de índios onde havia enfermos a tratar. Rápida progredia a Redução para onde convergiam os índios da zona, afim de reduzirem-se.

Dessa Redução partiu a 8 de Abril de 1635, o Padre Cristóvão de Mendonça a catequizar nas terras do Íbia, além do Tibiqua (Taquarí), e passando a Caagua, zona que se estendia do Taquarí ao Mar, foi bem recebido pelos índios que a ocupavam, fazendo nela muitos catecúmenos.

A 23 de Abril, deixou a Caagua de volta para a sua Redução sendo vítima de sua bôa fé nas margens do Íbia, porque confiou nos índios que o povoavam os quais o convidaram a ficar a predicar.

Não se conformavam os Pagés, feiticeiros como eram chamados pelos Padres das Reduções, com a perda de seu poder sôbre os índios, consequência das prédicas e da ação catequizadora dos Missionários, e surgiu-lhes a idéia de revolta e exterminação dos Padres a quem consideravam os seus principais inimigos.

Quando a fundação de S. Miguel pelo Padre Cristóvão de Mendonça, um dêles chamado Tayubae, opôs-se à conversão dos índios, sendo necessário fazê-lo fugir da zona afim de evitar que os próprios índios o matassem.

Êsse Tayubae foi para a zona do Íbia habitada por índios refratários à catequese, onde, sabendo da passagem do Padre Mendonça para o Caagua, aliciou outros pagés entre êles Ieguácaparú, cuja fama de feiticeiro-mor, era conhecida pelos Padres, nos deixando o Padre Ximenes em sua carta de 26 de Maio de 1635, datada de Natividade, os nomes dos principais dêles que eram: Tayubae, Tayabaiba, Guipari, Nanduy, Tabeçaca, Iapepayeca, que convocando seus parciais atacaram o Padre Mendonça e sua comitiva e o mataram a 26 de Abril dêsse ano, depois de martirizá-lo por longo tempo. (B. Nal. I-29-1-48).

Êsse atentado motivou a reunião em Jesús Maria de mais de 1.600 índios de outras Reduções, principalmente de S. Miguel, chefiados pelo Cacique dessa Redução Guaimicará, e foram a buscar o corpo do mártir, que jazia nu e estraçalhado, à margem de um banhado.

Procuraram resistir os de Íbia, mas os venceram os catecúmenos, sendo aprisionado Tayubae, que teve a morte **amacanadas**, dadas pelo Cacique Guaimicará, no mesmo lugar do trucidamento do padre Mendonça, cujo corpo a 20 de Maio entrava em Jesús Maria, envolvido em um lençol, para receber sepultura que seus serviços e martírio lhe deram direito.

Normalizada a vida em Jesús Maria, continuou seu desenvolvimento sob a direção do Padre Mola, até que vieram

os Paulistas, com seus bandos atacar as Missões no Rio Grande do Sul.

No dia 2 de dezembro de 1636, chegaram à Redução de Jesús Maria 140 Paulistas e 1.500 Tupís, armados, marchando ao som de Guerra; estavam na Redução os Padres Romero e Mola, e irmãos Antônio Bernal e Julião de Cardeñas, com poucos elementos de defesa.

Já tinham os Padres conhecimento da presença dos invasores na Serra, mas não os julgavam tão numerosos, nem tão próximos.

Para sua defesa tinham 300 índios capazes de lutar e entrincheirados na Igreja e casas contíguas, iniciaram a resistência a tiros de arcabuzes, manejados por cêrca de meia dúzia de índios que com êles sabiam lidar, atirando os demais suas flechas.

Cercaram os atacantes o quarteirão constituído pela Igreja, casa e horta dos Padres, o qual era fechado por obra de taipa ou cêrca de pau a pique unida à Igreja.

Foi ferido o irmão Bernal em uma mão, por ricochete de bala sôbre uma efíge de N.ª S.ª que trazia ao peito e que o livrou da morte, não sem deitar golfadas de sangue, devido ao impeto. Vendo os atacantes que a resistência encontrada lhes tinha causado muitos mortos e feridos, procuraram lançar fogo à Igreja coberta de palha, utilizando-se de flechas com mechas de algodão inflamado, o que forçou os Padres a oferecer rendição a qual foi aceita.

Penetraram os atacantes aprisionando os índios e índias, e tomada assim Jesús Maria, passaram às outras Reduções enquanto os Padres procuravam enterrar os mortos e tratar dos feridos. (B. Nal. I-29-1-66).

E assim terminou sua vida a Redução de Jesús Maria, pois os seus catecúmenos que escaparam procuraram acoutar-se em Natividade, que julgavam mais abrigada. Jesús Maria teve uma população de mais de 2.000 habitantes.

Desde de outubro de 1635 tiveram os Padres da Redução de Jesús Maria notícia de plano dos Paulistas em vir sôbre as reduções do Rio Ygai. Primeiro, por saberem que utilizando-se de tupís, seus aliados ou dependentes, bem vestidos envia-

dos a resgatar na zona de Caamo, com pedidos de licença para fazerem junta em Ibitiraó, ao que se opuseram os índios da zona por já saberem os resultados dessas incursões de escravização de seus irmãos.

Segundo, por conhecerem suas ameaças em vir sôbre a zona de Caamo, em consequência do mau resultado das primeiras tentativas, ameaças que deram motivo a pedidos de auxílio de índios de Caamo à Redução de Jesús Maria, vindo o Padre Mola até às pontas do Tibiquarí onde chegou a aprisionar alguns dos Tupís, fugindo os outros apressadamente. (B. Nal. 5--29-7-28-cart. de Padre Mola de 22 de outubro de 1635 ao Provincial).

Por dois pontos podiam as Reduções do Igai serem atacadas, nos diz o Padre Mola nessa sua notável carta; um pela zona do Caagua, o outro pelo pôrto de Guebirenda.

A zona do Caagua, nós a encontramos assinalada nos mapas de Ernot e Carrafa, ficava ao Sul da zona de Caamo (Campo de Vacaria) da qual devia se separar pelo Rio das Antas, que possivelmente limitaria as duas zonas; mas nenhuma indicação encontramos nesses mapas, e em posteriores sôbre o pôrto de "Guebirenda".

Existe em Sta. Catarina pôrto de Gambirela, na baía da Ilha ao Sul do Rio Cubatão, mas essa Denominação mesmo, não sabemos desde quando vem, a encontramos no mapa de Paulo José Miguel de Brito (1829).

Combinando essa carta do Padre Mola, com a — Declaración de los indios que vinieron a Sto. Tomé, 1669 — (ms. I-129-2-53—B. Nal.), onde dizem que os paulistas — haziam su viaje hasta la laguna de los Patos en barcos e nabios para traer su matolotaxe y demas petrechos de guerra... y de alli venir-se por tierra hasta el Igay como camino mas breve a estas dotrinas — chega-se à conclusão que êsse pôrto de Guebirenda era em Santa Catarina, pois "Laguna de los Patos", "Rio de los Patos", (atual Embaú), zona de los Patos (ao Norte da Laguna de los Patos), são denominações que hoje ninguém mais põe dúvidas sôbre sua localização em Santa Catarina. Sabendo-se também que a denominação da atual Lagôa dos Patos, no Rio Grande do Sul, só aparece muito depois de 1750,

pois o "Mapa das Côrtes", dessa época, ainda a menciona como "Rio Grande de S. Pedro", e que só aparece essa denominação nos Mapas dos engenheiros da 2.ª demarcação, 1777, fato êste bem sabido dos que conhecem a cartografia da época.

Estes dous documentos destroem em absoluto tôda e qualquer idéia de penetração de Bandeiras no Rio Grande pela barra, pois desconhecendo o seu prolongamento para o interior, comprovado isso pelo exame dos mapas existentes até 1750, não é crível a sua penetração, ao Deus dará, por aventureiros que como nos diz o Padre Mola andavam primeiro a sondar o terreno; e sabemos que a primeira penetração da barra foi pela fragatinha inglesa, que corrida dos ventos, como salvação arrojou-se à sua penetração em 1713, como nos diz o Sargento-Mor Aguiar em suas "Notícias".

De tudo isto vê-se que os caminhos de comunicação para as Reduções do Igai a que refere o Padre Mola eram: pela Vacaria vindo por terra, diretamente; e pelo costão da Serra, quando desembarcados em Guebirenda (Santa Catarina), sendo êste talvez o mesmo caminho aproveitado em 1715 por Francisco de Brito Peixoto quando da Laguna lembrou-se de procurar as minas de ouro de Ibitucaraí (Butucaraí).

Outrossim, por documentos preciosos existentes na Biblioteca Nacional, coleção Angelis, se verifica que o território do atual Rio Grande do Sul, só por duas vezes foi invadido pelas Bandeiras à cata de índios para escravisar, ambas no mês de dezembro, uma de 1636 e a outra 1637, pois devido a êsses dois ataques, mudaram-se as Reduções para o outro lado do Rio Uruguai, e perderam assim os paulistas com isso a razão de ser de suas investidas, que era a de encontrarem os índios concentrados, o que facilitava a sua finalidade.

SAN CRISTOVAL

SITUAÇÃO — À margem direita do Rio Pardo, abaixo da foz do Rio Pardinho, a meia distância dessa foz ao Jacuí, ao S. E. da atual Cruz Alta do Rio Pardo. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 29° 2'; Long. 340° 22' Leste do Recife sejam 11° 22' Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — Lat. 30° 00' S. e 9° 28' Long. O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 58' Long. 1° 54'.

FUNDAÇÃO — Fundada pelo Padre Contreras em 1634, foi abandonada em dezembro de 1636, devido ao ataque pelos Paulistas à Redução de Jesús Maria, que nela entrando e não achando os índios, queimaram a povoação.

Quando do ataque à tomada de Jesús Maria, juntaram-se índios em Santana em número de 1.600 e foram para S. Cristoval para defenderem o caminho que unia as duas Reduções.

Em S. Cristoval estiveram alguns dias até que foram atacados pelos Paulistas, resistiram 4 a 5 horas até ao anoitecer, quando se retiraram para Santana para cuidar dos feridos, sendo então queimada a Redução de S. Cristoval pelos Paulistas.

Seu povo, foi em 1637 com o de Santana, para onde se tinha recolhido, levado para Natividade, e depois para o outro lado do Uruguai em 1638.

Esta Redução não consta da Ânua do Padre Romero, devia ter sido fundada depois de Maio de 1634.

SANTANA

SITUAÇÃO — Situada à margem esquerda do Jacuí, (Ygai), muito acima da foz do Vacacaizinho (Araricá); devia ser logo acima da foz do arroio Paredão. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — 28° 56' lat. 340° 04' long. leste de Recife sejam 11° 40' O. Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — Lat. 29° 55' S. long. O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 59°, Long. 1° 54'.

FUNDAÇÃO — Para fundar esta Redução, veio do Paraguai o Padre Inácio Martinez, em meiados de 1633, que no lugar da Redução já encontrou gente reunida e disposta a atender às suas determinações, de forma que quando chegou o Padre Romero, com o Padre Adriano Formoso vindo também do Paraguai, já a encontrou formada e de Cruz levantada. — (B. Nal. I-29-7-25).

Progredia como as demais Reduções, até que em princípios de dezembro de 1636, veio a notícia do ataque feito à Redução de Jesús Maria, pela Bandeira Paulista, que ávida de escravos os vinha buscar nas tranquilas paragens do Rio Pardo.

Com as primeiras notícias, vieram chegando os fugitivos de S. Joaquim que abandonaram sua Redução antes de vê-la atacada, alguns remanescentes de Jesús Maria e de S. Cristotóvão, a segunda atacada.

Rápido, espalhou-se a notícia, e juntaram-se em Santana cêrca de 1.600 índios de outras Reduções da Serra, que marcharam pelo caminho de S. Cristóvão a cobrir a passagem para Santana.

Perto de S. Cristóvão conservaram-se alguns dias até que acometidos no dia 25 de dezembro pela tarde, batalharam cêrca de 4 a 5 horas, perdendo muita gente, retirando-se pela noite para Santana a cuidar dos feridos.

De Santana recolheram-se todos os índios para Natavidade onde ficou resolvido ser feita a grande resistência, e bem avisados andaram, pois pouco depois chegaram os paulistas e tomaram posse da Redução, não encontrando gentio para escravizar. (B. Nal. ms. I-29-1-66).

Não voltou mais a Redução de Santana a ser ocupada pelos índios, que preferiram seguir o êxodo geral, mudando-se para as margens do Paraná.

SANTA TERESA
(2.ª)

SITUAÇÃO — Nas pontas da vertente mais ocidental do Jacuí nas proximidades da atual cidade do Passo Fundo, e não de Cruz Alta, como diz o Dr. Hemetério Veloso. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — 26° 52' de Lat. S. — 340° 12' long. leste do Recife sejam 11° 32' O. do Rio de Janeiro, (devem ser da 1.ª Sta. Teresa).

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 28° 12', Lat. S. e 9° 8' long. O. do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA DE COORDENADAS — Lat. 1° 20' long. 2° 24. Nas coordenadas desta Redução nota-se maior diferença do que as encontradas nas demais.

Para nós, a explicação está no fato de ter havido confusão ao ser confeccionada a Carta de Carrafa, porque duas foram as reduções fundadas com o nome de Sta. Teresa, a primeira nas pontas do Uruguai-mirim, hoje rio Passo Fundo, a segunda nas pontas do Jacuí.

A confusão proveio, de certo, do fato de ter o cartógrafo as coordenadas da 1.ª Sta. Teresa, e posteriormente ter recebido a notícia de que o Jacuí nascia perto de Santa Teresa, já a 2.ª; daí ter locado Santa Teresa pelas coordenadas recebidas e prolongado as nascentes do Jacuí mais ao Norte do que são realmente, forçando-os a passar perto da Redução locada. A segunda Sta. Teresa devia ter na Carta de Carrafa as seguintes coordenadas: Lat. 27°—12'; Long. 340°—36', aproximadamente.

FUNDAÇÃO — Assinala o Mapa de Carrafa, um caminho que partindo do estuário platino, perlongava o Uruguai pela margem direita, e penetrando no Rio Grande do Sul, acima da foz do Ijuí, perto da Redução de Assunção, continuava pelos atuais campos de Santo Cristo (Caapi) e Santo Ângelo, pela divisa de águas entre Ijuí e Carandaí, atravessava o Campo do Meio, e penetrava, pelas pontas do Uruguai, em Santa Catarina, a sair no litoral acima do Rio Tijucas.

Sôbre êsse caminho, na entrada de anosas matas na região denominada pelos índios, "Ibitini", terras do Cacique Guaraê, em agradável e apropriada situação, fundou em 1632 o Padre Ximenes a Redução de S. Teresa.

A escassez de Padres para atender às Reduções que se multiplicavam, e o afastamento que ficava Santa Teresa, das de S. Carlos e Apóstolos, cujos Padres tinham que atendê-la no múltiplo cumprimento de seus deveres espirituais e temporais, determinou a necessidade de sua remoção para lugar mais próximo do conjunto das Reduções do Rio Ieguií (Rio Pardo).

Resolvida pois a mudança da sede da Redução de Sta. Teresa foi dela incumbido pelo Pe. Romero, o próprio Pe. Ximenes, seu fundador, e que na ocasião sediava em Apóstolos.

Grande dificuldade teve o Pe. Ximenes em convencer Guaraê e sua parcialidade da conveniência da mudança da Redução e do abandono de suas terras, vencendo afinal a justa relutância encontrada, pela ameaça de não poderem os Padres atendê-los no local em que estavam.

Fundada a nova Redução nas cabeceiras do ria Igai, (Jacuí), "famoso en esta tierra que por la costa del Brasil, en 32 grados vierte en el mar del Norte" , como diz o Pe. Romero em sua Ânua citada, foi levantada Cruz a 22 de Março de 1633, sendo reforçada com gente vinda do Mboicariroi (Carreiro), matriculando o Padre Ximenes 250 famílias e batizando 50 crianças que constituiram o núcleo inicial da nova Santa Teresa. Continuando em seguida o Padre Ximenes, sua peregrinação civilizadora com destino a S. Joaquim, também em início de formação, e depois de recolher-se a Apóstolos, voltou a assumir a 6 de Agôsto dêsse ano o seu encargo de diretor de Santa Teresa.

Faz o Padre Romero o panegírico da zona onde se fundou a nova Santa Teresa, descreve os pinheiros em termos de admiração, os seus frutos e utilidade alimentícia, que em época de apêrto ajudarão a alimentação dos índios, não deixando de citar os grandes ervais que lhe estavam contíguos, de erva — "Coguar" — como le llama los índios" de que "geral-

mente usa toda esta Nación Guarany, y sin ella parece no pueden vivir".

Em maio de 1634 já contava Santa Teresa mais de 800 famílias matriculadas, reduzindo-se a ela também muitos índios Guananas que começavam a ser civilizados, sendo batizados entre todos cêrca de 400 crianças. (B. Nal. m. s. I-129-7-25).

De Santa Teresa, partiu o padre Ximenes a 3 de janeiro de 1635 para fazer uma entrada pelos sertões do Tibiquari (Taquarí) em missão de catequese. Entrou pelo Capijii (S. Domingos) que ficava a 9 dias do caminho de S. Teresa, onde embarcou em canôa chegando com meio dia de viagem ao Mbocariroi (Carreiro) pelo qual navegou dois dias até entrar no Tibiquarí (Taquarí). Por êste rio navegou 3 dias e saiu no Mboapari onde deixou a canôa devido à baixa das águas, voltando à Redução depois de 5 dias de excursão pelos matos dessa última região em cumprimento de sua missão.

Seu parecer foi a organização de três centros: em Capijii, Iuiiti, (montes sôbre o Tibiquarí) e na bôca do Mboapari, porque nestes pontos já encontrou muita gente reunida, se bem que a zona fôsse "fragosíssima", sem campo para manter 4 vacas.

Em tôda sua excursão batizou 250 crianças, que tôdas deviam reduzir em Sta. Teresa ou em Visitação em vias de funcionamento. (I-29-1-47. B. Nal.).

Foi essa Redução atacada pelos Paulistas em 23-XII-1637, (Azara) e depois de prolongada resistência foi abandonada, recolhendo-se os que escaparam, para as Reduções do outro lado do Uruguai.

Esta Redução de Sta. Teresa, foi atacada pela Bandeira de André Fernandes, em fins de 1637 que achando bom o local, para um ponto de concentração e apôio das fôrças, que invadissem o Rio Grande, à cata de índios, nela fundou um povo de Tupís, sob a direção espiritual do Pe. Fernandes, seu filho.

Continuou Sta. Teresa, de los Piñales, como lhe chamavam na época, sua existência por mais algum tempo, que não podemos precisar. (B. Nal. I-29-2-53, doc. n.º 2).

Chegou a ter cêrca de 4.000 almas, Teschauer chama a segunda Sta. Teresa, a das pontas do Jacuí, de **Visitação.** Mas o que se verifica da carta do Pe. Ximenes ao Pe. Romero datada de 4 de de fevereiro de 1635, (B. Nal. I-29-1-47), é que nesse ano de 1635, existiam as duas Reduções: **Sta. Teresa** e **Visitação.** independentes, não nos sendo possível localizar esta última por falta de informação, sabendo-se simplesmente que sua vida era precária, conforme diz a carta acima referida.

NATIVIDADE

SITUAÇÃO — Nas vertentes do Ivaí, nas fraldas da Serra de S. Martinho, vertentes do Jacuí. Diz o Dr. Hemetério Veloso que ela ficava à margem direita do Araricá "o verdadeiro Jacuí", no que há engano, pois até princípios de 1800, Araricá era o nome do Vacacaí-mirim afluente da margem direita do Jacuí, que nasce por S. José do Pinhal e corta-se no verão, tão pouca água tem; a indicação topográfica de Carrafa, faz ver que essa Redução ficava à margem direita de uma afluente forte do Igai (Jacuí), muito acima de sua forte reflexão para o Norte, cêrca de meia distância entre a forqueta Jacuízinha — Jacuí e essa deflexão. Pertencia à Região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — 28° 16' lat. S. e 339° 36' long. leste Recife, sejam 12° 08' O. Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 29° 14' lat. S. e 10° 14' long. O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA DE COORDENADAS — Lat. 58', Lang. 1° 54'.

FUNDAÇÃO— Pode-se dizer que a idéia da fundação de uma Redução nessa zona, partiu dos próprios índios seus moradores, que levando seus filhos a outras Reduções a batizar, pediam padres para fundarem uma Redução onde se localizavam.

Foi o Padre Pedro Alvarez, depois de deixar o Iguassú, cometida essa incumbência, que efetuou em 8 de setembro de 1633 (sob a denominação de Natividade de N.ª S.ª), sendo recebido pelos índios com muita alegria.

Viu o Padre Alvarez o mal escolhido ponto pelos índios para reduzirem-se, por estar em uma serra alta e exposta aos ventos, os mudou para melhor ponto, não longe do primitivo, que oferecia melhores condições para o estabelecimento da Redução.

Grande habilidade e presteza desenvolveram os índios na construção da Igreja e casa para o Padre, o que causou admiração ao Padre Alvarez, que confessa excederam aos índios de há muito reduzidos. (B. Nal. I-29-7-25, Ânua do Pe. Romero).

Muitos foram os batizados, passando de 800 famílias matriculadas, chegando a ter na época da invasão das Bandeiras, cêrca de 6.000 almas.

Nesta Redução reuniram-se em 1636, os índios vindos das Reduções de Santana, S. Cristóvão, e São Joaquim, quando do ataque e tomada da de Jesús Maria, vindos todos de Santana por considerarem que o Igai (Jacuí) lhes formava um antemural seguro. E em número de 2.500 aguardavam a chegada dos Paulistas para fazerem a reação competente.

Dirigia essa concentração o Pe. Antônio Ruiz, como Superior das Reduções, auxiliado pelos demais Padres, que se achavam em Natividade e que em conselho resolveram: primeiro, abrigar nos matos as mulheres, crianças, velhos e enfermos bem como as alfaias das igrejas, afim de terem liberdade de ação; segundo, fortificar a margem direita do Jacuí, defender as canôas e balsas, não só para que o inimigo delas não tomasse conta, como para manter elemento de passagem do Rio aos fugitivos retardatários, ficando balsas e canôas, protegidas por um terrapleno sôbre o Rio com forte guarda permanente; terceiro, cobrir os passos do Rio onde pudessem existir vau.

Completando as medidas de defesa, resolveram os Padres organisar emboscadas aos atacantes que preocupavam-se com o saqueio das chácaras dos índios existentes à margem esquerda do Ibicuí, atacando em cilada todos os inimigos esparsos. De grande efeito foi essa medida, pois levantou a ânimo dos índios atacados e produziu a desmoralização entre os atacantes que já temiam se separar.

Essa resolução dos Padres lhes foi facilitada pela concentração em Natividade de índios válidos de outras Reduções mais abrigadas, tais como: S. Cosme, S. Miguel, S. Tomé e S. Joseph que vieram ajudar os índios fugidos das Reduções atacadas, de forma que quando o Provincial Borôa, que em S. Nicolau recebera notícias minuciosas do ataque dos Paulistas, chegou a Natividade, já encontrou tôdas as providências de reação tomadas e dando os melhores resultados.

Êsse Provincial determinou seguirem espias para Santana, a ver o què fazia o inimigo, voltaram os espias noticiando a retirada dos atacantes, o que determinou a ida do Padre Borôa a verificar de visu as atrocidades cometidas pelos invasores, passando em seguida à Redução de S. Cristóvão, mandando enterrar em ambas as Reduções inúmeros corpos já em decomposição. (B. Nal. I-29-7-29).

Diz o Padre Pablo Hernandez, em seu livro citado que essa Redução foi fundada no Monte Araricá, nas nascentes do Jacuí.

Em 1638, foram os índios da Redução mudados para o outro lado do Uruguai, onde fundaram a redução dos Mártires, entre Concepción e Santa Maria (Azara).

SÃO COSME S. DAMIÃO

SITUAÇÃO — À margem direita do Ibicuí, em suas pontas na Serra de S. Martinho, nas proximidades da atual Vila de S. Martinho.

COORDENADAS DE CARRAFA — 28° 34' lat. S., 339° 8' long. sejam 12° 36' long. O. Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 29° 32' lat. S. e 10° 40' long. O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 58' Long. 1.° 56.

FUNDAÇÃO — Fundada em 1634 pelo Padre Adriano Formoso na região do **Tape,** no lugar denominado Ibitimirí (Teschauer). Diz o Padre Po. Hernandez que foi sôbre a mar-

gem do rio Anendá. Azara a diz fundada a 24 de janeiro de 1634.

Hemetério Veloso, em seu trabalho "Missões Orientais", dá para localização desta Redução a mesma por nós achada.

Diz Teschauer, que em 1637 chegou a ter 2.200 famílias e que foi fundada a primeiro de janeiro de 1634.

Esta Redução não consta da Ânua do Padre Romero, que é de maio de 1634; devia ter sido fundada depois dêsse mês, e não em janeiro, como dizem Azara e Teschauer.

Quando do ataque de Jesús Maria, enviou também seu contingente de homens válidos para cobertura do Rio Jacuí, na concentração feita em Natividade.

Pelas invasões das Bandeiras seu povo passou o Urugaui e tomou posição perto do arroio Aguapei, sendo depois deslocado para o lado N. do Paraná, voltou a incorporar-se à Candelária, da qual se separou em 1718, voltando novamente sua gente para N. do Paraná em 1740 onde estacionou (Azara).

SÃO MIGUEL
(1.ª)

SITUAÇÃO — À margem direita do Ibicuí, no Rincão de S. Pedro, nas pontas da Serra de S. Pedro. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — 28° 36' Lat. S. e 338° 56' Long. seja 12° 48' O. do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 29° 36' lat. S. e 10° 54' long. O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 1°, Long. 1.° 54'.

FUNDAÇÃO — Fundada em 1632 pelos Padres Cristóvão Mendonça e Pablo Benavides, na mesma época em que era fundada a Redução de São Tomé, e no lugar chamado — Itaiacecó — (B. Nal. I-29-1-55). Rápido foi o seu desenvolvimento pois em 1634, batizaram-se 843 índios, sendo 408 adultos e 435 infantes, a-pesar-da dificuldade oposta pelos pagés, desta-

cando-se entre estes, Taiuba e, que foi forçado a fugir para o Ibia, os quais induziam os índios a se conservarem nos ínvios montes e matos, o que obrigava aos Padres a ir buscá-los, sempre de improviso, para evitar que se internassem pelas matas a dentro. (B. Nal. ms. I-29-7-25).

Quando do ataque dos paulistas a Jesús Maria em 1636, mandou S. Miguel seu contingente para a concentração em Natividade a impedirem a passagem do Rio Jacuí aos atacantes.

Aumentando as ameaças dos paulistas, resolveu o Padre Orégio, que administrava S. Miguel, levar a gente que tinha ficado ao seu encargo, para o outro lado do Uruguai, a melhor abrigá-la.

Com êsse intento adiantou-se o Padre até o local da Redução de Mártires, já abandonada, extraviando-se então de seus companheiros , dos quais se perdeu durante três dias, causando grande susto aos mais Padres que logo souberam do acontecido.

O Provincial Borôa, que os acontecimentos de Jesús Maria tinham trazido apressadamente do Paraguai, na ocasião já na Red. de S. Nicolau, tendo notícia do ocorrido com o Padre Orégio, enviou ao Pe. Silvério Pastor com índios de S. Nicolau a procurar o extraviado, tirando-lhes dos cuidados o Pe. Francisco Molina, que chegava diretamente de S. Miguel, e deu a notícia do encontro do Pe. Orégio e dos ataques de Jesús Maria, S. Cristóvão e Santana e ameaças à Natividade.

Abandonada em 1638, pelas invasões das Bandeiras em 1636 foram os índios para a outra margem do Uruguai, para Concepcion, de onde muito mais tarde em 1687, voltaram para fundar a segunda São Miguel na Coxilha do Pirapó; chegou a ter cêrca de 3.000 habitantes.

O Dr. Hemetério Veloso, por equívoco, chama de S. Joseph esta Redução.

SÃO CARLOS DO CAAPI

SITUAÇÃO — Situado no atual Campo de Santo Cristo ao N. da povoação de Santo Ângelo, nas fraldas da Serra ao Norte do Ijuí Grande.

COORDENADAS DE CARRAFA —
COORDENADAS ATUAIS —
DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS —

FUNDAÇÃO — Fundada em 1631, pelos Padres Mola e Felipe de Viveros, muito afastada das outras sofreu as consequências dêsse afastamento pela falta de comunicação. Muito lhes valendo o cacique Apicabiia, depois de renunciar seus hábitos de ter muitas mulheres e que constituía **pedra escandali,** como diz o Padre Romero, em sua Ânua em 1634.

A essa Redução uniu-se com sua gente o cacique Iandeia, o que lhe aumentou o número de habitantes e sua importância. Em sua capela existia em quadro, uma bela imagem de S. Carlos, pintada pelo Irmão Luiz Vergel, de grande estimação entre os índios reduzidos.

Sua primeira situação em lugar muito batido pelos ventos, motivava afastarem-se os índios; foi logo mudada pelos Padres, para melhor ponto, junto do primeiro, mas mais abrigado. (B. Nal. ms. I-29-7-25). — Abandonada e destruída em 1638, chegou a ter uma população de cêrca de 6.000 habitantes.

O Dr. Hemetério Veloso, diz que ficava na atual estância de "Dous Irmãos".

Carrafa e Ernot, não indicam a situação da Redução de S. Carlos, mas sim indicam só "Zona del Caapi".

Encontrámos na interessante Obra do Padre Pablo Hernandez "**Hist. dos Jesuítas, etc.**" locada em um de seus mapas a posição da Red. de S. Carlos, por êsse mapa deduzimos que suas coordenadas seriam 28° 28' Lat. e 10 43' Long. O. Rio.

APÓSTOLOS DE CAAÇAPAGUASSÚ

SITUAÇÃO — Situada entre o Ijuí Grande e o Ijuí-mirim, nas pontas da Coxilha divisa de águas entre estes rios, como bem diz o Dr. Hemetério Veloso. Pertencia à Região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 27° 34' e 338° 42' leste do Recife, sejam 13° 02' O. do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — Lat. 28° 28' e 11° 6' long. O. do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 54' long. 1° 56'.

FUNDAÇÃO — Fundada em 1633, abandonada em 1638 pelo receio dos ataques dos Paulistas.

Em 1633, o Padre Adriano Crespo, seu diretor, viu-se em séria dificuldade com o pagé Ibapiri, que com grande ascendência sôbre os índios, os incitava a voltar para os matos e a não se reduzirem. E isto só cessou com a morte de Ibapiri, o que permitiu ao Padre Adriano, a-pesar-de seus achaques continuados, ter os índios sob sua jurisdição, sendo então batizados cêrca de 600 índios, dos quais 200 crianças. (B. Nal. ms. I-29-7-25).

Diz Teschauer, que foi fundada pelo Pe. Romero à margem direita do Ijuí Grande e dedicada aos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, na zona conhecida por Caaçapaguassú.

Sua população atingiu a cêrca de 3.000 habitantes.

SÃO JOSEPH

SITUAÇÃO — À margem direita do Ibicuí, entre o Toropí e o Jaguarí, mais para o Toropí, na encosta da Coxilha de S. Xavier. Pertence à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 28° 36' S. e 338° 36' long. L. de Recife, sejam 13° 08' O. do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — Lat. 29° 36' S. e 11° 16' long. O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 1°, long. 1° 52'.

FUNDAÇÃO — Iniciou a fundação desta Redução em 1633 o Padre Romero levantando a Cruz, ficando estacionária até meiados dêsse ano, pela falta de índios habilitados a fazerem as construções necessárias à sua vida (B. Nal. ms. I-29-7-25).

Com a vinda do Padre José Cataldino, foi-lhe designada a Redução de S. Joseph. Pondo-se em marcha, a três dias do local já escolhido, encontrou-se o Pe. Cataldino com caciques e índios que iam à procura do — Paiguazú — o Provincial, e do qual diziam ter notícias, e pedir-lhe padres.

Encontrando o Padre Cataldino, e sabendo que lhes estava destinado, voltaram todos para a Redução de S. Tomé onde depois de alguns dias de descanso seguiram sua viagem, chegando a seu povo no dia de N.ª S.ª das Neves, 5 de agôsto de 1633.

Achou o Padre uma Igreja e casa juntas, uma chácara plantada e um pequeno curral para encerra de animais bem como uma grande bôa vontade, o que lhe permitiu exercitar logo seu Ministério em meio de 350 famílias que eram as que estavam já localizadas em S. Joseph. (B. Nal. I-29-7-25).

Quando da destruição de Jesús Maria, mandou seu contigente de homens válidos a reforçar as fôrças concentradas em Natividade, ficando só na Redução os velhos, mulheres, crianças e Padres.

Em 1638, foi mudada para o outro lado do rio Uruguai, pelo Padre Romero, com receio de novas incursões dos Paulistas.

Diz o cônego Gay que foi fundada no Itaquatiá, perto da montanha do Tap, o mesmo repetindo Teschauer e Pablo Hernandez.

O Dr. Hemetério Veloso dá como fundada no Rincão de S. Pedro. Estava situada no caminho entre S. Tomé e S. Miguel, que distavam entre si dois dias de marcha.

Teschauer a situa ao Sul de S. Vicente, quando devia estar ao N. E.

SÃO TOMÉ

SITUAÇÃO — À margem direita do Jacuízinho afluente do Jaguarí; o Dr. Hemetério Veloso a localiza à margem do rio Itú, equívoco do provecto historiador, como facilmente se

vê pelo estudo do mapa de Carrafa. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 28° 26' S. long. 338° 16' leste Recife, sejam 13° 28' O. Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — Lat. 29° 22', S. long. 11° 34' O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 56' long. 1° 54'.

FUNDAÇÃO — Fundada em 1632 pelos Padres Luiz Ernot e Manoel Berthod na mesma época em que era fundada a Redução de S. Miguel (1.ª) e como ela prosperou de forma que em 1634 já existiam 900 índios adultos cristãos e as crianças já excediam a 700. (Ânua do Pe. Romero citada).

Depois do ataque de Jesús Maria, forneceu a Redução de S. Tomé seu contingente de índios para concentração efetuada em Natividade, ficando na Redução só as mulheres, crianças, velhos e Padres (B. Nal. ms. I-29-7-29).

Foi mudada em 1638 para a margem direita do Uruguai, em frente ao atual S. Borja, devido ao receio das novas invasões dos Paulistas.

O Pe. Teschauer, diz que foi fundada no local denominado **Tape,** que quer dizer cidade, denominação que se estendeu à região pois ela ficava na Região Tape.

Azara diz que estava sôbre o arroio Tibicuarí, próximo ao Ibicuí.

Ficava a dois dias de marcha da Redução de S. Miguel.

MÁRTIRES DO CARÓ

SITUAÇÃO — Esta Redução, bem como outras que citámos estavam situadas ao Sul do Rio Ijuí, nas fraldas da Coxilha do Pirapó, entre êsse Rio e o Piratiny.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 27° 44', e 338° 14' leste do Recife, sejam 13° 30' O. Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — Lat. 28° 26' e 11° 32' long. O. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 42', long. 1° 58'.

FUNDAÇÃO — Fundada pelos Padres Roque Gonçalez e Alonso Rodriguez a 2 de Novembro de 1828 com o nome de Todos os Santos; poucos dias depois de fundada foi seu solo banhado pelo sangue dos primeiros mártires da catequese no Rio Grande do Sul.

A 15 de novembro dêsse ano, como consequência de conspiração dos índios, dirigidos pelo cacique Nheçum, foi vitimado o Padre Roque, e em seguida seu companheiro o Padre Rodriguez queimando e destruíndo os índios o que êsses mártires da catequese tinham feito. 200 índios de Candelária, ao saberem do sucedido foram armados, resgatar os corpos dos mártires o que conseguiram, levando-os para sua Redução.

Ao chegar a notícia dêsses assassinatos a Conceição, que ficava à margem direita do Uruguai, o Padre Alfaro, reuniu brancos e índios armados e com êles foi atacar a Nheçum e sua gente, derrotando-os e aprisionando os cabeças, que foram enforcados.

Depois do castigo, foi restaurada a Redução, já com o nome de Mártires do Caró, ficando ao cuidado dos Padres Joseph Oregio, e Cristóvão Porcel, que, vivendo sempre com dificuldades de manutenção só em 1633 é que as fartas colheitas lhes permitiram desafôgo e desenvolvimento. No ano de 1634 efetuaram os Padres 400 casamentos, entre reduzidos, tendo sido os Padres restauradores da Redução, ajudados pelo Padre Pedro de Espinosa, chegado em meiados de 1633.

Foi abandonada em 1637, devido à invasão das Bandeiras Paulistas, sendo das primeiras Reduções, que se deslocaram para o outro lado do Uruguai, sob o conduto dos Padres Jerônimo Porcel e Pasqual Garcia, abrigando-se em Corpus.

O Padre Jaeger, depois de demorado estudo na Região a descobrir o local do martírio do venerável Pe. Roque, tendo efetuado grandes pesquisas, chegou à convicção de que a Redução estava situada aos 28° 26'-01" de Lat. e 11° 28'-32" de Long. Oeste Rio; (Rev. Inst. Hist. Rio G. do Sul, vol. XIII-212) coordenadas estas que pouco diferem das por nós indicadas como as da Redução.

Nos Mapas antigos, Carrafa e Ernot, 1646 e 1632, bem como na Ânua do Padre Romero de 1634 e mesmo em vários outros doc. da época, tenho encontrado o nome do local grafado com dois "a" **CAARÓ.**

Mas Aurélio Pôrto, estudando em exhautivo trabalho publicado no "Jornal do Comércio" do Rio em 1935, a grafia dessa palavra e seu significado declara — que a palavra deve ser escrita **"CARÓ"** por ser essa a grafia certa.

CANDELÁRIA OU CAAÇAPAMINI

SITUAÇÃO — Situada entre o Ijuí e o Piratiní, na Coxilha do Pirapó; diz o Dr. Hemetério Veloso que ficava perto das ruínas de São Lourenço. Pertencia à região do Tape.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 27° 50' e 337° 54' long. leste de Recife, sejam 13° 50' O. Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 28° 32' lat. e 11° 52' long. Rio de Janeiro.

DIFERENÇA DE COORDENADAS — Lat. 42', long. 1° 58'.

FUNDAÇÃO — Em 1627, depois de fundar S. Nicolau foi o venerável Padre Roque avisado da existência de ameríndios na região de Caaçapamini dispostos a receber os ensinamentos de Cristo; com o seu afã de fundar novas Reduções, sem mais indagações, seguiu para essa região o Padre levando em sua Companhia o Pe. Romero.

Foram recebidos por gente armada, disposta a reagir, mas rapidamente deixaram-se convencer, principalmente depois que seu cacique Aguaraguavi, declarou-se favorável aos Padres; assim foi fundada essa outra Redução, que tomou o nome de Candelária, ficando aos cuidados do Pe. Romero. (Carta do Padre Roque citada).

Em fevereiro de 1628 foram feitos os primeiros batizados, de adultos e crianças, sendo batizados 176 pelo Pe. Roque, 498 pelo Pe. Romero e 10 pelo Pe. Alonso Rodrigues e outros 10 pelo Pe. Juan de Castilhos ao todo 694. (Carta do Pe. Roque citada).

Foi de Candelária que partiu o Pe. Roque para a zona de Caró onde se achavam reunidos 50 Caciques, aos quais prometeu padres, seguindo depois para as terras de "Nercis" onde fundou o povo de Assunção, deixando encarregado dêle o Pe. Juan de Castilhos, marchando em seguida para Itapua a buscar mais Padres. (Cartas Pe. Roque, citada).

Foi de Candelária que seguiram os índios, em n.º de 200, a resgatar os Corpos dos Padres Roque e Alonso Rodrigues trucidados em Caró por Nheçum, trazendo-os para sua Redução, o que não foi do agrado dos índios conjurados, que em número de 300 vieram atacar Candelária, e matar o Pe. Romero, nada conseguindo pela resistência que opuseram os candelários tendo o Pe. Romero à testa.

Em 1636, foi das primeiras Reduções abandonadas, pela sua gente. Ao simples conhecimento do ataque à Jesús Maria, cêrca de 1.500 índios, tendo o Pe. Joseph Domenek à frente, passaram o Uruguai indo abrigar-se em Itapua.

Diz Gay que foi fundada sôbre as nascentes do Pirajú afluente do Piratiní.

Diz Teschauer que foi fundada a 2 de fevereiro de 1627.

Posteriormente, ergueu-se S. Luiz, dos 7 Povos Missioneiros, perto de suas ruínas.

ASSUNÇÃO

SITUAÇÃO — Situada ao norte do Ijuí grande, sôbre a fralda da Serra, em frente ao passo que dá comunicação com São Nicolau, o moderno.

COORDENADAS DE CARRAFA — 27° 32' lat. e 337° 50' long. leste do Recife, sejam 13° 54' O. Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 27° 58' lat. 12° 00', long. O. do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — Lat. 26' long. 1.° 54'.

FUNDAÇÃO — Fundada em 1628 pelo Padre Roque Gonçalves, que confiou a Redução ao Pe. Juan de Castilhos (Carta do Padre Roque, citada).

Já não existia em 1634, pois não consta da Ânua do Padre Romero, que trata só de Assuncion del Acarágua, que ficava à margem direita do Rio Uruguai.

O Padre L. G. Jaeger estudando o local provável do trucidamento do Padre Juan del Castilho, o localiza perto de Assunção, que, segundo carta do Padre Romero que cita, ficava a 3 léguas de S. Nicalau e 3 de Candelária e era o acampamento de Nheçum (Rev. Inst. Hist. Rio Grande do Sul — Ano XVI — 1.º Tre.).

O Padre Roque Gonçalves em sua célebre carta, diz ter fundado Assunção em 1628 em terras de "Nercis", deixando como encarregado o Pe. Juan de Castilhos, seguindo depois para Itapua de onde voltou em seguida trazendo o Padre Alonso Rodrigues para fundar a 2 de novembro a Red. de Todos os Santos no Caró. (Carta Padre Roque, citada).

SÃO JOANES

SITUAÇÃO — Situada à margem esquerda do Ijuí, perto de sua foz no Uruguai, ao S. E. da Redução de Sta. Maria da margem direita do Uruguai, com a qual se ligava pelo passo existente no mesmo Rio.

COORDENADAS DE CARRAFA — 27° 54' lat. e 337° 30' long. leste do Recife, sejam 14° 14' O. do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 28° 10' lat. e 12° 14' long. O. do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA DE COORDENADAS — Lat. 16' long. 2°. Notável é a quase coincidência da latitude, mantendo-se a longitude com a variação normal encontrada para as mais Reduções.

Esta Redução de S. Joanes, que nenhuma relação tem com a atual S. João dos 7 Povos Missioneiros, só vem figurada no mapa de Carrafa e nenhuma referência a ela encontrei, da Ânua de 16 de maio de 1634 do Padre Romero (B. Nal. ms. I-29-7-25), que relaciona tôdas as Red. do Rio Grande nem

mesmo em várias outras ânuas e cartas até 1637 por mim estudadas; o que faz supor ter tido vida efêmera e desaparecido antes de 1634.

SÃO NICOLAU (1.ª)

SITUAÇÃO — Na margem Sul do Piratiní, perto de sua foz no Uruguai. Diz Gay, que foi fundada sôbre um pequeno galho do Piratiní (Rep. Jesuítica do Paragui). O Padre Roque Gonçalves em sua célebre carta de 15 de novembro de 1627 diz que ficava a 40 léguas de Japejú; calculando-se 2 milhas, e 28 centésimos por légua de 4.223 metros, que era a légua terrestre espanhola da época, teriamos a distância de 91 milhas, pelo rio Uruguai.

COORDENADAS DE CARRAFA — Lat. 28° 10' e 337° 20' de long. leste de Recife, sejam 14° 24' Oeste do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 28° 26' lat. e 12° 24' longitude Oeste do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA ENTRE COORDENADAS — 16' lat. e 2° de long.

FUNDAÇÃO — Fundada em 1626, em Janeiro, pelo Padre Roque Gonçalves. Abandonada em 1638, mudando-se seu pessoal para o outro lado do Uruguai, estabelecendo-se primeiramente nas margens do Arroio Aguarapucaí, mudando-se depois, em 1652, para o povo de Apóstolos, voltando mais tarde em 1687 para fundar a segunda S. NICOLAU, ao Norte do Piratiní foi a última a ser abandonada, em 1638, chegando a ter até 4.000 almas.

Em 1634, levantaram nova igreja, muito ajudando o Cacique Antonguaracica dirigido pelos Padres Silverio Pastor, Juan Baptista Mexia e Irmão Bartolomeu Cardenosa, que atendiam nesse ano à Redução. (B. Nal. ms. I-29-7-25).

Teschauer a dá como fundada em 1626, no dia da Invenção da Cruz, 3 de maio, e diz que fundada a Redução, dela tomou a direção o Padre Aragon que em três meses reuniu 280 famílias elevando-se em pouco tempo a 500.

S. Nicolau foi a Redução base de onde partiu em 1637 o Padre Roque Gonçalves para fundar as mais, que segundo sua opinião deviam ficar a distâncias não maiores de 5 léguas umas das outras (Carta Pe. Roque, citada), sendo que a primeira foi a de Candelária no Caassapamini, onde no ano seguinte, 1628, foi vítima de suas crenças.

Afirma o Cônego Gay, que por ocasião do martírio do Padre Roque dirigiam S. Nicolau os Padres Miguel Ampuero e Mastrelli.

SÃO XAVIER

SITUAÇÃO — À margem esquerda do Icabacuá (Camacuam) próximo à sua foz no Uruguai, mais ou menos em frente à Redução de Sto. Tomé da margem direita do Uruguai, devia ficar ao N-E. da atual S. Borja.

COORDENADAS DE CARRAFA — 28° 26' e 336° 42', long. leste do Recife, sejam 15° 02, oeste do Rio de Janeiro.

COORDENADAS ATUAIS — prováveis — 28° 44' lat. e 12° 42' long. oeste do Rio de Janeiro.

DIFERENÇA DE COORDENADAS — Lat. 18'; long. 2° 20'.

FUNDAÇÃO — Foi fundada pelo Padre Ordoñez, em 1628 ou 29; não sendo conveniente o local escolhido, o Padre Provincial, quando de sua visita em 1633, a mudou a 3 de dezembro, dia de seu glorioso Patrono, o Apóstolo do Oriente, para a margem do Uruguai, cêrca de meia légua distante do primitivo local, sendo logo levantada cruz fazendo o Padre preleção aos índios sôbre êsse ato dizendo-lhes que a deveriam venerar como êles, Padres, o faziam. (B. Nal. I-25-7-29).

Em 1632, o cacique do local onde foi fundada S. Tomé, Rodrigo Acaraí, no momento ainda não batizado, fêz recolher à Redução 40 índios que com seu cacique Aguaia tinham-se evadido para os matos, para fugirem dos Padres; os índios foram admoestados e o Cacique Aguaia foi enviado para Itapua onde sofreu "saludable castigo". (B. Nal., Idem).

Nos fins de 1633, apresentaram-se na Redução, 24 índios, sendo 6 homens, 6 mulheres e mais crianças da tribu "Caai-

gua", "que quiere desir vizinos del monte" (Pe. Romero); êsses índios falavam uma língua que não era entendida pelos da Redução e mesmo êles pouco entendiam o guaraní e desconheciam galinhas e cachorros; andavam completamente nus. (B. Nal., Idem).

Em 1633, dirigiam a Redução os Padres Francisco Cespedes e Cristóvão Portell, havendo nela abundância de comestíveis, plantados pelos índios.

Nesse ano, batizaram-se 392 pessôas, sendo 111 creanças, falecendo 126, dos quais 62 crianças.

Foi abandonada em 1638 como as outras, devido ao mêdo das invasões das Bandeiras, não mais voltando seu nome a aparecer no Rio Grande em novas Reduções.

Parece-nos que Teschauser chama esta Redução de Candelária do Uruguai.

ANTIGAS REDUÇÕES JESUÍTICAS NO RIO GRANDE DO SUL

1626 — 1638

NÚMERO DE ORDEM	ANO DE FUNDAÇÃO	NOME DAS REDUÇÕES	COORDENADAS												OBSERVAÇÕES
			1646 DA CARTA DE CARRAFA			DA CARTA DE ERNOT 1632-1636			DIFERENÇAS ENTRE CARRAFA E ERNOT		DEDUZIDAS DA SITUAÇÃO TOPOGRÁFICA, COMPARAÇÃO ENTRE MAPA DE CARRAFA E MODERNOS				
			LATITUDE	LONGITUDE		LATITUDE	LONGITUDE		LATITUDE	LONGITUDE	LATITUDE	LONGITUDE OESTE RIO	DIFERENÇAS		
				RECIFE LESTE	... RIO ... OESTE		RECIFE LESTE	... RIO ... OESTE					... LATITUDE	... LONGITUDE	
1	1633	S. Joaquim	28° 10'	340° 32'	11° 12'	28° 08'	339° 52'	11° 52'	2'	40'	29° 10'	9° 18'	1°	1° 54'	
2	1633	Jesús S. Cristoval	28° 45'	340° 28'	11° 16'	28° 55'	339° 48'	11° 56'	10'	40'	29° 45'	9° 22'	1°	1° 54'	
3	1633	Santa Teresa (2.ª)	29° 02'	340° 22'	11° 22'	29° 12'	339° 42'	12° 02'	10'	40'	30° 0'	9° 28'	58'	1° 54'	
4	1633	Santana	26° 52'	340° 12'	11° 32'	26° 54'	339° 28'	12° 16'	2'	44'	28° 12'	9° 8'	1° 20'	2° 24'	
5	1633	Natividade	28° 56'	340° 04'	11° 40'	29° 04'	339° 24'	12° 20'	8'	40'	29° 55'	9° 46'	59'	1° 54'	
6	1633	S. Cosme	28° 16'	339° 36'	12° 08'	28° 20'	338° 56'	12° 48'	4'	40'	29° 14'	10° 14'	58'	1° 54'	
7	1634	S. Cosme	28° 34'	339° 08'	12° 36'	28° 44'	338° 28'	13° 16'	10'	40'	29° 32'	10° 40'	58'	1° 56'	
8	1632	S. Miguel (a 1.ª)	28° 36'	338° 56'	12° 48'	28° 46'	338° 16'	13° 28'	10'	40'	29° 36'	10° 54'	1°	1° 54'	
9	1631	S. Carlos (Caspi)	—	—	—	—	—	—			—	—	—	—	Não localizada em Carrafa
10	1633	Apóstolos (Cria Guassu)..	27° 34'	338° 42'	13° 02'	—	—	—			28° 28'	11° 6'	54'	1° 56'	
11	1633	S. Joseph	28° 36'	338° 36'	13° 08'	—	—	—			29° 36'	11° 16'	1°	1° 52'	
12	1632	S. Tomé	28° 26'	338° 16'	13° 28'	28° 26'	337° 36'	14° 08'		40'	29° 22'	11° 34'	56'	1° 54'	
13	1628	Mártires (Caaró)	27° 44'	338° 14'	13° 30'	—	—	—			28° 26'	11° 32'	42'	1° 58'	
14	1627	Candelária (Mini)	27° 50'	337° 54'	13° 50'	—	—	—			28° 32'	11° 52'	42'	1° 58'	
15	1628	Assunção	27° 32'	337° 50'	13° 54'	—	—	—			27° 58'	12°	26'	1° 54'	
16		S. Joanes	27° 54'	337° 30'	14° 14'	—	—	—			28° 10'	12° 14'	16'	2°	
17	1626	S. Nicolau (1.ª)	28° 10'	337° 20'	14° 24'	28° 08'	336° 40'	15° 04'	2'	40'	28° 26'	12° 24'	16'	2°	
18	1628	S. Xavier	28° 26'	336° 42'	15° 02'	28° 36'	336° ..	15° 44'	10'	42'	28° 44'	12° 42'	18'	2° 20'	
		Yapeyú (San Martin).....	29° ..	335° 30'	16° 14'	29° 06'	334° 40'	17° 04'			29° 28'	13° 36'	28'	2° 38'	
		Foz do Ibicuí	29° 05'	335° 40'	16° 04'	29° 08'	335° ..	16° 44'			28° 30'	13° 34'	25'	2° 30'	

NOTA: — A carta de Carrafa foi a da Coleção Rio Branco.
A carta de Ernot utilizada foi a publicada pelo Pe. Jaeger na Revista do Instituto Hitórico do Rio Grande do Sul, infelizmente com falhas na localização de vários Reduções.

Cl. J. C. Rego Monteiro.

O Centenário do Marechal de Ferro

De Paranhos Antunes

I

Êste é o ano do centenário de nascimento de muitos vultos ilustres do passado brasileiro, tais como Machado de Assis, Tobías Barreto, Carneiro Ribeiro, Tavares Bastos e Floriano Peixoto.

Muito se tem falado ultimamente de Machado de Assis e Tobías Barreto, que, aliás, pela posição de relêvo que ocuparam nas letras do país, merecem tôdas as homenagens dos homens cultos do Brasil. Nada, porém, se tem dito dos demais, estando na penumbra, entre outros, o nome de Floriano Peixoto — o Consolidador da República.

Ora, se Machado de Assis e Tobías Barreto foram os maiores escritores de seu tempo, Floriano ocupou lugar saliente como militar e político e a êle se deve a sobrevivência da república, pela sua energia e coragem.

Uma hora houve em sua vida em que êle galvanizou tôdas as atenções do Brasil e foi o braço forte da república ameaçada pela anarquia, o que lhe valeu o cognome de Marechal de Ferro.

De fato, naqueles dias tremendos que se sucederam à dissolução do Congresso por Deodoro, com a agitação política, a revolta das fortalezas, a revolta da armada, a revolução federalista, etc., Floriano soube manter o princípio da autori-

dade, arrostando sozinho a responsabilidade de seus atos com uma energia espartana.

Narremos a sua ação sucintamente.

Com a promulgação da constituição republicana em 24 de fevereiro de 1891, foram eleitos pelo congresso presidente e vice-presidente, respectivamente, os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Deodoro organizou o ministério da seguinte maneira: Guerra — general Falcão da Frota; Marinha — contra-almirante Foster Vidal; Interior — Dr. Luiz Antônio de Carvalho; Exterior — Dr. Justo Chermont; Fazenda — Dr. Tristão de Alencar Araripe e Viação — Dr. Henrique Pereira de Lucena.

Não tardou, porém, que Deodoro divergisse profundamente do congresso nacional, abrindo-se, porisso, violenta luta entre o executivo e legislativo. Ao lado do congresso colocou-se, ostensivamente, o vice-presidente eleito, Floriano Peixoto, com seus partidários e a luta tomou proporções enormes. Deodoro, mal aconselhado, dissolveu inconstitucionalmente o congresso a 3 de novembro de 1891, declarando, ao mesmo tempo, em estado de sítio o Distrito Federal e Niterói. Sofria assim a república o seu primeiro golpe e péssimo exemplo era dado à intangibilidade do regime democrático, que recém se inaugurava.

Todos os governadores dos Estados, com exceção do Pará, aderiram ao golpe de estado de Deodoro. A reação, contudo, dos partidários do congresso e de Floriano, em todo o país foi enérgica e imediata, culminando com uma intimação da esquadra ao govêrno, a 23 de Novembro. Deodoro, num belo gesto, talvez arrependido, renunciou então à presidência da república e entregou a direção do govêrno a Floriano, que deitou manifesto à nação. (1)

Floriano organizou o ministério com os seguintes nomes: Guerra — general Simeão de Oliveira, substituído depois pelo general Francisco Antônio de Moura; Marinha — contra-almirante Custódio José de Melo, substituído pelo seu colega Felipe Firmino Chaves; Interior — Dr. José Higino; Exterior — Dr. Fernando Lôbo; Fazenda — Dr. Rodrigues Alves e Viação — Dr. Antão Faria. Floriano foi o presiden-

te que mais ministros teve durante o seu govêrno, pois tôdas as pastas tiveram substitutos, no desenrolar dos acontecimentos, batendo o record a do Exterior que contou sete ministros de fins de 91 a Novembro de 94.

Tomando as rédeas do govêrno o vice-presidente não mandou proceder a nova eleição para escolha do sucessor de Deodoro, pois não lhe era lícito terminar o mandato de seu antecessor por não terem decorrido dois anos de govêrno como mandava a nova constituição.

Êste ato de Floriano, inconstitucional, assim como a derrubada de todos os governadores dos Estados que haviam apoiado o golpe de Deodoro, depondo-os sumariamente, valeu-lhe forte e violenta oposição, que pregava a luta armada como meio de afastá-lo do govêrno.

O primeiro protesto armado deu-se já em 18 de Janeiro de 1892, com a revolta da fortaleza de Santa Cruz, chefiada pelo sargento Silvino Honório de Menezes e secundada pela fortaleza da Lage, revolta que Floriano conseguiu esmagar logo com o seu pulso de ferro.

Essa primeira vitória de Floriano não serviu de escarmento, porque a 13 de Março treze generais do exército e da Marinha publicaram o célebre manifesto em que intimavam Floriano a proceder à eleição para escolha do sucessor de Deodoro, concebido nos seguintes termos:

"Os abaixo assinados, oficiais generais do exército e da armada, não querendo pelo silêncio, coparticipar da responsabilidade moral da atual desorganização em que se acham os Estados, devido à intervenção da fôrça armada nas deposições dos respectivos governadores, dando em resultado a morte de inúmeros cidadãos, implantando o terror, a dúvida e o luto, no seio das famílias, apelam para vós marechal, para que façais cessar tão lamentável situação. A continuar por mais tempo semelhante estado de desorganização geral do país, será convertida a obra de 15 de Novembro de 1889, na mais completa anarquia. E os abaixo assinados, crentes, como estão, que só a eleição do presidente, feita quanto antes, como determinam a Constituição Federal e a lei eleitoral, feita, porém, livremente, sem a pressão da fôrça arma-

da poderá restabelecer prontamente a confiança, o sossêgo e a tranquilidade da família brasileira e bem assim o conceito da república no exterior, hoje tão abalado; esperam e contam que neste sentido dareis as vossas acertadas ordens e que não vacilareis em reunir êste importante serviço aos muitos que nos campos de batalha já prestastes a esta pátria. Capital Federal, 31 de Março de 1892. Marechal José de Almeida Barreto, Vice-almirante Eduardo Wandenkolk, General de divisão José Clarindo de Queiroz, idem Antônio Maria Coelho, idem Cândido José da Costa, Contra-almirante José Marques Guimarães, General de Brigada João Medeiros Mallet, Contra-almirante Dionísio Manhães Barreto, General Dr. João Severiano da Fonseca, Contra-almirante Manoel Ricardo da Cunha, General de Brigada José Cerqueira de Aguiar, idem João José de Bruce, idem João Luiz H. Vasconcelos".

Foi êsse o manifesto dos 13 generais, em que censuram a Floriano a deposição dos governadores e pedem-lhe que promova a eleição do presidente. A resposta do Marechal de Ferro foi rápida e fulminante: reformou os 13 generais e a 10 de Abril fêz desterrá-los para o Amazonas juntamente com outros políticos que haviam promovido uma manifestação popular ao marechal Deodoro. (²)

Durante alguns meses a ordem permaneceu inalterada. Mas os partidários de Deodoro, os antigos monarquistas e os descontentes apeiados do poder, tramavam secretamente a revolução.

Em Fevereiro de 1893 inicia-se no Rio Grande do Sul a revolução federalista, chefiada por Gomercindo Saraiva, de combate a Floriano e a Júlio de Castilhos, que havia retomado as rédeas do govêrno gaúcho.

O almirante Custódio José de Melo, que fôra demitido de Ministro da Marinha por desinteligências com Floriano, a 6 de Setembro de 1893, conseguiu apoderar-se dos vasos de guerra Aquidaban, República, Trajano e Javarí e de vários navios mercantes, obtendo ainda a adesão do bravo contra-almirante Saldanha da Gama, nesse tempo Diretor da Escola Naval. A revolta da esquadra faz com que o Rio viva meses incertos, constantemente ameaçado, mas a têmpera de aço

de Floriano dominou a situação. Floriano, destemerosamente, organiza a defesa da cidade e em seguida toma a ofensiva e derrota os rebeldes, primeiro na Ilha do Governador e depois na ponta da Armação, em Niterói, fazendo alguns dos barcos revoltados saírem barra à fora, enquanto outros revoltosos procuravam asilo à bordo da corveta portuguesa "Mindello", a 13 de Março de 1894.

Nesses meses de intensa agitação parecia que só Floriano permanecia sereno e senhor da situação, e a sua fibra de soldado ficou bem revelada nos dois incidentes internacionais que a revolta suscitou.

Certa potência estrangeira mandou seu representante, acreditado no Rio, acompanhado do comandante de um dos navios que tinha fundeados na Guanabara, procurar Floriano fazendo-lhe sentir que não confiava nas providências do govêrno tomadas para garantir a vida de seus súbditos, razão por que pretendia desembarcar marinheiros com êsse fim.

O diplomata estrangeiro indagou então de Floriano:

— Como receberá V. Ex. os nossos marinheiros?

O Marechal de Ferro, como movido por uma centelha, respondeu a célebre frase que passou à história, como um dos mais belos gestos de sua vida:

— À bala!

Os estrangeiros despediram-se decepcionados. E Floriano determinou imediatamente ao comandante da defesa da cidade para "varrer com metralha a marinhagem estrangeira que desembarcasse". Tal não foi preciso, porque, diante da energia de Floriano, ninguém teve a audácia de saltar em terra.

Outro incidente internacional sucedeu com Portugal. Floriano indignado com o procedimento do almirante português Augusto de Castilho, dando asilo aos rebeldes da esquadra em sua corveta, rompeu as relações diplomáticas com Portugal, a 13 de Maio, e mandou fornecer os passaportes ao ministro daquele país, Conde de Paratí.

Veiga Cabral escreveu que Floriano "erros cometeu, violou por vezes a constituição, mas a energia e a honestidade do seu govêrno falam mais alto do que êsses erros".

II

No pequeno arraial de Pioca, estado de Alagôas, a 30 de Abril de 1839, nascia Floriano Vieira Peixoto, filho do agricultor Manoel Vieira de Araujo Peixoto.

Muito jovem ainda foi enviado para o Rio de Janeiro, sendo matriculado no Colégio S. Pedro de Alcântara, que tinha como diretor o reputado padre José Mendes de Paiva. Alí fêz êle o curso preparatório com brilhantismo, e dalí saíu para assentar praça, voluntariamente, a 1.º de Maio de 1857, no 1.º Batalhão de Artilharia a pé.

De simples soldado raso foi galgando todos os postos da hierarquia militar pelo seu valor pessoal, capacidade intelectual e dedicação à carreira que abraçou. O ano de 1861 marca as suas primeiras conquistas na vida de caserna, pois foi promovido a cabo de esquadra em Agôsto, a furriel em Setembro e a 2.º sargento em Outubro dêsse ano. Essas promoções com intervalos de mês êle as conquistou por ter feito, com notas altas, o curso da antiga Escola Central da Côrte, o que lhe valeu ainda obter as dragonas de 2.º Tenente em 2 de Dezembro de 1861.

Sem perder tempo, matriculou-se no curso superior do Exército e a 30 de Dezembro de 1863 conquistava, por estudos, os galões de 1.º Tenente.

O jovem oficial ia em breve fazer o seu batismo de fogo e começar a vida heróica dos acampamentos e batalhas, ilustrando seu nome, em defesa da pátria, miseravelmente atacada, quase de surpresa, pelo Paraguai. Floriano é dos primeiros oficiais que partem para o teatro dos acontecimentos. Comissionado no pôsto de capitão, embarca com o 1.º Batalhão de voluntários da pátria no Rio, desembarca na cidade do Rio Grande e fazendo marchas forçadas às ordens do coronel João Manoel Mena Barreto avança até S. Borja, a tempo de tomar parte no combate de 10 de Junho de 1865, em que 800 brasileiros, durante 12 horas, resistem à pressão dos milhares de paraguaios ao mando de Estigarríbia. Alí Floriano é quem guia uma ala do 1.º de volutários, flanqueada pelo esquadrão de Souza Doca e secunda a carga de baionetas

dada contra 1.400 inimigos que tentavam apossar-se de S. Borja. Oficial de artilharia improvisa, logo depois uma pequena flotilha de barcos mercantes, que arma com canhões e vai dar combate aos paraguaios na foz do Ibicuí, a 31 de Julho de 1865.

Os atos de coragem do jovem militar, que foi elogiado pelo Conde de Pôrto Alegre, comandante do 2.º Corpo do Exército, por ter revelado "lealdade e valor pouco comum", fazem com que lhe sejam confirmados os galões de capitão, a 22 de Janeiro de 1866.

A fé de ofício do bravo Floriano é, daí por diante, um rosário interminável de feitos notáveis. Vamos tentar resumí-la: Toma parte saliente nos combates de 16, 17, 22 e 28 de Abril de 1866, merecendo particular elogio de Mitre, "pelo valor e sangue frio com que em certeiros tiros de sua companhia de atiradores, protegeu o reconhecimento de Estero Bellaco feito pelo 1.º Regimento de Cavalaria argentina". Ainda no Estero Bellaco bate-se no dia 2 de Maio de 66 e é elogiado pelo general Flores, que lhe agradece pessoalmente a ação e lhe vaticina um futuro brilhante.

A 24 de Maio dá provas novamente de sua coragem e Osório cita-o e pede ao Imperador recompensa aos que tomaram parte e se salientaram na maior batalha travada na América do Sul, sendo elogiado em nome do Imperador.

A 7 de Junho de 1867 passa a fiscalizar o 25 de voluntários sob o comando do valente Côrte Real e toma parte nos combates Tuiutí, Tuiu-Cué, São Solano, e Tagí. Distingue-se no reconhecimento de Laurelles e juntamente com o major Côrte Real derrota dois Batalhões paraguaios, a 1.º de Maio de 1868, "cabendo-lhe com a ala esquerda perseguir o inimigo até o potreiro do Timbó, sendo elogiado em ordem do dia do comando em chefe pelo valor e tenacidade com que, em perseguição de fôrças superiores, avançou ousadamente cinco quilômetros além do lugar da peleja", como afirma José Artur Montenegro em belo trabalho sôbre o Marechal de Ferro.

Tanto se distingue o bravo Floriano que Caxias, a 26 de Julho de 1868, promove-o a major e lhe entrega o comando do 25 de voluntários, sendo logo depois transferido para o 44.

Como comandante dêsse Corpo, Floriano combate em Itororó, Avaí, Ita-Ivaté, Pikiricí, Angustura e Lomas Valentina. Em Avaí, por exemplo, Floriano é quase épico, a frente do seu 44. Alí comanda uma carga de baionetas contra os paraguaios que recuam, mas logo em seguida é acometido por uma carga da cavalaria inimiga, forma quadrado e rechassa a investida com pesadas perdas para os guaranís de Lopes.

O ano de 1869 encontra-o sempre em seu pôsto. A 21 de Maio ataca e persegue uma coluna paraguaia até S. Joaquim; a 22 toma essa vila e continua perseguindo o inimigo até Itapiraguarí, sendo elogiado pelo Conde d'Eu porque "mais uma vez revelou eminentes qualidades de comando".

A 12, 16 e 18 de Agôsto de 1869 toma parte no assalto e tomada de Peribebuí, na Batalha de Campo Grande e no combate de Canguijurú.

Não descansa o impávido soldado. Ao entrar o ano de 1870, comandando o 9.º Batalhão de Infantaria, segue para Itacuruí, onde derrota um corpo paraguaio de 500 homens e dalí segue perseguindo os remanescentes até a vila de S. Pedro, afim de cumprir as ordens que recebera, pois "tinham aparecido nas imediações daquela vila partidas inimigas que se ocupavam em roubar às míseras famílias que alí estavam ou em assassiná-las, quando nada possuíam para saciar a sua cobiça", conforme se lê na "História da Guerra do Paraguai" do General Bormann. A expedição de Floriano tinha por fim bater as referidas partidas e foi coroada de êxito, alí aprisionando tôda a fôrça paraguaia que a guarnecia.

Marcha logo para o Passo do rio Taquara, caminho de Aquidabã, último covil de Lopes. A missão do tenente coronel Martins e do Major Floriano era surpreender o inimigo naquele Passo e tomar-lhe as bôcas de fogo. Na madrugada de 1.º de Março de 1870 caem sôbre a artilharia contrária e "ferem um combate à arma branca com as guarnições e os infantes que defendem a posição que é logo arrebatada".

Tomado o Passo, Floriano e seus companheiros seguem incontinenti para o Passo do Aquidabã, esquecendo fadigas, na ânsia de aprisionarem o Ditador do Paraguai. Alí tiroteiam os defensores do célebre Passo, transpõem-no e derro-

tam em seguida o general Delgado que avançara para enfrentá-los. Solano Lopes, espada em punho, espera os brasileiros em seu acampamento, mas, neste momento, surge por uma outra picada o bravo Silva Tavares e acomete o acampamento, vencendo o tirano, que tomba para não mais se erguer.

A 1.º de Setembro de 1870 regressa Floriano para o Rio de Janeiro, após cinco duros e sangrentos anos de guerra. Em recompensa pelos seus serviços, durante a guerra, é promovido a Tenente-coronel para o Estado Maior de Artilharia. Ornam-lhe o peito já então as medalhas de ato de bravura, do mérito militar e as comemorativas das campanhas do Mato Grosso, Uruguai, Argentina, Paraguai e rendição de Uruguaiana.

Pouco tempo depois é nomeado comandante das armas de Mato Grosso e alí inspeciona as fortificações e obras militares. Em 1871 faz parte da comissão de melhoramentos do material de guerra. Em 1872 bacharela-se em ciências físicas e matemáticas. Em 74 era promovido a coronel por merecimento e em 1883 ascendia ao pôsto de general de brigada, aos 44 anos de idade, sendo um dos mais moços generais do Império. A 10 de Julho de 1889 era elevado a Marechal de Campo. Diretor do Arsenal de Guerra de Pernambuco em 1878, nessa qualidade inspecionou os depósitos de material bélico de Alagôas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Paraíba. De 1883 a 1885 foi comandante das armas de Alagôas e Pernambuco.

A 8 de Junho de 1889 é nomeado ajudante general do Exército, mas a questão militar ia acesa e como bom soldado estava ao lado dos seus companheiros de armas, embora mantivesse uma reserva muito própria do seu temperamento. Nesse pôsto o foi encontrar o golpe de 15 de Novembro. Depois de conferenciar com Deodoro, nesse dia, põe-se ao lado do movimento republicano.

Ouro Preto havia determinado a Floriano que prendesse Deodoro, mas êste recusou-se, dizendo que não traia a sua classe, ao que Ouro Preto ajuntou:

— General, já o senhor no Paraguai era um valente e to-

mava bôcas de fogo ao inimigo. Faça agora outro tanto, tomando aquelas que alí estão.

Floriano redarguiu, entretanto, que os canhões no Paraguai eram inimigos e alí eram de brasileiros.

Floriano, pela sua reserva, foi considerado a grande esfinge da República. Mas os seus atos provaram as suas simpatias pelo movimento. Logo depois de assistir à reunião dos próceres republicanos no Ministério da Guerra, e senhor das resoluções tomadas pelos seus companheiros de armas, saíu êle para cumprí-las, e dirigindo-se ao seu ajudante de ordens o capitão Guilherme Silva, disse-lhe, ligeiramente comovido:

— O nosso velho vai mesmo embora desta vez.

Inquirido a que velho se referia, êle respondeu emocionado:

— O Imperador!

E logo dava ordens ao seu ajudante:

— Você vai com a fôrça receber os Príncipes que descem de Petrópolis. Meta-os no carro e cerque-os de tôdas as gagantias. Não permita o menor desrespeito, nem um assovio.

E assim se fêz.

III

A acusação mais séria que se pode fazer a Floriano Peixoto é a de não ter mandado realizar a eleição para escolha do sucessor de Deodoro, visto não lhe competir o govêrno da república senão interinamente, por não terem decorrido dois anos de govêrno constitucional do primeiro presidente eleito, quando êste renunciou. Entretanto, se cosiderarmos a agitação política da época, a ganância pelas posições de mando, a queda muito recente da monarquia, a demagogia que imperava entre os oradores de praça pública e pelas colunas da imprensa política, veremos que tudo conspirava contra o novo regime e teremos de dar razão a Floriano. Havia partidos de todos os matizes, desde o socialista avançado, até o positivismo de Augusto Conte e o monarquista. As lutas travadas antes e depois da queda de Deodoro e as polêmicas feridas pela

imprensa em todo o país, poderiam arrastá-lo ao caos e à anarquia.

Foi então que Floriano resolveu terminar o mandato de seu antagonista, embora violando a consituição já violada aliás pelo presidente resignatário, segurando firme as rédeas do govêrno e sofreando os mais fogosos ou indisciplinados.

E ao entregar o govêrno a Prudente de Moraes em 15 de Novembro de 1894, já o país havia entrado num período de relativa calma e as fôrças armadas nos princípios salutares da disciplina, apenas restando por debelar a revolução federalista no Sul, que só foi terminar em 23 de Agôsto de 1895, pelo acôrdo celebrado entre Silva Tavares e o general Inocêncio Galvão de Queiroz.

A Floriano deve-se ainda o ter escolhido o então modesto cônsul de Liverpool, Barão do Rio Branco, para ir advogar os direitos do Brasil em Washington, na debatida questão das Missões com a Argentina, litígio de que saíu vencedor o nosso país, pelo calor e dedicação com que advogou a causa brasileira o futuro "Deus terminus de nossas fronteiras".

Quando da revolta da esquadra, vários foram os oficiais que passaram telegramas a Floriano para se declarar ditador, mas a resposta dêle era a de que "a ordem jurídica e legal não podia ser substituída pela ditadura", como assevera o coronel Tobías Coelho.

Entregando o govêrno a Prudente de Moraes, legalmente eleito, Floriano Peixoto, doente e esgotado de tantas lutas recolheu-se à fazenda da Divisa para recuperar a saúde abalada. Em 1895, a oficialidade do exército brasileiro, num belo gesto de solidariedade ao companheiro que se recolhera espontaneamente à penumbra, proclamou-o o "Consolidador da República", reconhecendo assim que fôra afinal quem cimentara os fundamentos do novo regime.

Floriano nessa ocasião achava-se gravemente enfêrmo e proíbido de fazer qualquer excesso. Mas, não pôude ficar alheio a uma tão grande manifestação de carinho por parte de seus camaradas de farda. E escreveu a sua última carta, que "pode ser considerada um testamento político", no dizer de Assis Cintra, porque, "em frases incisivas como o seu olhar

acerado, em períodos candentes como sua alma inflamada pelo amor da pátria, em asserções impressionantes como a sua energia espartana, o glorioso marechal traçou no papel as últimas letras de sua vida política".

Eis a carta de Floriano, um dos mais formosos documentos políticos de nossa história:

"Divisa, 20 de Junho de 1895 — Meus amigos. Recebí com especial agrado a sincera manifestação do vosso aprêço. Ela tem para mim um valor inefável, pois revela a generosidade dos vossos nobres corações. Ela me enche a alma de um prazer imenso, porque vejo nela um tributo de vossa gratidão a um velho servidor da pátria, que lhe consagrou de coração o melhor de sua vida, e da República, por amor da qual sacrificou o resto da saúde e vigor que lhe deixou a penosa campanha do Paraguai. Hoje, como vêdes, vivo longe do lar, a procurar em vários climas a reparação das fôrças perdidas nas lutas pela pátria e pelas nossas instituições. Nesta peregrinação alimento a esperança de alcançar do Creador a mercê de viver mais algum tempo para prover à educação dos filhos, órfãos, há cinco anos, dos cuidados paternos; e também para lograr o prazer de contemplar a jovem República, livre dos embaraços que ora lhe estorvam os passos, a marchar, desassombrada e feliz, ao lado das nações mais adiantadas do velho e do novo mundo. A vós, que sois moços, e trazeis vivo e ardente no coração o amor da pátria e da República, a vós corre o dever de ampará-la e defendê-la dos ataques insidiosos dos inimigos. Diz-se, e repete-se que ela está consolidada e não corre perigo. Não vos fieis nisso, nem vos deixeis apanhar de surpresa. O fermento da restauração agita-se em sua ação lenta, mas contínua e surda. Alerta! pois. A mim me chamais o consolidador da República. Consolidador da obra grandiosa de Benjamim Constant e Deodoro são o Exército nacional e uma parte da Armada, que à lei e às instituições se conservaram fieis. Consolidador da República é a Guarda Nacional, são os corpos de polícia da capital e do Estado do Rio, batendo-se com inexedível heroísmo e selando com seu sangue as instituições proclamadas pela revolução de 15 de Novembro. Consolidador da República

é a mocidade das escolas civís e militares, derramando o seu sangue glorioso para com êle escrever a página mais brilhante na história de nossas lutas. Consolidador da República, finalmente, é o glorioso partido republicano, que, tomando a forma de batalhões patrióticos, tais e tantos feitos de bravura praticou, que serão ouvidos sempre com veneração e respeito pelas gerações futuras. São êsses os heróis para os quais a pátria deve volver os olhos, agradecida. À frente de elementos tão valiosos não duvidei, um momento sequer, do nosso triunfo; e, pedindo conselhos à inspiração e à experiência, e procurando amparo no sentimento da grande responsabilidade que trazia sôbre os ombros, tive a felicidade de poder guiar os nossos no caminho da vitória. Foi êsse o meu papel: se mérito existe nêle, não almejo outra recompensa senão a prosperidade da República e a estima dos que sinceramente lhe consagram o seu amor. Vou terminar, as prescripções médicas não me permitem o mais leve trabalho mental; mas, para corresponder à vossa gentileza, não duvidei infringir os conselhos da ciência, e escrever estas linhas que vos entrego como penhor e testemunho da minha eterna gratidão. Floriano Peixoto".

Esta carta foi o canto de cisne do Grande Marechal. Nove dias depois de escrita, exalava êle o seu último suspiro, no meio da consternação geral do país, a 29 de Junho de 1895.

(1) Manifesto de Floriano Peixoto ao assumir a Presidência da República:

"Tendo assumido o govêrno do Estado, nos termos da Constituição e por convite do generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, que espontaneamente resignou o poder, na manhã de 23 dêste mês, cumpre-me expor ao País o pensamento geral que me há de inspirar, na administração pública. São conhecidos os fatos que se realizaram nesta cidade, e no seu pôrto, durante a noite de 22 e na manhã do dia seguinte, precedidos do levantamento do heróico Estado do Rio Grande do Sul e a atitude francamente hostil do Estado do Pará.

A armada, grande parte do exército e cidadãos de diversas classes promoveram, pelas armas, o restabelecimento da Consituição e das leis suspensas, pelo decreto de 3 dêste mês, que dissolveu o Congresso Nacional.

A história registrará êsse fato cívico das classes armadas do País, em prol da lei, que não pode ser substituída pela fôrça; mas ela registrará igualmente o ato de abnegação e patriotismo do generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, resignando o poder afim de poupar a luta entre irmãos, o derramamento do sangue de brasileiros, o choque entre os companheiros de armas, fatores gloriosos do imortal movimento de 15 de Novembro, destinados a defender, unidos, a honra nacional e a integridade da pátria, contra o estrangeiro e a defender e garantir a ordem e as instituições republicanas, no interior do País. Êsses acontecimentos que não têm muitos modelos, nos anais da humanidade e dos quais nos podemos gloriar, como justamente nos gloriamos das duas revoluções políticas, que operaram, pela república, a transformação de todo o nosso direito político e pela abolição do elemento servil, transformação do trabalho nacional, atestarão aos vindouros o amor do povo, da marinha e do exército, pelas liberdades constitucionais, que formam e enobrecem a vida das nações modernas.

O pensamento da revolução de 23 do corrente, que determinou a renúncia do generalíssimo Deodoro da Fonseca, foi o restabelecimento da lei, mais necessária nas sociedades democráticas, como um freio às paixões, do que mesmo nos governos absolutos, pelas tradições de obediência pessoal, que constituem, será para mim e meu govêrno sacratíssimo empenho, como sê-lo-á respeitar a vontade nacional e a dos Estados em suas livres manifestações, sob o regime federal.

Em respeito, pois, à lei fundamental e caracterizando o pensamento da revolução triunfante, cumpro o dever de considerar nulo o ato de 3 dêste mês pelo qual foi dissolvido o Congresso Nacional, levantar o estado de sítio, nesta Capital e em Niterói e restabelecer todos os direitos e garantias constitucionais.

A administração da fazenda pública, com a mais severa economia e a maior fiscalização no emprêgo da renda do Estado, será uma das minhas maiores preocupações. Povos novos e onerados de dívidas, nunca foram povos felizes, em nada aumentam as dívidas dos Estados do que as despesas, sem proporção com os recursos econômicos da Nação, com as fôrças vivas do trabalho, das indústrias e do comércio, o que produz o desequilíbrio dos orçamentos, o mal-estar social e a miséria.

Espero que, fiscalizada e economizada a fazenda pública mantida a ordem no País, a paz com as nações estrangeiras, sem quebra da nossa honra e dos nossos direitos, animado o trabalho agrícola e industrial e reorganizado o regime bancário, os abundantes recursos do nosso solo, valorizado progressivamente o nosso meio circulante depreciado para as permutas internacionais, justificarão o nosso crédito no interior e no exterior. No govêrno do Estado, que me foi conferido pela Constituição, confio na retidão da conciência do povo para promover o bem da pátria.

Da confiança do povo, do exército e da marinha espero não desmerecer. Das fôrças de terra e mar conheço o valor pela disciplina e pelo respeito aos direitos da sociedade civil. Admirei e admiro os meus companheiros na guerra e na paz.

A coragem e a constância que mostraram, nos combates, se transformaram, nos anos de paz, que temos fruído, no amor da liberdade e da República, que com o povo fundaram e com êle querem manter e consolidar. O povo que sabe e quer ser livre, deve igualmente respeitar a ordem, primeira condição de liberdade e de riqueza. Na grandiosa oficina em que se trabalha, no progresso da Pátria, não há vencidos nem vencedores, grandes ou pequenos, são todos operários de uma obra comum. A essa obra dedicarei todo o meu esfôrço, para êsse trabalho peço e espero o concurso de todos os brasileiros.

São êsses os intuitos que me dominam e que julguei expor ao País.

Capital Federal, 23 de Novembro de 1891. (As.) Floriano Peixoto.

(2) Justificando a reforma e deportação dos generais, Floriano publicou o seguinte manifesto:

"O govêrno foi ontem surpreendido, por um manifesto, que lhe foi dirigido e publicado em vários órgãos da imprensa desta capital, assinado por 13 generais de mar e terra.

Vários dêsses velhos camaradas foram ontem os adéptos fervorosos da política do golpe de Estado, ao passo que outros, solidários até há bem pouco tempo com o govêrno, vêm hoje reprovar e atribuir-lhe atos que não praticou e que foram apenas a consequência lógica da revolução de 23 de Novembro.

Todos êles revelam, porém, um incoveniente espírito de indisciplina, procurando plantar a anarquia, no momento crítico da reorganização da Pátria e consolidação das instituições republicanas, pois que não receberam legalmente delegação da soberania popular, única que ao lado da lei respeitamos, para resolver e impor solução, que só os poderes constituídos, consagrados em nossa Carta Constitucional podem resolver.

Convindo trazer a tranquilidade a tôdas as conciências, a confiança ao comércio, a garantia a todos os legítimos interêsses, evitando que se continue a explorar a credulidade de uns e a timidez de outros, com graves prejuízos da consolidação da República e da ordem, no seio da Pátria, o govêrno resolve tomar as providências contidas nos decretos que a êste acompanham.

Capital Federal, 7 de Abril de 1892. (As.) Floriano Peixoto."

Nota Paleontológica

FÓSSIL DE FARROUPILHA

Oferecemos à crítica dos ilustrados confrades mais uma pequena nota paleontológica, escrita com a orientação que preside a nossa tarefa no magistério público, o grande amor pela verdade científica, na afirmação da cultura brasileira.

Sabendo que a história natural do cavalo constitue uma das páginas mais belas da paleontologia, onde a inteligência humana, como centelha divina, pôde mergulhar no passado longínquo de milhares de séculos, não devemos deixar de recordar a colaboração magnífica de Marsh, cientista de grande cultura, na tarefa de reconstituir a genealogia do cavalo, demonstrando a especialização gradativa, em função da corrida e da alimentação.

Ao notável paleontologista Marsh devemos o estudo perfeito das formas de transições reconhecidas, bem como, principalmente o estudo da evolução dos dentes e dos membros anteriores e posteriores.

Na afirmação do sentimento de cultura brasileira não devemos esquecer a figura singular de Peter Wilhelm Lund, que em Minas Gerais, no comêço do século passado, fundou a pré-história americana, iniciando os estudos desta ciência no que se relaciona com os primitivos habitantes do Brasil.

Ao glorioso pesquisador da Lagôa Santa devemos os primeiros estudos sôbre os vestígios da existência do homem pre-histórico americano, bem como, a descoberta de fósseis de animais.

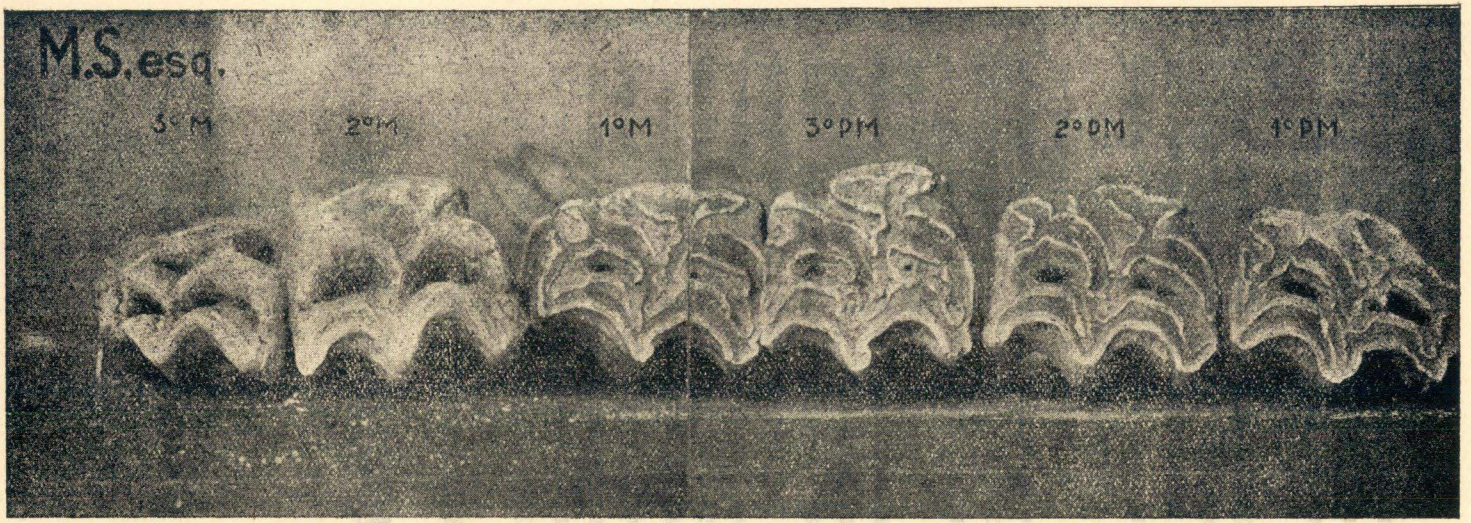


Fig. 1 — Plataforma dentária dos molares superiores esquerdos — Tamanho natural

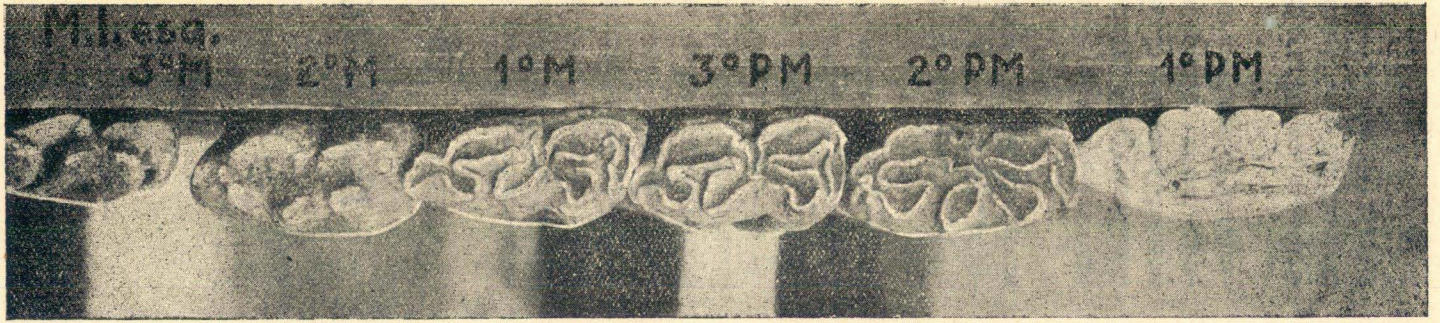


Fig. 2 — Plataforma dentária dos molares inferiores esquerdos — "Equus protocaballus tupis" — Prof. T. Tupí Caldas — 1938 — Farroupilha — R. G. S. — Brasil.

E' amparado nos ensinamentos colhidos nas obras dêstes notáveis mestres, que tenho a honra de apresentar, neste recinto, as peças fósseis que classifiquei, provenientes do Município de Farroupilha, no nosso Estado do Rio Grande do Sul.

Mãos amigas e de antigos discípulos, no ensino oficial e particular, têm transportado até minha mesa de trabalho, no seio da família, alguns "ossos", que "muitos consideram como indignos de qualquer estudo, embora não desconheçam a sua existência", como afirmava Lund em 1844.

Assim, neste instante, quero fazer minhas as palavras do solitário cientista de Lagôa Santa: "Muita surpresa causa ver alguém ocupar-se em apanhar tais ossadas, tôda vez que não compreendem que o seu valor nas farmácias possa compensar os gastos da sua extração.

E' inútil convencê-los de que possam ter outra qualquer importância.

A maioria dos habitantes do lugar considera, pois, esta questão de ossos como um mero engôdo, acreditando que os diamantes, o ouro e outras riquezas são o fim verdadeiro das nossas visitas às cavernas, as quais têm servido de assuntos ás conjeturas as mais disparatadas".

No entanto, o estudo dessas ossadas é de grande importância para a pré-história americana, levando a solução completa os magnos problemas científicos da nossa fauna primitiva.

Sendo êste o nosso modo de pensar, vou deixar de lado, os dados históricos da paleontologia e a enumeração de teorias diversas e sucessivas sôbre a evolução das formas zoológicas, para apresentar os resultados objetivos do nosso estudo, numa exposição quase didática, tal a fôrça de hábito.

MATERIAL DE ESTUDO

À gentileza do ilustrado capitão Rafael Zubaran, digno médico-veterinário do Exército e meu velho amigo, devo a oportunidade para realizar o estudo do material fóssil recolhido na sede do Município de Farroupilha, no nosso Estado.

Em princípio do mês de Novembro recebia em minha residência a visita do distinto amigo, que me fêz a entrega de alguns dentes e diversos fragmentos de ossos, o que desde logo agradecendo, deixei ver a importância da tarefa atribuída.

Pelo sr. capitão Rafael Zubaran fui informado que o material apresentado para classificação lhe fôra entregue pelo sr. tenente Jorge Martins, encarregado do Serviço de Recrutamento no Município de Farroupilha, agora servindo em Uruguaiana — assim, assumindo o compromisso de estudar o material oferecido, solicitei tôdas as informações necessárias para autenticar o ponto de recolhimento do material cedido, melhor a jazida fóssil.

A minha solicitação foi satisfeita com o documento abaixo transcrito:

Farroupilha, 17 de Dezembro de 1938

Meu bom amigo Tenente Jorge.

URUGUAIANA

Saudo-te.

Acuso em meu poder o teu memorandum, datado de 12/12/38, o qual causou-me satisfação por saber que tu e tua exma. espôsa gozam saúde, quanto a nós, aquí, com a mesma sorte.

De acôrdo com o teu pedido remeto-te os dados que se seguem:

a) Os dentes foram encontrados no município de Farroupilha, Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul.

b) **Altitude:** 800 mts. acima do nivel do mar.

c) **Temperatura:** Máxima, 32°°; mínima, 6° abaixo de zero.

d) **Zona:** Italiana, colonizada há 60 anos, mais ou menos.

e) **Local**: Os dentes foram encontrados distantes a um quilômetro da cidade, há 2 anos e meio.

f) **Profundidade**: De sessenta centímetros a um metro, mais ou menos.

g) **Natureza do terreno**: Sêco e cultivado após ter sido desmatado um pesado pinheiral, cuja derrubada foi feita, há, mais ou menos, 25 anos.

h) **Proprietário do terreno**: Emílio Fetter.

i) **Dentes**: Os dentes em referência foram encontrados pelo snr. Emílio Fetter quando fazia uma escavação.

Sendo unicamente estes dados que de momento possuo, Sargento Odorico, Costamilan e eu te enviamos um forte abraço e desejam-te bôas festas e felicidades para o futuro 939.

Edmundo Hilgert

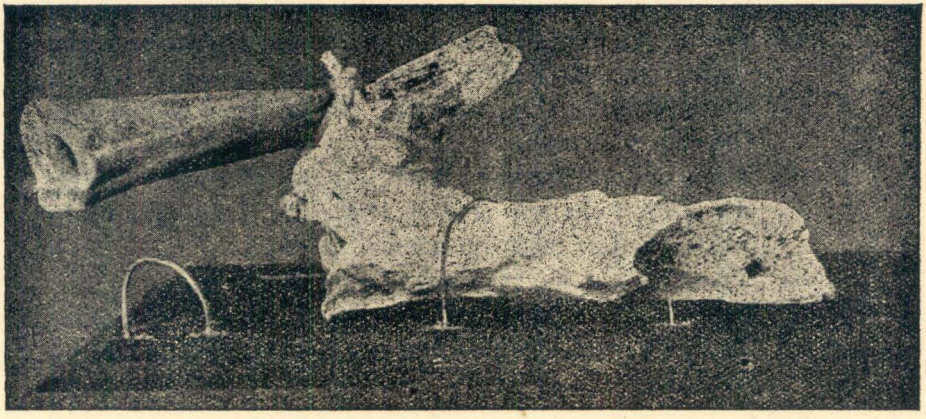


Fig. 3 — Maxilar inferior — Deixando ver a região mentoniana e o primeiro incisivo direito pela parte superior — Tamanho natural.

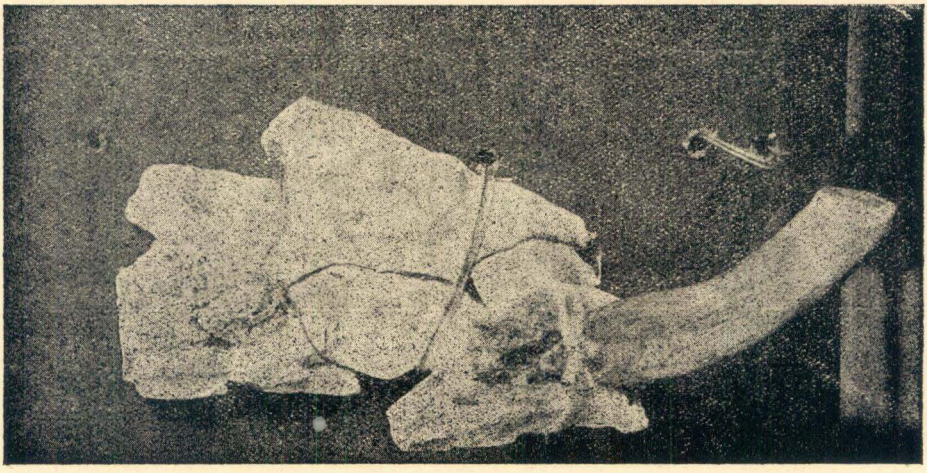


Fig. 4 — Maxilar interior — Deixando ver o primeiro incisivo direito em posição — Tamanho natural.

Caracterização das peças fosseis

A) Dentes do maxilar superior esquerdo

NOTAÇÃO DOS DENTES	Altura do fuste	Largura do fuste	Perímetro da plataforma	Observação
I.° p. m.....	67	38	100	
II.° p. m.....	75	26	94	As dimensões são dadas em milímetros
III.° p. m.....	76	28	88	
I.° m.	85	30	99	
II.° m.	76	27	96	
III.° m.	61	20	74	

B) Dentes do maxilar superior direito

NOTAÇÃO DOS DENTES	Altura do fuste	Largura do fuste	Perímetro da plataforma	Observação
I.° p. m.....	67	36	100	
II.° p. m.....	74	26	94	As dimensões são dadas em milímetros
III.° p. m.....	79	28	89	
I.° m.	82	30	99	
II.° m.	77	27	96	
III.° m.	55	20	76	

C) **Dentes do maxilar inferior esquerdo**

NOTAÇÃO DOS DENTES	Comprimento	Largura	Perímetro da corôa	Observação
I.° p. m.....	56	36	83 *)	As dimensões são dadas em milímetros *) Incompleta
II.° p. m.....	77	29	75	
III.° p. m.....	87	32	79	
I.° m.	84	31	82	
II.° m.	74	31	80	
III.° m.	51	30	74	

D) **Dentes isolados:** 1) **Canino do maxilar superior esquerdo,** com forma cônica, deixando observar a modificação de estrutura molar, em obediência à função alimentar — Tem 80 mm. de comprimento, 27 mm. de largura e a superfície de desgastamento com perímetro de 75 mm.

2) **Primeiro incisivo direito,** com forma característica, deixando observar "uma figura oval"; tem 60 mm. de comprimento, 16 mm. de largura e 43 mm. de perímetro.

3) **Terceiro premolar inferior direito,** com superfície de articulação perfeita com o correspondente do maxilar superior direito; comprimento de 83 mm., largura de 32 milímetros; perímetro da corôa baixa 80 milímetros.

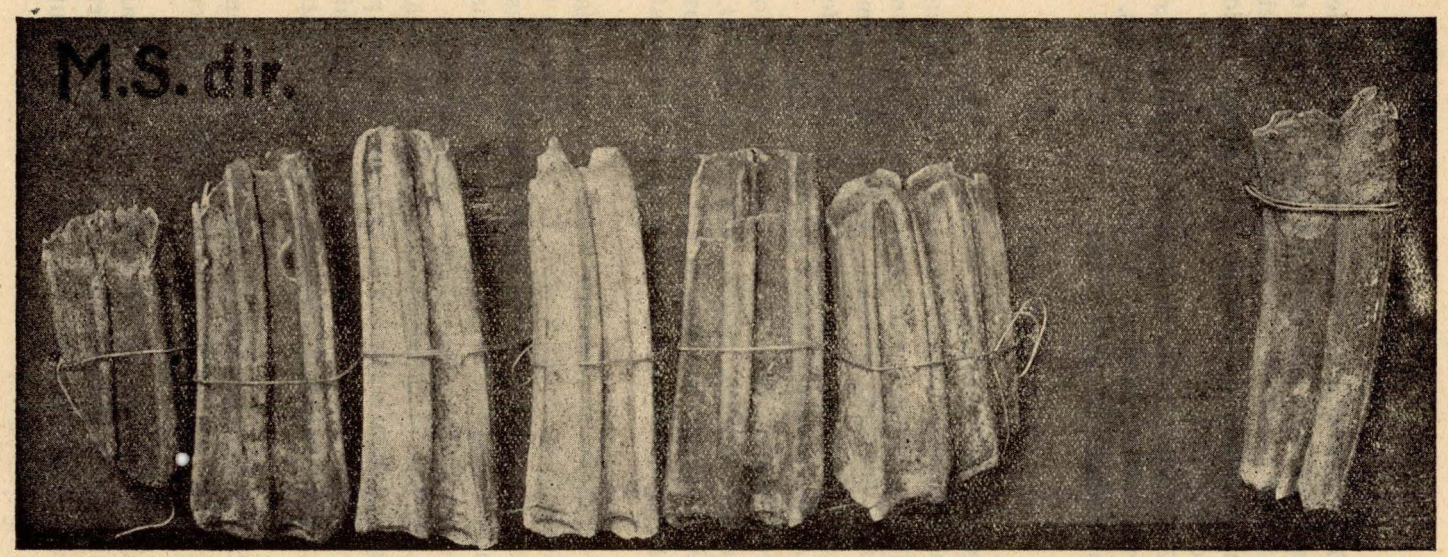
E) Com quatro fragmentos ósseos foi possível reconstituir parte do **maxilar inferior** (região mentoniana e parte do ramo esquerdo); pode-se observar os alveólos dos incisivos e canino inferiores; tem de altura, no ponto de inserção do primeiro incisivo inferior, 27 milímetros; comprimento do fragmento reconstituído 70 milímetros.

F) **OSSOS LONGOS**

A observação atenta dos fragmentos de ossos longos leva a considerá-los como sendo restos de "humerus" e "radius" esquerdos.

Figura 5

Face externa dos molares superiores direitos e III.° p. m. inferior direito — Tamanho reduzido



"Equus protocallus tupis" J. Tupi Caldas — 1938 — Farroupilha — R. G. S. — Brasil.

A figura 6 é fotografia do **"humerus esquerdo"**, deixando observar parte da face anterior, na qual podemos caracterizar o orifício de nutrição, a crista anterior da goteira de torsão e a tuberosidade de fixação do "grande redondo" e do "grande dorsal".

A figura 7 é fotografia do **"radius esquerdo"**; deixa observar a superfície de acolamento do corpo do cubitus, comprovando a antiguidade da peça fóssil.

CLASSIFICAÇÃO

Para o estudo paleontológico dos mamíferos as peças anatômicas mais importantes são os dentes; isto, porque têm dureza, com grande solidez, conservando-se facilmente.

A morfologia dentária estudada, com caráter comparativo, permite estabelecer tipos de variações de formas de dentes, que são próprios da organização dum certo animal.

Assim, o estudo anatômico de um dente tem servido para caracterizar ordem, família, genero e espécie animal, pois muitos mamíferos fósseis são conhecidos somente pelos seus dentes, únicas peças fósseis que chegaram conservadas até aos nossos dias.

Dispondo de modo conveniente a série de premolares e molares superiores, bem como, a série de premolares e molares inferiores, ambas dos maxilares superior e inferior esquerdos, constatámos a perfeita articulação, o que permitiu concluir que os dentes pertenceram a um mesmo animal.

A observação das plataformas dentárias onde estão desenhadas as figuras características do gênero "equus", permitiu reconhecer o gênero e sua relação com o "equus caballus robustus" e "equus caballus fossilis", êste do pleistoceno francês.

Foram reconhecidas as relações com o "Equus Stenonis" da Europa e com o "Equus sivalensis" da Ásia (Época terciária).

A região do Estado do Rio Grande do Sul, na qual está situado o município de Farroupilha, tem o solo coberto de "terra-roxa", resultante da decomposição de rochas eruptivas

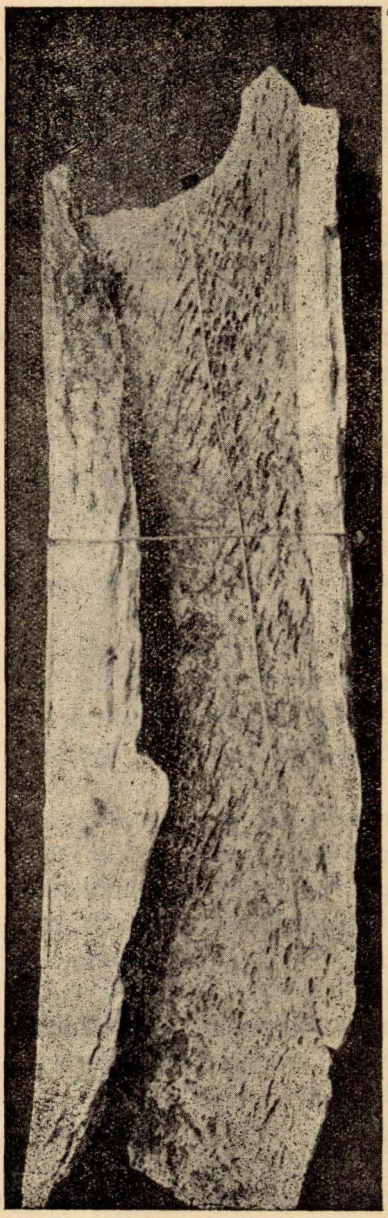


Fig. 6 — Fragmento do "humerus"

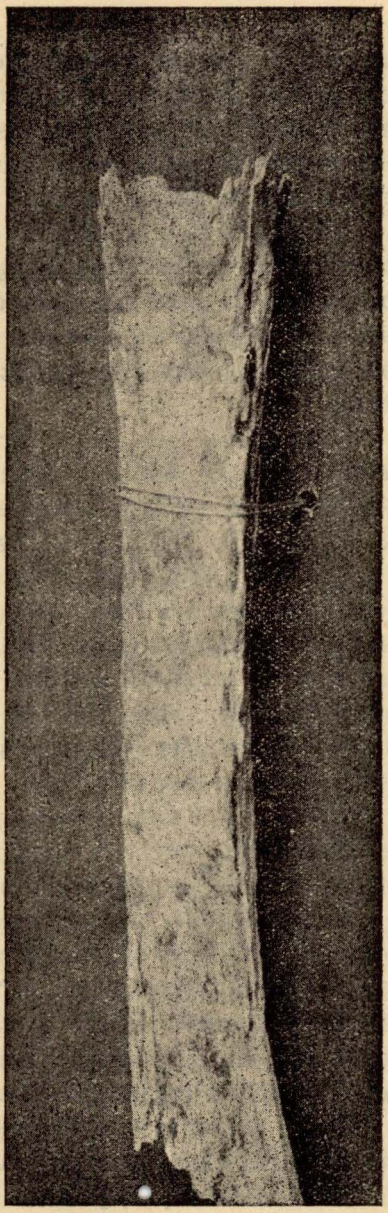


Fig. 7 — Fragmento do "radius"

Tamanho reduzido.

básicas, do tipo do diabásio; deixa observar, em certos pontos, rochas eruptivas com estrutura amigdalóide; são também encontradas rochas do sistema triássico, do tipo do arenito avermelhado, que se deixou atravessar pelos diques e lençóis de diabásio e diorito.

Tudo nos leva a admitir que, a região do município de Farroupilha, como parte integrante da zona alta do Estado, foi trabalhada pela atividade das erupções terciárias, processadas no período do mioceno ao fim do plioceno, quando os movimentos tectônicos produziram as cadeias de montanhas atuais.

Considerando-se que o professor Massart, estuda e descreve a questão das monocotiledôneas descenderem das dicotiledôneas, havendo as florestas de grandes extensão precedido a formação dos campos, os campos a formação de matos e a caatinga, bem como, é da mesma opinião o professor A. Cuenot, segundo a "Hipothèse relative à la place de monocotylédones dans la classification naturelle", podemos admitir que a nossa floresta serrana estava constituída na era secundária, desenvolvendo-se na terciária, quando o fundo principal da vegetação passou a ser constituído de fanerógamos ginospermos e angiospermos.

Tal fato foi anteriormente reconhecido pelo nosso grande Lindemann, que escrevendo em 1900, afirmou "no Rio Grande do Sul, os campos são mais recentes que os matos".

De tal consideração podemos admitir que a nossa forma fóssil foi de um cavalo, que viveu no seio da floresta primitiva, guardando relação com o "equus caballus Nehringi" também denominado "cavalo de floresta", perfeitamente estudado na Alemanha, onde deu origem às diversas raças de "poneys" atuais da Inglaterra e da Irlândia.

Como admitimos a hipótese de que o território do planalto sul-rio grandense pertenceu ao "continente austral ou Terra Gondwana", no período permiano, da época primária e, posteriormente, ao "continente africano-brasileiro", na era secundária, sendo formado pelo Brasil e pela África, alcançando a Arábia (vide mineralogia e geologia — J. Tupí Caldas — Mapas das páginas 272 a 284), com fragmentação no

fim da época terciária, quando se constituiram os continentes atuais, somos levados a admitir a maior antiguidade para a nossa forma fóssil. Assim, pelo estudo comparativo encontramos relações com o "Palaeotherium", do eoceno, pela existência de "fuste dentário" com canelura; com o "Mesohippos", forma própria da América do Norte, pela fusão inicial dos ossos do membro anterior, encontrado nos terrenos do oligoceno; com o "Hypohippos", fóssil da América do Norte, encontrado no mioceno, tendo corôa dentária baixa, com reborbos acentuados, ao qual os autores americanos chamam "cavalo da floresta"; encontramos relações com o "Hipparium gracile", do mioceno grego; porém, a maior semelhança da plataforma dentária se processa com a do "Equus caballus" do pleitoceno francês.

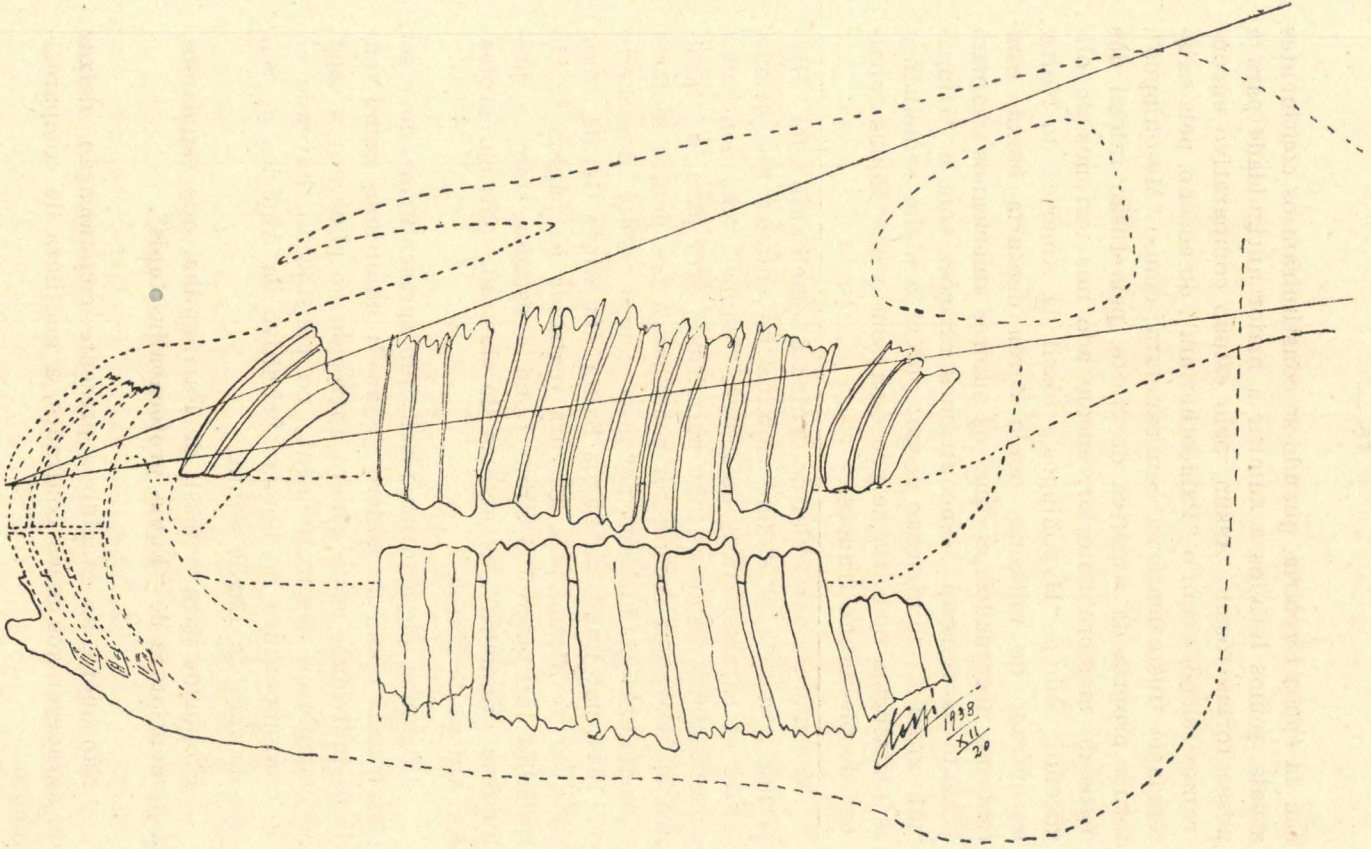
A estrutura particular do canino é semelhante a do "Hipparium gracile", já citado; domina no entanto nos demais dentes as características do gênero "equus", com dentículos perfeitamente dispostos, não permitindo êrro para a classificação. Devemos reconhecer semelhança dos dentes molares e premolares examinados, por mim, com o "dente" descoberto em 1844, por Lund, na Lagôa Santa, em Minas Gerais, como pode ser verificado pela gravura registada na página 82, do trabalho intitulado "O sábio Lund e estudos sôbre a préhistória brasileira", de autoria do ilustrado patrício professor Aníbal de Matos.

Julgamos que a forma fóssil, que apresentamos, deve ser classificada como do gênero **"equus"**; admitimos como tendo os indivíduos deste gênero aparecido no plioceno; a espécie comportou desenvolvimento no pleistoceno, havendo sido contemporânea do homem primitivo da América do Sul, êste da raça da Lagôa Santa.

Propomos para o fóssil de Farroupilha, que estudamos, a nomenclatura de **"Equus protocaballus tupis"**.

Não quero, ao concluir a presente comunicação, deixar de agradecer aos meus confrades, a gentileza de comparecimento.

Figura 8



Reconstrução da cabeça do fóssil de Farroupilha = "Equus protocaballus tupis" — Prof. Tupí Caldas — 1938
Os dentes estão afastados de articulação; no entanto o ângulo facial é normal para os cavalos.

Ao ingressar na vossa companhia, estava certo de que, aquí, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, realizavam os dignos consócios a ligação cultural e orgânica do passado com o futuro, na obra significativa do estudo desinteressado e de especulação filosófica, verdadeira tarefa de expansão universitária da inteligência brasileira, porque vossas atitudes obedecem às normas da ciência e da moral.

Foram os exemplos constantemente observados e imitados, que permitiram o êxito do meu trabalho, concorrendo com pequena colaboração ao magnífico edifício cultural levantado pelos ilustres consócios.

Continuarei a minha tarefa no seio do sodalício, orientando-me pelos exemplos de amor à ciência e à moral, porque, somente o conhecimento das cousas pelas suas causas (causa natural, formal, eficiente e final)), a par da conciência moral dá ao homem a faculdade do dever.

Na vossa ilustrada companhia tive exaltado os caracteres do dever, que é obrigatório, absoluto e universal, de modo que se o trabalho apresentado "foi bom", poderei partir para receber os abraços dos pais, os beijos da espôsa e filhos, levando o laudo de vossa aprovação, que provocará o sentimento de mérito e a esperança da recompensa.

J. Tupí Caldas

Praça Garibaldi n.º 68
Pôrto Alegre — R. G. S.

Lido em sessão de I. H. G. R. G. S. 3 de Janeiro de 1939.

Nota: Havendo o prof. J. Tupí Caldas seguido em viagem ao Rio de Janeiro, apresentou o material fóssil estudado ao Museu Nacional e Instituto Histórico e Geográfico do Rio; em passagem por Pelotas apresentou as peças fósseis a Associação dos Criadores de Cavalos Crioulos; realizou uma conferência no Serviço de Remonta e Veterinária do Exército, na sede do Ministério da Guerra.

Uma carta do Contra-almirante José Aguiar

Montevideo, enero 20 de 1939.

Al Ilmo. y Excmo. señor doctor LEONARDO MACEDONIA, M. I. Presidente del INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL.

Pôrto-Alegre

Ilustre señor Presidente:

En el dia 17 del cte. recebí la prestigiosa **Revista** del benemérito INSTITUTO de su muy digna presidencia correspondiente al IV Trimestre de 1938, en cuyas páginas, en primer término, — (págs. 183 a 201), — y con el título de **Condominio da Lagôa Mirim e do Rio Jaguarão,** figura un estudio del prestigioso intelectual, y por mi muy admirado historiador rio-grandense, el Sr. Cnel. Emilio F. de **Sousa-Docca,** en el que, — directamente, — se me alude en mi caracter de autor, primero, de un ensayo titulado **El Rio de la Plata y el Mar Territorial,** enseguida, de otro denominado **Nuestra Frontera con el Brasil: Su Evolución Histórico-Geográfica,** y, finalmente, de una conferencia que en octubre de 1937 dicté en el **Ateneo Paysandú,** — de la ciudad de ese nombre, en mi país, — en honor y homenaje al Brasil y al inolvidable Baron do Rio Branco, conferencia que la **Revista** de ese **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul** me hizo el altísimo honor de publicar con el título de EVOCACIÓN

DEL BARON DEL RIO BRANCO, en su Número correspondiente al II Trimestre de 1938.

Ese mismo estudio del erudito Sr. Cnel Sousa-Docca ya había publicado en dos números del JORNAL DO COMMERCIO — (dias 4 y 18 de setiembre de 1938) — de Rio de Janeiro. Su distinguido autor me hizo el honor de remitirmelos algunos dias después — llegaron a mi poder el 5 de octubre de 1938), — acompañados de una tarjeta — (cartão), — que decía asì:

"Ao ilustre historiador uruguaio Comandante "José de Aguiar, com os cumprimentos do CORO- "NEL SOUSA-DOCCA. Os reparos seus que pos- "sam merecer meus artigos, rogo-lhe a fineza de "me comunicar, para serem tomados na conta que "merecem, visto que o meu desejo é acertar e o "objectivo a verdade e a justiça. Rio, 24/IX/38."

Contesté, de inmediato, en esta forma:

"Al Ilmo. y Excmo. Sr. Cnel. Emilio F. de Sou- "sa-Docca. Muy distinguido señor: Acabo de reci- "bir su amable envío de los números del JORNAL "DO COMMERCIO de los dias 4 y 18 de setiembre "ppdo. que contienen sus artículos sobre CONDO- "MINIO DA LAGÔA MIRIM E DO RIO JAGUA- "RÃO. Mucho le agradezco su atención. Me pro- "meto leer con mi mejor buena voluntad su sin "duda alguna valioso estudio y, en enquanto tenga "posibilidad, me he de ocupar de él, ya sea por "la prensa, — como Vd. —, en cuyo caso escribiré "en "LA MAÑANA" (*) e en la REVISTA MILI- "TAR Y NAVAL y me haré un deber en hacerle lle- "gar mi trabajo. Cualquiere que sean sus conclu- "siones, — que aun no conozco, — el solo hecho "de que sea usted quien se ocupe de mis estudios "o palabras, es una distinción a la que procuraré "responder por mi parte prestando a su trabajo to-

(*) **LA MAÑANA" es un importante diario de Montevideo.**

"da la atención que la jerarquía intelectual de su "autor le hace merecer. Presento a usted las segu- "ridades de mi mas alta consideración. Cap. de na- "vío (R), José Aguiar."

* * *

Pero leído atentamente, — bien atenta y cuidadosamente, — el estudio del Sr. Cnel. Sousa-Docca, me encontré, entre otras, ante estas comprobaciones fundamentales:

1) El Sr. Cnel. Sousa-Docca **no destruye ninguna** de las afirmaciones que constituyen la médula y finalidad de los escritos mios a que él se refiere en el suyo;

2) **Re-afirma,** — es decir: está de acuerdo con lo que yo sostengo, — los derechos del Brasil, (legalmente perfectos, segun mi definición), — a todas las tierras fronterizas con mi país;

3) **Anuncia** — (vide Revista citada, pag. 183), que mi libro antes citado — (Nuestra Frontera con el Brasil), — **es objeto de um estudio suyo que, en setiembre de 1938, ya estaba pronto para ser impreso** — ("Este último livro do Comandante Aguiar é objeto de um estudo nosso, já pronto para o prelo").

4) Me atribuye dos imputaciones de orden personal: La de haber iniciado **una campaña reivindicadora** y de ser — essa — campaña — **injusta.**

* * *

La calidad de esas comprabaciones, la distancia existente entre Rio de Janeiro y Montevideo, sumadas al tono y caracter que aquel ilustre Maestro dió a sus escritos, hicieron que considerara practicamente inútil, — y, sin duda, peligrosa, — toda tentativa de controversia por la prensa a la el Sr. Cnel Sousa-Docca había acudido, modalidad a la que es mi mejor deseo no llevar este tema. Y como natural consecuencia, decidí logicamente esperar la aparición del libro que segun el Sr. Cnel. Sousa-Docca, en setiembre último, — es decir: hace practicamente seis meses, **"já esatva pronto para o prelo". ("Revista",** IV Trimestre, pag. 183, última línea).

Detuvo, pués, mi contestación. Pero ahora que aquel mismo estudio, inserto en setiembre último en el JORNAL DO COMMERCIO, el Sr. Cnel. Sousa-Docca lo reedita en la **Revista** del benemérito **Instituto** de su tan digna presidencia, creo estar en la inexcusable obligación de decir algo a su respecto, sobre todo por que es a esa **Revista** y a ese su **Instituto** que el erudito historiador y literato alude cuando dice: **"Não pretendiamos debater pela imprensa o assunto, acon- "tece, porém, que a campanha do Comandante José Aguiar "aumenta cada vez mais de proporções e de injustiça, ACHAN- "DO, ALÉM DISSO, GUARIDA (sic) EM PUBLICAÇÔES "BRASILEIRAS".**

Firme en mi propósito de no llevar este assunto a la prensa, creo estar, sin embargo, en la obligación moral inexcusable, ahora que ha sido llevado, en reiteración, a las páginas de esa **Revista,** — de aclarar la posición excepcional en que me coloca aquel eminente publicista ante los lectores de **la publicación brasilera que dió "guarida" a mi EVOCACIÓN DEL BARON DE RIO BRANCO.** Porque "Guarida", diz o Diccionario Portugués que eu posseio, — em sua primeira definição. — e **"Covil de feras..."**. (1)

Es por ese motivo que solicito del señor Presidente quiera autorizar la publicación de estas líneas en su tan prestigiosa **Revista.** Con ellas no intento polemizar con el Sr. Cnel. Sousa-Docca. Simplesmente deseo **definirme** — (por si para alguno todavía fuere necessario), — ante los lectores de esa **Revista** y ante su dignísima **"Comissão da Revista"** que autorizó la publicación de mi EVOCACIÓN.

* * *

Pero antes de entrar en materia deseo aclarar algun error, sin mayor importancia, — en que el Sr. Cnel. Sousa-Docca incurre y que si no se aclara puede crear una falsa inpresión a mi respecto.

---

(1) A definição acima é arcaica. **Guarida** emprega-se no sentido de acolhimento — **acogída,** no belo idioma de Cervantes. (N. R.).

El Sr. Cnel. Sousa-Docca me llama, reiteradamente, **"historiador"** o **"ilustre historiador"**, y tambem, **"Comandante"**.

No soy no fuí nunca ni aspiro a ser historiador. Menos puedo ser ilustre historiador. En mi país soy, desde hace mas de veinticinco años professor de Geografía y lo he sido de Cosmografía. Me agrada, — eso es exacto, — la parte de la Geografía que se relaciona o apoya en la Historia. Nada mas. Reconozco, sin embargo, que, he actuado en Congresos de Historia y que soy Miembro de Número y Correspondiente de Institutos o Academias de Historia, pero **solo teniendo en cuenta la vinculación de esta Ciencia con la Geografía.**

No soy, tampoco, **"comandante"**. Aquí, en mi país, Comandante es el que **ejerze un comando.** Jerarquicamente soy **capitán de navío** — (en la escala naval brasileira se dice **capitão de mar e guerra**) — retirado con el grado de contra-almirante. Pero hace tiempo que no desempeño ningun **comando;** estoy fuera de servicio.

Creo poder afirmar que he llegado a un estado de ánimo que me permite estudiar y comentar las cosas pasadas con absoluta despreocupación de los factores que en ellas pueden haber intervenido. Cuando en 1922 el entonces Teniente Sousa-Docca intervenía tan brillante y eficazmente en la fundación del Instituto Histórico y Geográfico de Rio Grande del Sur, yo ya era coronel, es decir, lo que ahora, tan merecidamente, es el erudito historiador a que me refiero.

* * *

Consecuente con la manera de pensar expuesta y conciente de la gravedad de llevar estos hechos, — (es decir; lo que, yo, respetuosamente, considero equivocadas imputaciones de mi ilustrado comentarista), — al terreno polémico, no voy, de ninguna manera, a refutarlas. Oportunamente, cuando el Sr. Cnel. Sousa-Docca publique su anunciado libro, le refutaré, en igual forma, si es que algo tengo de refutar, o reconoceré su razón si así corresponde. Ahora, como antes dije, me limitaré a justificarme ante los lectores de esa **Revista** por las imputaciones de orden personal que creo existen en su escrito.

Pero antes deseo, tambien, agradecerle ampliamente la cooperación que ma ha prestado en los puntos siguientes fundamentales en mis escritos que el Sr. Cnel. Sousa-Docca comenta:

1) Cuando refuerza, como lo hace, mis terminantes manifestaciones referentes al derecho del Brasil, — derecho perfecto, he dicho yo, — a los territorios que posee;

2) Cuando recuerda, como lo hace, la acción nobilísima que en mi país tuvo en la última década del siglo pasado y primera del presente, (contemporaneamente con los sucesos que yo he relatado en mi EVOCACIÓN DEL BARON DE RIO BRANCO), el Inolvidable "Club VIDA NUEVA" y nuestro insigne Rodó — (En aquella **Evocación** yo hice referencia solamente a sucesos y entidades en que tuve intervención personal) —;

3) Cuando confirma, en forma angustiante, como lo prueba los **"dias agónicos que en mi tierra precedieron a la firma de los Tratados de 1851";**

4) Cuando prueba, como lo hace, que la línea divisoria en la Laguna Merim que el eminente Presidente del Brasil, Afonso Pena, preveía en su Mensaje del 3 de mayo de 1908, estaba prevista como formada por **"varias retas mais ou menos mediana, que da embocadura dêsse rio** (o Jaguarão) **sigam até ao extremo sul da Lagôa Mirim,** (Revista, pág. 200, líneas 30, 31 y 32), que la Isla Brasileira en el Rio Uruguay está **" jusante da foz do Quaraí"** (Revista, pág. 183, líneas 9 y 10, contando de abajo).

Expresado lealmente mi agradecimiento por esas manifestaciones extrictamente verdaderas del Sr. Cnel. Sousa-Docca, paso, ahora, a justificarme ante los lectores de esa Revista, y, claro está, ante quienes dieron **"guarida"** en sus páginas a mi **"Evocación del Baron de Rio Branco".**

* * *

No es exacto, por lo contrario, es un enorme error, decir que en mi estudio **El Rio de la Plata y el Mar Territorial** yo haya **"inciado uma campanha reinvindicadora"** de territorios

"que êle — yo — entende pertencerem ao Uruguai, e se acham, "entretanto, sob a jurisdição brasileira. Diz alí — Libro re- "cien nombrado — o historiador citado que a linha demarca- "dora da Lagôa Mirim, do modo que foi estabelecida em vir- "tude do Tratado de 30 de outubro de 1909, representa "uma "arbitrariedade" e que a Ilha Brasileira no rio Uruguai, a "jusante da foz do Quaraí, é uruguaia. Essas pretenções fo- "ram amplamente desenvolvidas em **Nuestra Frontera con el "Brasil — Su Evolución Histórica-Geográfica,** publicado em "dezembro de 1936": Aí a reivindicação é acrescida de mais "dois tratos de terra: o Rincão de Artigas e o Quadrilatero "do Chuy-São Miguel". (Revista, pag. 183).

No señor. Sin perjuicio de reservarme el derecho — cuando el Sr. Sousa-Docca haga conocer su anunciado libro — de confirmar todas las afirmaciones que enuncio tanto en el **Rio de la Planta y el Mar Territorial** como en **Nuestra Frontera con el Brasil,** declaro desde ya, rotundamente, que la imputación del Sr. Cnel. Sousa-Docca es absolutamente gratuita. Y en esa oportunidad utilizaré los argumentos favorables por completo a mi manera de pensar con que el Sr. Cnel. Sousa-Docca gentilmente me ha favorecido.

Con respecto a los derechos del Brasil a las tierras que posee legalmente, por Tratados, desde 1851, y en Uti-possidetis observado desde 1821, — o desde la fecha que se quiera adoptar, — **no he formulado,** tampoco, **ninguna reivindicación.** He dicho lo siguiente que honradamente mantengo;

> **"No discutiré, no rechazaré, no negaré,ni en "forma ni aspecto alguno, EL DERECHO PERFE- "CTO, LEGAL, CONTRACTUAL, QUE EL BRASIL "PUEDA ALEGAR PARA POSEER LOS QUATRO "TROZOS DE NUESTRO TERRITORIO ORIEN- "TAL, bien pequeños por cierto, que he señalado:**
>
> **"El cuadrilátero del Chuy-San Miguel;**
> **"Las islas del Tacuarí;**
> **"El Rincon de Artigas;**
> **"La Isla Brasileira del Rio Uruguay.**

"Admito, quiero admitir, QUE EN DERECHO INTER-"NACIONAL, AQUELLOS TÍTULOS, PUEDEN SER, QUIZÁ "TECNICAMENTE PERFECTOS aun cuando esa situa-"ción no sea tan definida con respecto a la Isla Brasileira "del Rio Uruguy (Ob. cit, pag. 85)".

.....

"Toda la autoridad jurídica brasilera que conozco, — "amén de la mundial restante, — **niegan** eficacia a los Tra-"tados cuando una de las partes se hallare en la situación "en que, en 1851, se encontró el Dr. Andrés Lamas, — re-"presentante de una Nación que era solo espíritu, limitada "en su dominio territorial efectivo a la cintura de los muros "de la ciudad de Montevideo, — puesto ante el dilema deses-"perante de **ceder lo que se le exigía"** o de **"sufrir él y hacer "sufrir a su Patria"** el mal **intolerable** de desaparecer para "siempre como Nación constituida. Que tal era, en verdad, "la **única perspectiva** ante cualquer negativa imperial".

> "Pero, no obstante tales afirmaciones que re-"puto ilevantables, NO CONSIDERO VIABLE NI "SIQUIERA ENUNCIABLE NINGUNA PROTESTA "NI RECLAMACIÓN. EL DERECHO DEL BRA-"SIL, A MAS DE OCHENTA AÑOS DE LA CON-"CERTACIÓN DE AQUEL TRATADO ES. — ASI "LO CREO, — TECNICAMENTE PERFECTO". (Ob. cit Nuestra Frontera con el Brasil: Pág. 86).

¿Donde esta, señor, la reinvindicación o la campaña reinvindicadora?.

A lo que yo aspiro, — eso sí que no lo niego, — y a ello seguiré aspirando mientras mantenga esta fé en el Brasil, en sus hombres y en su Justicia, — es a un nuevo y sereno estudio de los antecedentes histórico-geográfico — legales que fueron causa de la pérdida de aquellos terrenos, y eso es lo ÚNICO que he indicado en mis obras citadas.

En efecto, terminando en la pág. 86 de mi **Nuestra Frontera con el Brasil** el apartado 36) mal que corresponden los dos paragrafos recien copiados, dije:

"Pero, **si no cabe,** como entiendo que no, **el "reclamo ni la protesta,** NI SIQUIERA EN EL TO- "NO FRATERNAL QUE SIEMPRE TENEMOS DE- "RECHO A USAR (los orientales) CUANDO NOS "REFERIMOS AL BRASIL, **cabe sí, la rectifica- "ción...**" (Ob. cit. pág. 86, últimas quatro líneas).

Y los antecedentes históricos comunes en materia limítrofe me dan el derecho de desearlo y de esperarlo sin temor y sin agravio.

*
* *

Por que fueron **rectificaciones** del Tratado del 12 de octubre de 1851, los actos siguientes:

Las tres **aclaraciones** del 3, 7, y 31 de diciembre de 1851;

El **tratado** del 15 de mayo de 1852 que **rectifica** la divisoria del Este;

El **acuerdo** del 22 de abril de 1853 que nuevamente rectifica la divisoria del Este;

La serie de **rectificaciones** estabelecidas por los Comisarios-demarcadores desde 1852 a 1857 en sus **Acuerdos** de Comisarios celebrados en las ciudades de **Livramento, Salto** y **Bagé,** aprobadas por el Brasil el 9 de agosto de 1858 y por el Uruguay el 30 de julio del mismo año; (Por esas **rectificaciones** se introdujeron como delimitadores los arroyos **Guaviyú** y **Mina,** la recta del **San Luis;** la recta de la cañada del **Cementerio;** la cuchilla **Negra** e de **Haedo;** los arroios **Maneco-Invernada** (con lo que se perdió al Rincón de Artigas...);

El proyecto de **Tratado de Permuta** (que no fué ratificado) del 4 de Setiembre de 1857, por el Rincón de Artigas volvía al dominio oriental pasando al brasilero el **Rincón de Cuñapirú,** próximo a Livramento;

Las nueve **tratativas** iniciadas desde 1857 a 1895 en procura del condominio de la Laguna Merim;

El **Tratado** del 30 de octubre de 1909 por el que a iniciativa generosa del Brasil, — se **rectificó** la divisoria sobre la Laguna Merim y el Rio Yaguarón;

La **Convención** del 7 de mayo de 1913 por la que, a iniciativa del Uruguay, se rectificó la frontera en las aguas del San Miguel;

El resultado de los tres **acuerdos** de los Comisarios Jefes del 4 de enero de 1923, 22 de mayo de 1924 y 29 de julio de 1925 por los que se **rectifica** la divisoria entre las ciudades de Rivera y de Livramento;

El **acuerdo** del 24 de diciembre de 1927 por el que se **rectifica** el régimen delimitador en la confluencia del arroyo de San Luis y en la poligonal rectilínea sobre la cuchilla de Santa Ana .

Puede ser que cualquer espíritu meticuloso afirme que no todos esos **veintitres** actos sean, todos, extrictamente **rectificaciones.** No interesa. El hecho es que han existido y que DOCE de ellos tuvieron éxito y constituyeron verdaderas rectificaciones al Tratado de 1851. Y ninguna de esas tentativas fué considerada jamás como agravio. Al contrario, fueron atendidas y examinadas con toda amistad. Con la profunda amistad de los brasileros para los orientales.

* * *

Eso que acabo de enunciar no es, — de ninguno modo, — una campaña reinvidicadora. Con respecto a mi manera de pensar con respecto a la estabilidad de las fronteras sud-americanas, — y, por lo tanto, con respecto a las de mi país, — mi opinión la expresé claramente y terminantemente en el II CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE AMÉRICA, de Buenos Aires, en 1937, cuando, hablando oficialmente, entre otras cosas, dije:

> "...Las entidades que os acabo de nombrar, (*), "unanimemente, sin discrepancias, sin distinciones, "os envian a todos. por mi intermedio, el mas claro, "limpio y recto mensaje de paz, de fraternidad, de

(*) Me refería a las representaciones que tenía en aquel Congreso entre las que, además de las del Gobierno y Universidad de mi país, tenía, tambien, — y a mucho honor, — la del **Centro de Estudos Históricos"** de Rio Grande del Sur.

"solidaridad continental, racial y espiritual, y, in-
"terpretando sus orientaciones os digo que confian
"en vosotros y en vuestra obra actual para que algun
"día, el menos lejano posible, nuestra Historia, la
"Historia de nuestra América, redactada sobre es-
"tas bases que estamos configurando, nos permita
"enfocar el Porvenir con la certidumbre de una Paz
"cierta, que ni siquiera necesite del resguardo de
"los Tratados por constituir una integración per-
"manente de nuestra Ética continental y de nuestro
"espíritu nacional; de una Paz armónica y fraternal,
"afirmada en el derecho común, sin restricciones
"externas, DUEÑO CADA UNO DE SU SOLAR,
"GRANDE O PEQUEÑO, EN EL ESPACIO, PERO
"GRANDES TODOS, Y POR IGUAL, EN EL ESPÍ-
"RITU Y EN LA FRATERNIDAD; y que esa His-
"toria de Paz y de Derecho, formada precisamente
"sobre aquella otra Historia de sangre, de pasión
"y de arbitrariedad que nos nutrió a la mayoría
"de los presentes congresales, sea, señores, una His-
"toria que, en un proceso racional, económico y es-
"piritual, nos permita llegar, sin mengua para na-
"die y con honor y orgullo para todos, A LA TRANS-
"FORMACIÓN PAULATINA DEL CONCEPTO
"FRONTERA" QUE HEREDAMOS DE EUROPA,
"HASTA CONVERTILO EN UNO NUEVO, NETA-
"MENTE AMERICANO, QUE CONFIGURE UN
"NEXO, CONSTANTE DE UNIDAD CONTINEN-
"TAL, SOCIAL Y POLÍTICO, tal y como, en toda
"obra de arquitectura, el mortero no es en realidad
"el elemento separador sino, precisamente, el que
"une y afirma y dá unidad al edificio..." (Ver To-
mo IV, pág. 722 y 723 del II Congreso Internacional
de Historia de América, Buenos Aires, 1937).

Esas palabras las pronunció ante las delegaciones representativas de las veintiunas naciones independientes de América, teniendo a mi lado y a mi frente, respectivamente, a mis ilustres amigos los eminentes historiadores brasileros Drs.

Max Fleiuss y Pedro Calmón, dignísimos y talentosos representantes oficiales del Brasil.

Tengo la esperanza de que el Sr. Cnel. Sousa-Docca conozca yá esas palabras mías. Y no creo que nadie que las lea e interprete rectamente pueda, mas tarde, acusarme de **iniciador de campañas reivindicadoras.**

* * *

La otra sensación que en mi ánimo ha dejado la lectura serena del estudio del Sr. Cnel. Sousa-Docca es la de que atribuye **injusticia** para con el Brasil en mis escritos. Tengo el derecho de no dejar flotando esa acusación que no por no estar formulada expresamente deja de surgir de su escrito. Ningun recurso me queda para ante los miles y miles de lectores del **Jornal do Commercio** pero intentaré restruirla ante los de la **Revista del Instituto** para la que escribo.

Ya dije antes que mi trabajo sobre **Nuestra Frontera con el Brasil,** constaba de cuatro partes, a saber:

1ra. Parte: **"Su Evolución Histórico-Geográfica"** publicada en 1936;

2da. Parte: **"Aclaraciones y Comentarios",** publicada en 1937;

3ra. Parte: **"La Descripción",** en prensa;

4ta. Parte: **"La Laguna Merim",** en redacción.

Será, posiblemente, en estas dos últimas partes donde, además de referirme a lo que interesa de sus comentarios, tomaré en cuenta, — si es que llega a mis manos a tiempo para hacerlo, — todo lo que pueda ser de interés del anunciado libro del Sr. Cnel. Sousa-Docca.

Y bien, la 2da. Parte de mi **Nuestra Frontera con el Brasil,** (la que tiene por sub-título: **"Aclaraciones y Comentarios"**), — tiene esta dedicatoria:

> **"Al ilustre** INSTITUTO HISTÓRICO Y GEOGRÁFICO DE RIO GRANDE DEL SUR **y a la benemérita** BIBLIOTECA RIO GRANDENSE **y a su** CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS".

Esta dedicatoria la justifico en las páginas 1 y 2 con estas palabras:

"Dedico esta Segunda Parte de mi ensayo so-
"bre NUESTRA FRONTERA CON EL BRASIL, —
"especialmente en lo que aclara y justifica mis pro-
"pósitos. — a las beneméritas entidades culturales
"INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
"RIO GRANDE DO SUL, de Pôrto Alegre, a la
"BIBLIOTECA RIO GRANDENSE y a su subsidia-
"rio CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, de la
"Ciudad de Rio Grande del Sur".

"Soy asíduo y entusiasta lector de la REVIS-
"TA de aquel **Instituto** y conozco, desde sus prime-
"ros pasos, la gestión y orientación espiritual de la
"**Bibliotheca Rio-Grandense** y de su **Centro de Es-**
"**tudos Históricos** y soy sincero admirador de di-
"chas Instituciones y de los hombres altruistas que
"las sostienen e impulsan, y creo en verdad, que
"muy pocas de entre ellas llevan a cabo, como lo
"hace el **Instituto,** no solo en la actividad indecli-
"nable de su **Revista** complementándola con los
"**Congresos** de tanta importancia científica, tan ex-
"celentemente organizados y de resultados tan aus-
"piciosos como los obtenidos en el **"Farroupilha",**
"— o de 1835, y en el del **"Bi-centenario de la fun-**
"**dación del Presidio de JESÚS MARIA E JOSÉ",**
"por José da Silva Paes, o de 1937, — cuyos méritos
"aparecen concretados en seis gruesos volúmenes,
"llenos de trabajos notables en su mayoria, y en
"su mayor número relacionados con el pasado his-
"tórico de nuestro país, — o cumplen, con la altruis-
"ta visión y la constancia del esfuerzo divulgador
"con que la **Bibliotheca Rio-Grandense** y su **Centro**
"**de Estudos Históricos,** realizan, en la ciudad de
"Rio Grande, su labor bellamente humana y civili-
"zadora de cultura e investigación."

"Eso solo, de por sí, ya justificaría mi dedica-
"toria. Pero, fuera de duda por encima de eso, ella

"procura ser la cristilización del estímulo que en "mi espíritu despierta el patriotismo sincero, inex- "tinguible, iluminado, de las autoridades y de los "colaboradores de aquellas entidades, fundamento "espiritual que se exterioza en forma tal que hace "honor, altísimo honor, no solo a la mentalidad "regional sud-riograndense, si que la brasilera ya "la americanas.

"Y son esa mentalidad y patriotismo regiona- "listas sud-riograndenses los que, — estoy seguro, "— fueron, (creo firmemente que aun son y confío "en que seguiran siéndolo), hermanos integrales "de mi patriotismo y mentalidad orientales, y, aun "cundo no niego que a menudo discrepo con juicios "allá exteriorizados, no puede, en general, leer sus "trabajos sin emoción, ante la unción fervorosa que "trasunta su hondo patriotismo, su encendido y a "veces casi enceguecido regionalismo, y, sobre to- "do, su FÉ ilimitada en las posibilidades y valores "de su tierra **gaúcha,** — acentuando la ú, como el- "los suenan, — y en si mismo, que es tanto como "decir, en cierto modo, en nuestra tierra y en nos- "otros. Por que, se quiera o no, la Historia y la "Geografía, la Etnografia, la Sangre, las vicisitudes, "los sufrimentos, nos han indentificado... por lo "menos, espiritualmente..." z

"Y es que, por encima de nuestras fronteras po- "líticas i materiales, no excluyéndose por ellas sino "apoyándose en ellas, nuestras dos entidades polí- "ticas integrantes de esta nuestra SUD-AMÉRICA, "— susceptible de ser considerada como una posi- "ble COMUNIDAD ESPIRITUAL "EN POTENCIA" "— ("**a commonwealth in being**...", entiendáse- "nos bien...) — DE GRANDES Y DE PEQUENAS "NACIONES LATINO-AMERICANAS, — ya no se "interpone, como antaño, una separación agresiva "ni una demarcación negativa y aisladora. No; "ahora solo existe una ligazón fraternal, indispen-

"sable e indestructible, configurada en una ficción
"política en plena evolución hacia un futuro nexo
"económico y humanamente tolerante, comprensivo,
"y solidario, confirmador, — nunca anulador!, — de
"nuestras nacionalidades y agrupamientos sociales
"perfetamente definidos y conscientes, cada uno,
"tanto de su propia personalidad y responsabilida-
"des como de las de sus vecinos y hermanos... Y
"me es grato acreditar ahora mi aplauso a la defi-
"nición de **"A Revolução Farroupilha: Sua signifi-**
"cação", clara y terminante definición, como espí-
"ritu y tendencia de brasilerismo entusiasta que el
"coronel Emilio F. de Sousa-Docca publicó en el
"Volume XXXV, N.º 2 a 4, Anno XXV, de la **Revis-**
"ta Militar Brasileira..."

Así, en esa forma que creo muy amistosa, noblemente admiradora para con el Brasil, para con Rio Grande, para con los Grandes Hombres del Brasil, para el Instituto Histórico y Geográfico de Rio Grande del Sur, y, tambien, para el Sr. Cnel. Sousa-Docca, (a quien le está destinado expresamente todo el último parágrafo), me expresé literalmente en la REVISTA MILITAR Y NAVAL de mi país y nada tengo que rectificar a mis expresiones. Por lo contrario: **Las ratifico por completo.**

* * *

Cerrando esta definición de mis sentimientos hacia el Brasil, sus Grandes Hombres y su Justicia solo me restaría decir que **en esas palabras mias que acabo de transcribir estárian contestadas,** por antecipado, las intenciones que me parece que el Sr. Cnel. Sousa-Docca me atribuye en su escrito, y, además, — y esto si me halaga, — que nada me hacía suponer en 1937, cuando pronunciaba las primeras y escribia las segundas que a fines de 1938, por acción casi decisiva de otro brasilero ilustre, — Afranio de Mello Franco, — en la Conferencia de Lima habria de alcanzarse el milagro de la **Unidad Espiritual de TODAS las Naciones Americanas,** no ya, simples-

mente, de las latino-sud-americanas como yo animaba a pronosticar sino de todas, sin excepción...

Y bien; la sinceridad de mis palabras de amor, de admiración y de respeto para el Brasil, sus Hombres y su Justicia, no puede ponerse en duda. Nadie tiene, honradamente, el derecho de hacerlo. Tampoco se pueden destruir. Estaban dichas o escritas y publicadas desde un año antes de que el Sr. Cnel Sousa-Docca hiciera aparecer en el **Jornal do Commercio** esos sus dos artículos que ahora, al terminar el año 1938, ha recogido, (honrándolos), — la ilustre **Revista del Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**...

* * *

Pero muchos en el Brasil han creido en la sinceridad de mis palabras. Y en ese mismo **Jornal do Commercio** en que el Sr. Cnel. Sousa-Docca publicó sus artículos, antes que él, aquel Gran Patriarca del patriotismo mas acendrado que fué el muy ilustre **Conde de Affonso Celso** — (el inolvidable autor de **"Porque me ufano do meu País)**, — honró a mi "EVOCACIÓN DEL BARON DE RIO BRANCO" con una página plena de unción patriótica y de amistad... A esas palabras del insigne maestro puedo agregar múltiples otras pero de todas ellas voy tan solo a permitir me recoger **una sola** por el destino que se me hace saber que ha tenido un ejemplar de aquella **Evocación**...

"Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1938... Os "meus muito attenciosos cumprimentos e votos de "felicidade. Recebí e agradeço muito cordialmente, "o magnifico discurso de V. Excia.: "Evocación del "Baron de Rio Branco". Li-o de um só jacto, "com a maior alegria e emoção. A oração primo-"rosa de V. Excia., não evoca, somente, a figura in-"signe de Rio Branco, mas, aviva e dá novo calor aos "já tradicionaes e profundos sentimentos de frater-"nidade das nossas patrias irmãs. Para que outros "patricios meus sintam a mesma doce emoção que "me causou a leitura do discurso inspirado de V.

"Excia., dei-o a lêr, ao meu filho mais velho, que é "Cadete do Exercito do Brasil, que o passará tam- "bem, ás mãos de seus collegas da Escola Militar.."

He ahí una compensación moral que es todo um premio. Firma esa carta quien para mí es un gran brasilero y un gran patriota: El Exmo. Dr. **Fernando Viriato de Miranda Carvalho,** ilustre Director de Puertos del Brasil.

* * *

Señor Presidente: Voy a cerrar esta tan pesada pero para mi tan necesaria esposición con la transcripción de las palabras con que terminé la Segunda Parte de mi **"Nuestra Frontera con el Brasil"**, cuya dedicatoria y justificación inicial acabo tambien de reproducir: Dije, entonces, así:

"Al culminar esta pesada exposición, creo po- "der afirmar, en verdad, que nunca habrá sido me- "jor aplicado el noble y bello lema del INSTITU- "TO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRAN- "DE DO SUL, que refiriéndolo a las palabras de "este escrito. Y haciendo fé en él y en mi mismo, "aquí le inserto y en él me amparo:

"INCORRUPTAM FIDEM PROFESSIS NEQUE AMORE QUISQUAM ET SINE ODIO DICENDUS EST!"

Así definida mi posición, dígnese el eminente Sr. Presidente aceptar las seguridades de mi profunda lealdad y mas alta y distinguida consideración.

JOSÉ AGUIAR.

N/B: — La REVISTA NACIONAL, de esta ciudad, — que con tanta altura dirije mi distiguido compatriota y erúdito historiador don **Raúl Montero Bustamante,** — tiene en su poder, y comenzará de imediato a publicarlos, los originales de un trabajo **Antecedentes para la determinación Geográfico-Jurídica de la República Oriental del Uruguay,** que contienen el material utilizado por mí en la serie de Conferencias que con ese mismo título dí en mi caracter de Director Honorario del Instituto de Investigaciones Geográficas de la Universidad de la República, en Montevido, dicté en 1938, antes de conocer los escritos del Cnel. **Sousa-Docca.** Como en ellas ha de resultar aun mas claramente definido mi pensamiento e intenciónes me haré un deber en remitir a usted la publicación citada.

J.A.

Reminiscencias Históricas

por J. O. Pinto Soares

D. PEDRO II E A FEDERAÇÃO

O virtuoso monarca brasileiro do 2.º reinado, que foi D. Pedro de Alcântara, na sua segunda viagem ao Velho Mundo, em 1876, demorou-se três meses nos Estados Unidos.

No seu regresso ao Rio de Janeiro, ao transmitir as suas impressões aos amigos, disse certa vez, textualmente: "Na América-do-Norte o povo era menos demonstrativo, de aparência mais rude, porém muito mais respeitoso. Vi por tôda a parte, desde Nova York até São Francisco, que tôda aquela gente, sem distinção de classes ou posições, tinha conciência da própria dignidade. Podia ficar com o chapéu na cabeça, mas também não me estendia a mão para pedir molhadura".

E é sabido que o velho monarca tendia francamente, antes da proclamação da república no Brasil, para a reforma da Constituïção do Império, afim de na carta magna serem introduzidas certas alterações "a começar pela federação das províncias"; e a organização do Supremo Tribunal de Justiça de Washington mereceu-lhe particular atenção. "Creio que nas funções da Côrte Suprema está o segrêdo do bom funcionamento da Constituïção Norte Americana", dizia êle em julho de 1889 ao Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira e ao nosso embaixador Salvador de Mendonça, no palácio do Alto da Tijuca, no Rio de Janeiro, incumbindo-lhes mesmo de estudarem, com todo o cuidado, tal organi-

zação, durante o desempenho da missão especial que então os levava aos Estados Unidos.

A 15 de novembro do ano referido, porém, o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, à frente da tropa armada, proclamou a república. As províncias do Império aderiram ao "fato consumado", apenas em S. Paulo e na Baía houve um arremêdo de oposição, e na Côrte, o Barão de Ladário, ministro da marinha, puxou do revolver e deu um tiro, errando o alvo...

*
* *

O Imperador era um homem viajado, psicólogo, de larga visão dos homens e das cousas, patriota como os que melhor o fôssem.

Apreendeu fàcilmente a situação brasileira, e procurou remediá-la, embora tardiamente, e o teria conseguido talvez, se não fôra a intolerância e estreiteza de vistas de certas personalidades dos partidos políticos que o apoiavam.

Em consequência de seu elevado propósito, a república no Brasil teria sido feita naturalmente, em ocasião oportuna, sem fortes emoções, sem agitação inconveniente à disciplina e aos altos interêsses do país, pelo próprio povo, e não como o foi precipitadamente pela tropa armada, tendo à frente um Marechal, empossado como chefe do govêrno, primeiro — provisório e depois — constituido —, para precisamente dois anos depois ser forçado a abandoná-lo, sem um tiro, mas sob a pressão das circunstâncias, despedindo-se por meio de um manifesto melancólico (datado de 23 de novembro de 1891), dos brasileiros, palavra esta com que começara êsse documento histórico; e um ano e três meses depois irromper uma funesta luta fratricida, a de maior extensão e a mais sangrenta que o Brasil teve até hoje.

Assim, três anos e três meses, portanto, depois da pacífica transição política, tivemos a revolução de fevereiro de 1893: um govêrno e um comando organizados, a esquadra revoltada e a baía do Rio de Janeiro bloqueada, três

Estados conflagrados, o germe da anarquia solapando por tôda a parte...

Teve por contrariá-la, contudo, o mal de origem: falta de um homogeneo e bem definido programa, porquanto, se uns queriam o parlamentarismo, outros opinavam pelo presidencialismo puro ou modificado em parte, outros, finalmente, ambicionavam a própria restauração da monarquia. Não se lembraram da divisa do grande filósofo, de que "nos momentos de grande crise, enrolam-se as bandeiras", donde se conclue que em semelhante situação deve prevalecer somente o instinto da Pátria.

Assim é que êsse grande movimento armado, depois de tanto sangue derramado em uma cruenta luta fratricida, veio a terminar pela Paz de 31 de outubro de 1895, promovida pelo benemérito paulista, dr. Prudente José de Morais Barros, então presidente da República.

O indivíduo só se deve apaixonar nas lutas políticas pelo fogo sagrado de seus ideais, e nunca pelo sentimento subalterno do despeito, ou de ambições mal contidas de posições e de mando, ou de popularidade de certa imprensa que vive do escândalo, em proveito próprio, explorando o espírito dos pequeninos e acabando por lançá-los, impatriòticamente, na fogueira das tréfegas aventuras.

As revoluções nunca absolutamente devem ser o fruto amadurecido de interêsses contrariados de facções, castas ou classes; de ressentimentos pessoais ou ambições mal sopitadas, como também não devem nunca visar a simples substituïção de homens; mas, sim, a execução honesta, sem hesitações ou fraquezas, de programas definidos, amplamente estudados e maduramente aceitos pelo conjunto dos cidadãos dignos da Pátria, que constituem a verdadeira opinião pública, em manifestação esclarecida, justa e sabia.

FEDERAÇÃO — EDUCAÇÃO — TRABALHO

eis o lema brasileiro.

Para isso muito influirá a propaganda e a crítica sensata, feita honestamente pela imprensa livre.

Fora dessa retilínea diretriz, nem se deve vacilar na realidade de que os golpes de fôrça bruta, embora ocasionalmente triunfantes, estão sempre fadados à sorte de uma contraproducente duração efêmera, nefasta e perniciosa aos superiores interêsses coletivos da nacionalidade. Mesmo porque a fôrça bruta só impera, sob um pesado ambiente de despotismo açambarcador, devastando as nobres lições de um passado glorioso, de lutas e sacrifícios, enquanto não termina a mobilização regular dessa invencível fôrça de opinião pública, que tem por base a verdade contra a mentira, e que forma um forte laço moral unindo a Nação tôda, e impulsionando-a, vigorosamente, para os seus altos desígnios de liberdade, de independência, de sabedoria e de honra.

Os momentos soleníssimos da vida de um povo de dignidade e altivez, jamais devem sofrer os efeitos maléficos da injúria, ou da ação destruïdora do tempo. Devem, ao contrário, permanecer, indeléveis, nas imorredoiras páginas da história, que é a "eterna mestra da vida", iluminando qual farol possante à estrada fecunda e indefinida por que transmitam, corajosamente, as gerações que se sucedem na evolução natural da humanidade.

*
* *

O Marechal Deodoro, proclamador da República, era um homem de bom sentimento e bem intencionado. O seu gesto na alvorada de 15 de novembro de 89, não foi o fruto amadurecido de qualquer ressentimento pessoal do velho Monarca, nem de ambição mal sopitada. Êle já havia atingido aos postos mais elevados da hierarquia militar por seus próprios esforços e a custa de ingentes sacrifícios, quer no desempenho das mais trabalhosas comissões, quer pelos campos de batalha ou de manobras, sempre no árduo serviço da tropa.

A sua fé de ofício era um padrão de exemplos imortais.

Encanecido pelo Exército e pela sua Pátria, à qual nunca regateara o seu braço por mais penosos que fôssem os encargos, a sua figura de velho lidador, sugestiva e empol-

gante, surgia, dominadora, diante de seus camaradas de classe, que se lhe apresentavam como que humilhados pelos desatinos despóticos dos gabinetes imperiais.

Foi sacudido pela forte emoção dessa quadra sombria para os destinos da nacionalidade, — porque humilhar o Exército é humilhar a Nação, — que a sua espada se desembainhou.

O trono ruiu por terra, fàcilmente.

Não se apoiava numa aristocracia digna dêsse nome e contrariava as tradições do Continente Americano...

Hoje, a sua figura respeitosa, de soldado sem mácula e de patriota inexcedível, está perpetuada no bronze eterno, realçando a lembrança da justiça em um belo logradouro público da Capital da República, fundida que fôra do metal dos canhões que faz quase quatro séculos serviram para defender a cidade do Rio de Janeiro contra seus invasores estrangeiros, nas lutas homéricas que nossos antepassados mantiveram na fundação e conservação desta formosa nacionalidade, que nos transmitiram, finalmente, como herança imorredoira, e que, por isso mesmo, temos o sagrado compromisso de honra de conservá-la, constantemente e sempre imaculada e passá-la aos vindouros, íntegra, tal como nos foi legada.

A MONARQUIA E A REPÚBLICA

O trono bragantino ruiu por terra sem luta armada, porque, conforme disse Aristides Lobo, "o povo assistiu ao fato, bestificado".

A monarquia no Brasil viveu durante 67 anos sob a guarida de um povo melancólico e indiferente, cuja conciência adormecida vinha sendo despertada, paulatinamente por certos fatos notáveis de nossa vida política interna, ressaltando entre êles por mais fundamente terem abalado o trono, a questão religiosa, a questão militar, a abolição da escravatura a 13 de maio de 1888, de súbito e sem indenização alguma, desmantelando destarte o trabalho em quase tôdas as províncias do Império, e tornando os possuïdores de vas-

tas propriedades agrícolas e industriais, manejadas e alimentadas pelo braço do homem cativo, se não inimigos, ao menos indiferentes à sorte do trono. Por outro lado, a propaganda republicana, feita nos moldes de uma pura democracia, não havia conseguido organizar ainda, mau grado os esforços ingentes de seus tenazes propugnadores, um partido verdadeiramente tal de homens em número suficientemente capazes para exercer a pública administração, de modo que à nova forma do govêrno afluíra uma imensa chusma de adesistas, alguns abnegados e desprendidos sem dúvida, mas outros, que vieram colaborar no novo regime, sem nenhuma responsabilidade moral pela sua sorte, movidos mais pelo interêsse pessoal que pelo ideal que nunca tiveram (e foi êsse todo o mal da república), e conservaram e aplicaram a mesma educação política, erros e vícios do regime deposto; deturparam e comprometeram, assim, os nobres ideais da propaganda, denodada e firme, de batalhadores audazes, independentes e patriotas.

A 24 de fevereiro de 1891, foi promulgada a Constituïção Federal, tão combatida durante 40 anos, particularmente, segundo alegavam os seus opositores, por ter sido copiada da Norte Americana. Parece-nos, entretanto, que o seu notável defeito seria mais por ser um tanto sofismática, de modo que nas mãos do Chefe do Poder Executivo poderia ser interpretada consoante as suas conveniências políticas, ou caprichos pessoais. Tôda a gente sabe, contudo, que êsse defeito era de fácil correção; que a própria Carta Magna em seu Artigo 90 das Disposições gerais, facultava e estipulava os meios regulares para a reforma.

O mal, de resto, não seria da Constituïção de 91, mas do caráter de homens que a executavam, ou concordavam com a sua errônea, ou maldosa interpretação.

Em França até hoje existe o Código Napoleônico, organizado por Bonaparte, que, como primeiro Cônsul presidia as sessões, tanto da Comissão respectiva por êle nomeada, como do Conselho d'Estado.

O "Código Napoleão" nome que com justiça tomou êsse Código Civil, consubstancia as finalidades da "Grande Revolução de 1789", "rege a França, a propriedade e a família" e demonstra a excepcional qualidade de administrador dêsse homem extraordinário, que também foi o maior general de seu tempo.

Os ensinamentos fecundos dêsse gênio imperecível, quer como administrador, quer como mestre Supremo da arte militar, lá estão, faz mais de um século, sobranceiros e impávidos, resistindo, eretos, as injúrias do tempo!

Nem a impostoria dos homens, nem o ódio de despeitados, nem a inveja suscitada pelas paixões políticas, conseguiram derrocá-los.

É essa uma insofismável prova da beleza de caráter do povo francês, que coloca a Pátria acima das paixões e dos sentimentos subalternos, na afeição sincera que tributa ao ideal de uma causa santa, ideal êsse nascido, crescido e avolumado, finalmente realizado a custa de sacrifícios e de esforços inauditos.

"DIVIDIR PARA SUBSISTIR", "CONCENTRAR PARA COMBATER", eram os lemas dêsse admirável estadista.

Venâncio Aires, o paulista abnegado e valente, ao fundar a 1.º de janeiro de 1884 o vespertino "A Federação", órgão da propaganda republicana no Rio Grande do Sul, colocou no cabeço do jornal os seguintes lemas: "Federação - Unidade"; "Centralização - Desmembramento", que foram conservados religiosamente por Júlio de Castilhos, exemplo vivo de um caráter sem jaça, ao assumir meses depois a direção dêsse combatente diário sul-rio-grandense.

Não temos dúvida em afirmar que o amor à terra em que nascemos, desde que não seja exagerado, é um sentimento necessário e útil, porque faz com que o homem se esforce cada vez mais pelo progresso material e moral de seu estado, não somente como estímulo, mas também afim de elevá-lo cada vez mais no conceito de seus co-irmãos, e porque com êsse trabalho, honesto e produtivo, vem a enriquecer e engrandecer a economia nacional e a saúde cívica da entidade, em conseqüência a própria pátria comum.

No Brasil nunca existiu — verdadeiramente — o propósito separatista.

Já afirmámos isto, demonstrando com documentos reais, no 1.º Congresso de Histório e Geografia do Rio Grande do Sul.

Essa idéia não tem passado de um pesadelo, que vem perseguindo sempre certos despotismos centrais, quando de suas tranquibérnias infernais.

Inegàvelmente, a nossa mentalidade nacionalista formou-se pelo heroísmo dos Bandeirantes imortais, nas suas cruzadas gigantescas pelo Sul, pelo inhóspitos sertões de Goiaz, Mato Grosso, Minas, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, e pelas vastas regiões, então insalubres, do Pará e do Amazonas; firmou-se nas indômitas e arrojadas lutas contra os holandeses, em que Pernambuco — o Leão do Norte, ao lado de suas intrépidas co-irmãs da Baía até o Maranhão, fizeram triunfar a fé católica, num batalhar perseverante, tenaz, cheio de assombrosos episódios épicos; no Rio Grande do Sul, durante quase meio século, contra os espanhóis, na audaciosa e impertinente disputa do território; e consolidou-se finalmente em 1807, com a transmigração da família real de Bragança para o Brasil.

Indiscutìvelmente, o amor ao território, à religião e ao Rei é que formaram, firmaram e consolidaram a nacionalidade brasileira.

PROVIDÊNCIAS PRELIMINARES

Em vista de sua extraordinária extensão territorial, da sensível diferença na configuração de suas terras, parte numa, parte noutra zona, dando-lhe dois climas regionais bem distintos, o Brasil precisa como providência preliminar (e faz 20 anos dizíamos nós), é de resolver com honestidade, precisão e sabedoria o máximo problema de seu sistema de comunicações; de sanear as vastas regiões infestadas, há séculos, pela malária, que vai por êsses vales paludosos em fora definhando e corroendo gerações dignas de melhor sorte,

insensìvelmente cavando a decadência de uma raça tão forte e rígida em seus primórdios, como o fôra nos arrojados lances heróicos pela fundação e defesa da nacionalidade; de povoar de colonos de procedência reconhecidamente laboriosa e ordeira, a vastidão dé suas terras, férteis mas abandonadas ainda, sem ligar importância exagerada a um perigo internacionalista, que, de resto, nunca existiu; de dar organização ao proletariado, conforme os preceitos da civilização moderna; de desenvolver cuidadosamente a instrução popular; de despertar o sadio espírito militar no seio da juventude, êsse precioso manancial de reserva cívica, em cujo meio o grande exército do futuro virá recrutar os seus generais, e a cuja destemerosa e animosa guarda estão entregues os destinos da nacionalidade, nos incertos dias de amanhã; de dar trabalho aos sem trabalho; de amparar o desenvolvimento capaz, patriótico e honesto de nossas riquezas naturais, combatente os "trusts", os abusos de invasores monopólios industriais agindo contra a energia nacional, a conquista sorrateira de território pelo ouro de sindicatos estrangeiros e a evasão de matéria prima, ou de nossa indústria pesada por portentosas emprêsas aventureiras; de policiar e educar, criteriosamente, não só cidades opulentas, realçadas pelo deslumbramento do luxo ou acobertadas, quiçá avareza de uma civilização retardada, — como todos os demais pontos do país, onde possa germinar, plàcidamente, a semente daninha das árvores exóticas, da vadiagem e do crime; de anular, sinceramente, o retrógrado predomínio de regular de aldeia, donde promanam crimes os mais repelentes praticados por seus asseclas, seguros da impunidade; de fazer da Justiça um templo respeitável e respeitado; de praticar a livre democracia, conforme as tradições do Continente Americano, garantindo de verdade o pleno exercício do voto e do reconhecimento do poderes; de cumprir fielmente os postulados da propaganda republicana, desfechando destarte um golpe decisivo, mas necessário, na política de campanário, geradora das ambições inconfessáveis e vergonhosas; de dar ampla liberdade ao exercício do sacerdócio, porque, conforme com acerto disso Voltaire: "os homens precisaram sempre de um

freio, e onde quer que exista uma sociedade, a religião é indispensável. As leis são um freio para os crimes públicos, e a religião é um freio para os crimes secretos".

*
* *

É um êrro inexplicável supor-se que com a tirania, com a fôrça bruta, com o amordaçamento das liberdades públicas em suma, se possa impedir o avanço das grandes idéias de um povo de dignidade e altivez. Porque êles são como que uma avalanche que, precipitando-se da montanha para a planície com uma energia poderosa, não há fôrça alguma que a possa deter.

Assim são as fôrças morais, antepondo-se vitoriosamente às fôrças materiais.

O Exército nos deu na alvorada de 15 de novembro de 89, uma Pátria livre, sob um regime puro e democrático, de acôrdo com as doutrinas prègadas, leal e valentemente, pelos nossos maiores, numa campanha porfiada, trabalhosa, cheia de abnegação no sacrifício.

Mas, essa vitória alcançada pelo Exército não foi uma que resultante de sua fôrças materiais, mas, incontestàvelmente, da nobreza de sua fôrças morais, nobreza essa consubstanciada na figura honesta, culta e empolgante de Benjamim Constant, como de seus ardorosos discípulos.

Êsse é que é o sagrado compromisso do Exército, que, se na monarquia representa o papel apagado de guarda-costas do Soberano, na República nada mais é do que uma guarda vigilante e impertérrita da honra nacional.

Antes de 89: quanto sangue derramado inùtilmente!

Quanto patriota imolado no altar da Pátria!

Quanta mentira espalhada pelo mundo em fora!

Entretanto, a idéia resistiu a tudo, e na risonha manhã primaveril de 15 de novembro, triunfou!

Notulas Bibliográficas

Notas preliminares e estudos; O Maciço do Itatiaia; Lagos Duas Bôcas e Novo; A política do ouro; Fósseis carboníferos do Rio Jatapú; Francisco de Paula Oliveira; Discurso pronunciado na Escola de Minas de Ouro Preto.

Do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil recebemos as publicações supra.

Às "Notas Preliminares e Estudos" referem-se os ns. 8, 9, 10, 11 e 14.

Consitiuem matéria do n.º 8, de 15-2-1937, dois importantes estudos, a saber:

"O Clima do Brasil", em que Horace E. Williams aborda três parágrafos, estudando as anomalias do clima, a configuração topográfica da América do Sul, em relação aos climas das diversas regiões, os ventos alíseos, sua direção em diversos pontos do país e sua influência sôbre as condições atmosféricas e sôbre o solo e, por fim, a região chuvosa da Serra do Mar, mostrando a influência da dita Serra e da cordilheira andina sôbre o clima do Brasil. E' um trabalho de mérito elevado.

O outro estudo, denominado "O Petróleo de Lobato, Baía", da autoria do Dr. Euzébio de Oliveira constitue uma réplica a certas insinuações relativas aos trabalhos do Serviço Geológico e Mineralógico no caso do petróleo do recôncavo baíano. Evidencia o trabalho em questão o grande interêsse tomado pelo extinto Serviço Geológico e Mineralógico, dependência do D. N. P. M., no caso do petróleo de Lobato que, agora, conseguiu fazer jorrar, dando aos pessimistas e maus patriotas

uma lição do quanto vale a ciência, quando aliada à bôa vontade e à perseverança.

O n.º 9 insere: "Prospecção geofísica no Estado do Paraná", da autoria do prof. Euzébio de Oliveira; "Fósseis pliocênicos do rio Juruá", por Matias G. de Oliveira Roxo, e "Política do Ferro" e "Notas geológicas", de Euzébio de Oliveira, todos estudos verdadeiramente notáveis e valiosos.

Os ns. 10 e 11 encerram belo trabalho do prof. Euzébio de Oliveira sôbre "O Estado atual da Paleobotânica brasileira", em que o autor dá uma notícia histórica das descobertas feitas em todo o país, no ramo paleontológico supradito, e estuda as diversas floras fósseis do Brasil, dentro dos respectivos períodos geológicos (ante-cambriano, cambriano e ordoviciano, siluriano, devoniano, carbonífero e permiano; triássico, jurássico e cretáceo; pleistoceno e atual).

Constituem também matéria do n.º 11 dois outros esplêndidos trabalhos: "Notas sôbre despojos de répteis fósseis", relativo aos estudos procedidos no Gabinete de Preparações da Secção de Paleontologia do Ser. Geol. e Mineralógico sôbre restos de répteis fósseis dicinodontios (**Stahleckeria** von Huene?; **Kannemeyeria** Selley?), provenientes do **Triássico** de Santa Maria, neste Estado, trabalho êsse da autoria de Axel Loefgren, e "Reinhard Maack e a Geologia do Sul do Brasil", de Gerson de Faria Alvim, relativo à obra daquele cientista alemão ("Geographische und geologische Forschungen in Santa Catarina — Brasilien," 1937), resultante de suas pesquisas no sul do Brasil.

Por fim, em o n.º 14, de 30-8-1937, destacam-se em primeiro plano dois notáveis trabalhos do prof. Matias G. de Oliveira Roxo, sôbre os "Minérios de Ferro do Brasil" e sôbre os "Crocodilianos fósseis do Brasil", constando ainda do mesmo uma nota do prof. Euzébio de Oliveira sôbre as "Madeiras fósseis petrificadas".

Em "Minérios de ferro do Brasil", o prof. Oliveira Roxo analisa dum modo sintético a distribuição das jazidas de ferro pelos Estados brasileiros, a começar pelos do norte, seguindo-se depois os da Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Ma-

to Grosso, Goiaz e, por último, Minas Gerais cuja área ferrífera é a que, por unidade de superfície, encerra quantidade máxima de minérios de alto teor e quantidade de impurezas mínima.

Com "Crocodilianos fósseis do Brasil", o mesmo prof. cumpre a promessa que nos fizera do Prefácio de sua "Introdução ao Estudo dos Répteis Fósseis do Brasil", extraordinário trabalho, que constitue tôda a matéria do boletim n.º 89, do Serv. Geol. e Mineralógico do Brasil.

Em "Crocodilianos fósseis do Brasil" o prof. Oliveira Roxo faz uma síntese histórica das descobertas de despojos fósseis de crocodilianos, efetuadas em nosso país, desde 1845 até 1936, citando, por último, os gêneros e espécies (ao todo 12 espécies) cuja ocorrência foi verificada até agora em nosso território. E' um trabalho valioso para os nossos paleontologistas, bem como o artigo intitulado "Madeiras fósseis petrificadas", da autoria do prof. Euzébio de Oliveira, publicado no mesmo número.

"O Maciço do Itatiaia e regiões circundantes", que ocupa todo o boletim n.º 88, do Serv. Geol. e Mineralógico, é um belíssimo estudo de Alberto Ribeiro Lamego sôbre o maciço que, como diz, só tem rival no grande maciço de Kola, na Escandinávia. E' um trabalho de fôlego, cujas 93 páginas constituem bem uma demonstração dos grandes conhecimentos geológicos do autor. Nada menos de 37 ilustrações intercalam-se em seu texto, ao qual também está anexo um mapa sôbre a geologia do referido maciço e de suas vertentes, perfeito trabalho do desenhista do Serv. Geol., Antônio José de Matos Musso.

Josalfredo Borges apresenta-nos, em "Lagos Duas Bôcas e Novo Amapá", um bonito estudo que foi publicado pelo Serv. Geológico no seu boletim n.º 87.

Êste trabalho, que foi editado em 1938, é devéras interessante, tendo o seu texto fartamente ilustrado por bôas fotografias dos principais lagos e rios daquela região paraense. O estudo inclue também uma síntese geológica sôbre as rochas do rio Araguarí e seus afluentes, feita pelo assistente José Menescal Campos, e considerações sôbre os meios de vi-

da e comunicações, clima e outras considerações finais sôbre aquela região. São trabalhos que muito bem recomendam os seus autores.

"A Política do Ouro" (boletim n.º 83, 1937) é outro esplêndido trabalho do atual diretor do Serv. Geol. e Mineralógico do Brasil — Prof. Euzébio Paulo de Oliveira.

Começa o autor por fazer uma síntese histórica sôbre o conhecimento e emprêgo do ouro, primeiro como material empregado nos usos domésticos e objetos de adôrno, depois como moeda.

Segue-se, em dados comparativos, o exame da produção mundial de ouro, em 1933, cujo total atingiu a 12.418.800 onças finas, ocupando o Brasil o 18.º lugar, enquanto que há poucos anos atrás estava em 13.º.

Examina, após, o autor a produção de ouro no Brasil, considerando três épocas na exploração das nossas minas: Colonial (1.500-1822); Imperial (1822-1889)) e Republicana (1889-1934).

A **Época Colonial,** segundo o autor, é a época do descobrimento do ouro e da sua exploração em larga escala.

A **Época Imperial** "é a época das iniciativas inglesas com o fim de explorar intensivamente as nossas jazidas primárias".

Sôbre a **Época Republicana,** diz o A.:

"Em 1882, a nossa indústria aurífera achava-se em decadência, devido a várias causas, umas locais, outras gerais; a extinção do braço escravo, como consequência, o aumento imediato do custo da mão de obra e o uso de processos metalúrgicos inadequados à natureza dos minérios, acarretando grande perda de metal e, portanto, de dinheiro, incluem-se nas causas gerais."

E, mais adiante:

"Logo depois da proclamação da República houve bastante interêsse pelas minas de ouro, tendo sido organizadas várias emprêsas, algumas com capitais nacionais escassos, de sorte que tôdas interromperam os trabalhos no fim de pouco tempo."

Atualmente, as nossas jazidas auríferas são exploradas por Companhias estrangeiras, sendo que a de Passagem foi vendida a uma emprêsa brasileira, pela importância de 800 contos de réis, capital êsse já amortizado, em vista do alto valor do ouro nos últimos tempos.

No capítulo III, faz o A. um estudo do tratamento dos minérios, mostrando os diversos processos utilizados atualmente para tal fim.

O capítulo IV trata da propriedade das minas, à vista de diversas legislações e, por último, sob a vigência do **Código das Minas**, promulgado pelo decreto 24.642, de 1o de Julho de 1934, e aprovado pela Assembléia Nacional Constituinte, código êsse que torna a Nação proprietária das minas, sem atentar, entretanto, contra os direitos adquiridos pelos antigos proprietários, desde que estes cumpram os dispositivos constantes da lei que regula a matéria.

Por fim, os capítulos V e VI tratam, respectivamente, da "Circulação e comércio do ouro" e da "Compra do Ouro".

"Fósseis carboníferos do rio Jatapú" — Aristómenes Duarte dá-nos, no boletim n.º 74, do S. G. e Min., um bonito estudo sôbre os fósseis carboníferos do rio Jatapú, no Amapá (Pará).

O estudo foi feito sôbre uma coleção de fósseis provenientes daquele rio, existente no Museu do Serv. Geol. e Mineralógico.

Os fósseis em questão são moluscos (lamelibrânquios, gasterópodos e braquiópodes) e alguns corais.

Em memória do saudoso e grande geólogo DR. FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA, falecido em 1935, foi publicado um folheto no qual constam o discurso proferido à beira de sua sepultura, pelo Dr. Matías Gonçalves de Oliveira Roxo; um artigo publicado no "Jornal do Comércio", de 8-8-1935, pelo Dr. Alfeu Diniz Gonçalves, que é uma rápida biografia do ilustre e infatigável investigador de nosso solo, com uma lista de suas publicações; um requerimento apresentado na seção de 3 de Setembro de 1935, do Poder Legislativo, para que se consignasse em ata um voto de grande pesar pelo falecimento do sábio geólogo, mineralogista e en-

genheiro de minas patrício, requerimento êsse que foi aprovado e publicado no Diário do Poder Legislativo e inserto nos Anais, juntamente com uma relação das publicações de Paula Oliveira, organizada pelo Dr. Alfeu Diniz Gonçalves.

Por ocasião da sessão solene de colação de grau dos engenheirandos de 1937, da Escola de Minas de Ouro Preto, o Dr. Euzébio de Paula Oliveira, como paraninfo, pronunciou um belo discurso que foi impresso e do qual recebemos também um exemplar.

Digníssimo filho do grande Francisco de Paula Oliveira, o Dr. Euzébio de Paula Oliveira mostra-se um mestre à altura de seu ilustre pai.

Êsse discurso é um discurso de despedida e, mais do que isto, uma última aula, um último e valiosíssimo conselho do mestre aos seus antigos discípulos que êle, agora, chama de "meus jovens colegas."

Depois de bordar comentários sôbre as principais questões que interessam à profissão do engenheiro e de maior atualidade nacional (Estradas de Ferro, Sêcas, Siderurgia, Política dos recursos minerais e Petróleo), termina o Dr. Euzébio de Oliveira com essas belas palavras:

"Ao concluir a missão de que me encarregastes neste dia memorável, lembro-vos que ides dar os primeiros passos na vossa carreira profissional, e que, se tiverdes de adotar um lema, deveis aceitar o conselho de um rei de Esparta a um seu amigo: a reputação, o bom nome obtém-se, disse-lhe êle — falando bem e agindo melhor."

C. C.

ASPECTOS DE ETNOGRAFIA BRASÍLICA, por **Mário Melo.** — Livraria Colombo Editora, Recife, 1938.

"Aspectos de etnografia brasílica", é uma conferência que o ilustre dr. Mário Melo, membro da Academia Pernambucana de Letras e secretário perpétuo do Instituto Arquiológico e Histórico de Pernambuco leu na Sociedade de Geografia, de Lisbôa, em meados de 1937.

Trabalho de divulgação é, entretanto, precioso estudo, cheio de excelentes observações pessoais sôbre a vida, os costumes, a crença dos indígenas da região pernambucana, enriquecido com a descrição e interpretação de vários deuses mitológicos da teogonia dos nossos silvícolas, como Jurupari e Ceucí, especialmente.

Um dos trechos mais interessantes e curiosos é o que se refere à Saudade da língua indígena — **Iatecá,** palavra que uma cabocla lhe dissera, e assim traduzira.

"— O branco é bom. Caboclos gostam do branco. O branco viveu aquí com caboclos. O branco vai-se embora e os caboclos ficam pensando no branco com vontade de que êle volte. **Iatecá** é isso."

O trabalho do dr. Mário Melo é precioso, e vale por um compêndio.

Agradecendo o exemplar enviado ao Instituto, deixo, aquí, também registado o meu agradecimento pelo exemplar que me enviou com gentil e amável dedicatória, esperando que prossiga nesses estudos e nos dê, em breve, trabalho amplo a respeito.

W. Sp.

Achegas à História de Taubaté: CONVENTO DE SANTA CLARA; — JACQUES FÉLIX; — NOME, LIMITES E BRASÕES; — por **Félix Guisard Filho.** — Athenas Editora, S. Paulo, 1938.

Formam, estes três volumes da autoria do dr. Félix Guisard Filho, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o início de uma emprêsa digna dos maiores encômios: a Biblioteca Taubateana de Cultura, — iniciativa que deveria ser imitada por todos os municípios do Brasil para que pudessem, com maior facilidade, conhecer-se entre si, fornecendo, ao mesmo tempo, elementos preciosos para o completo conhecimento de nossa história geral.

O dr. Félix Guisard Filho, a cuja operosidade se deve essa brilhante iniciativa, iniciou a série da Biblioteca Tauba-

teana de Cultura com três magníficos trabalhos, um sôbre o fundador de Taubaté, — JACQUES FÉLIX, — outro sôbre o histórico CONVENTO DE SANTA CLARA e o terceiro sôbre o NOME, LIMITES e BRASÕES. ITACURUSSÁ.

Obras muito bem escritas, em linguagem simples, ao alcance de todos, servem de padrão para estudos congêneres, e sua divulgação ampla, entre o povo, deveria ser obrigatória.

O sr. dr. Félix Guisard Filho torna-se, com essa iniciativa benemérito taubateano e exemplo a seguir por quantos amem as tradições de seu pago e do Brasil.

W. Sp.

INICIAÇÃO LINGUÍSTICA — Mistérios, leis e curiosidades da linguagem humana, — por **Francisco Valdomiro Lorenz**, — S. Paulo, 1929.

Não se trata de uma obra nova. Dez anos quase passaram sôbre seu aparecimento. Mas foi somente em fins do ano passado que seu autor, o insigne linguísta e glotólogo, prof. Francisco Valdomiro Lorenz, nos enviou um volume dêsse seu interessante e curioso trabalho.

São cêrca de 300 páginas, nas quais estuda e examina, com carinho e critério, o ilustre prof. Lorenz, uma série grande de problemas e curiosidades linguísticas que muito dão que pensar. Curioso e original, até certo ponto, é o cap. IV — Sôbre a origem da linguagem humana. "A evolução da escrita", cap. XII, é, também, sumamente interessante, sendo, porém, um dos mais curiosos o cap. XX — "Um versículo Bíblico em 70 línguas". Abrindo-o, diz o prof. Lorenz: "Para os leitores poderem observar as semelhanças mais ou menos notáveis das línguas pertencentes ao mesmo grupo, ou à mesma família, apresentamos o versículo 16 do terceiro capítulo do Evangelho de S. João, em 70 idiomas". E, começando pelo português e latim, passa pelo bretão, rumeno, dinamarquês, ucraniano, russo, polono, grego antigo, benga-

lí, hebraico, japonês, árabe, cafre, etc etc. e termina pelo esquimau, groenlandês e chinês.

E assim é todo o livro, cuja utilidade é incontestável e cujo trabalho é digno de estudo dos especializados na matéria.

W. Sp.

CONFERÊNCIAS NA EUROPA, — por **Gilberto Freyre.** — Ministério de Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1938.

Compõe o presente volume de 112 páginas, diversas conferências lidas pelo prof. Gilberto Freyre nas Universidades de Coimbra, Lisbôa e Pôrto e no King's College, da Universidade de Londres.

São quatro magníficos trabalhos em que o ilustre sociólogo prof. Gilberto Freyre mais uma vez demonstra a sua alta cultura e o seu grande patriotismo.

Dedicado especialmente aos estudos afro-ameríndios, as conferências em aprêço versam, especialmente, êsses assuntos que, ninguém melhor do que Gilberto Freyre sabe tratar.

Como "Casa Grande & Senzala", e "Sobrados e Mucambos", "Conferências na Europa" serão lidas sempre com o mesmo interêsse e real aproveitamento.

W. Sp.

CENTENÁRIO DE PETRÓPOLIS. — Trabalhos da Comissão. — Vol. I, Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1938.

Completou, em 1938, Petrópolis o seu primeiro centenário, e êste I volume-registo do que foi feito por ocasião daquelas festividades, encerra, em suas 320 páginas, três substanciosos estudos, o primeiro, do sr. Alcindo Sodré, sôbre "A fundação de Petrópolis", o segundo, do sr. Afonso de E. Taunay, sôbre "Visitantes antigos de Petrópolis e sua região", no qual aparecem os nomes de Castelnau, Itier e Ida Pfeiffer entre outros; e o terceiro, do sr. Antônio Machado, trata da

"Nomenclatura Urbana de Petrópolis", em que aparecem: nomenclatura vulgar, nomenclatura cívica, serras, rios, quarteirões, ruas, avenidas, praças, travessas, estradas, caminhos, pontes, etc. etc, tudo meticulosamente estudado na sua origem e motivos.

Um ótimo volume de contribuição para o estudo completo da magnífica região petropolitana.

W. Sp.

PAYSANDU EN EL SIGLO XVIII — EPOCA DE SU ERECCION Y ORIGEN DE SU NOMBRE, pelo dr. **Setembrino E. Pereda.** — Montevideu, 1938.

Incansável estudioso e pesquisador, o sr. Setembrino E. Pereda, sócio correspondente de nosso Instituto, em Montevideu, tem já publicado quase meio cento de obras, tôdas dignas do mais alto aprêço.

Êste estudo sôbre Paisandú, época de sua erecção e origem do nome, é sumamente interessante, e notável a documentação, na maior parte inédita que apresenta o ilustre historiador.

E mais interessante se torna êsse grande trabalho do sr. Pereda, porque também o Brasil alí figura pelas relações estreitas que sempe mantiveram seus filhos do sul com as províncias platinas de então.

Um grande livro que o nome do autor, por si só, recomenda.

W. Sp.

DOCUMENTOS RELATIVOS A LA EJECUCION DEL TRATADO DE LIMITES DE 1750. — Instituto Geográfico Militar, Montevideu, 1938.

Não é, o presente volume, estudo sistemático do tratado de limites de 1750, mas reune, apenas, tôda a documentação relativa ao referido tratado, precedido de erudita "Advertências" que não está assinada.

88 são os documentos transcritos dos quais o primeiro referem as "Razones contra la evacuaacion de los Siete Pueblos de Misiones", redactadas — según se expressa en anotacion adjunta de la época — por el padre Bernardo Nussdorfer. — A êsse documento seguem-se outros escritos dos jesuítas e, em seguida uma série de documentos oficiais, todos preciosos.

E', como se vê, uma publicação de grande interêsse para o Brasil.

W. Sp.

MITOLOGIA Y ESCRITURA DE LOS CHIBCHAS, — por **Dario Rozo M.** — Ediciones del Consejo, Imprenta Municipal, Bogotá, 1938.

Grande tem sido, em tôda a América, o incremento dos estudos americanistas, especialmente etnografia e etnologia.

Destacam-se, porém, entre os países que mais tem cultivado êsses estudos, o México e a Colômbia. Daí é que nos veio e vêm os mais interessantes e curiosos estudos indianistas.

Êste, por exemplo, do sr. Daniel Rozo, sôbre Mitologia e Escritura Chibchas, não sendo absoluta novidade traz, contudo, muita cousa nova e interessante.

Há, geralmente, nesses estudos, o perigo de certas interpretações apressadas. Tais cousas, porém, raramente se encontram entre os estudiosos colombianos, especialmente, que são, porisso, a nosso ver, os mais sérios e criteriosos estudos indianistas da América. Poderão, muitas vezes, ser falhos ou deficientes, mas não são fantasistas.

"Mitologia y escritura de los Chibchas" é mais uma prova de nossa assertiva acima. O sr. Daniel Rozo M. depois de fazer pequeno estudo da mitologia dos Chibchas, faz um glossário das principais deidades, com muita precisão e clareza.

Sôbre o alfabeto, — cousa assaz perigosa, — são bastante judiciosos os apontamentos do sr. Daniel Rozo, embora haja, na questão de interpretação, muita fantasia, aproximações

demasidamente forçadas. Não deixa, contudo, de ser um estudo valioso, especialmente como contribuição à linguística indígena de nossa América.

W. Sp.

BRIGADEIROS E GENERAIS DE D. JOÃO VI A D. PEDRO I. — MARECHAL JOSÉ SIMÃO DE OLIVEIRA, — O MINISTÉRIO DA GUERRA EM 1838, folhetos do coronel **Laurênio Lago,** Imprensa Militar, Rio de Janeiro, 1938.

O coronel Laurênio Lago tem, ultimamente, trabalhado imensamente e seus estudos quer biográficos, quer históricos, são valiosas contribuições que sobremodo enriquecem a bibliografia militar brasileira.

Os trabalhos acima mencionados fazem parte dessas magníficas monografias de estudos militares, sobremodo úteis para o estudo geral da história Pátria.

São verdadeiramente beneméritos êsses trabalhos do distinto militar patrício, coronel Laurênio Lago, especialmente a relação dos BRIGADEIROS E GENERAIS DE D. JOÃO VI a D. PEDRO I NO BRASIL.

A operosidade do ilustre coronel honra sobremodo a cultura de nossas fôrças de terra.

W. Sp.

MEXICO Y LA CULTURA MUSICAL, pelo prof. **Manuel Barajas.** — D. A. P. P. — Mexico, 1938.

O México se tem distinguido sobremodo quanto à divulgação de sua cultura e método educacional. Nem sempre podemos concordar com os sistemas alí empregados, mas o que se não pode negar é que alí se trabalha e se faz alguma cousa pela educação popular.

O trabalho em aprêço, sôbre a cultura musical mexicana, mostra o que o govêrno tem tem feito a tal respeito. O decreto que estabelece a cultura musical obrigatória para a educação infantil, por sua oportunidade e interêsses, transcrevemos a seguir, na íntegra, dispensando os seis longos considerandos:

Art. 1.º La enseñnza de la música por medio del canto coral, es obligatoria y gratuita como parte integrante de la educacion infantil, primaria, secundaria y normal, que imparten la Federacion, los Estados o los Municipios.

Art. 2.º La educacion musical impartida por Academias, Institutos o Planteles particulares, queda sujeta a la inspeccion, vigilancia y registro de titulos indispensables para poder ser impartida, en los términos establecidos por el reglamento que al efecto expida la Secretaria de Educación Pública.

O artigo 3.º trata dos títulos que devem ser apresentados para a docência.

Com tais exemplos, vemos quão longe estamos ainda em matéria de educação artística...

O mesmo vale dizer quanto à pintura e artes decorativas que são, em quase tôdas as repúblicas sul-americanas, disciplinas oficiais, mantidas pelos governos e, no geral, fazendo parte integrante das Universidades.

W. Sp.

HUELLAS DE UNA LABOR, por **Justino Cornejo.** — Quito, Ecuador, 1938.

Trabalho de estudo literário, "Huellas de una labor" compõe-se de uma conferência sôbre Jorge Isaacs e seu famoso romance MARIA, de um programa para o estudo literário e de uma circular aos intelectuais equatorianos, solicitando dados bio-bibliográficos.

E' um trabalho interessante e digno de nota.

W. Sp.

SOLDADOS DO ESPÍRITO SANTO (Miniaturas), palestra do prof. **Heráclito Amâncio Pereira.** — Imprensa Oficial, Vitória, E. Santo, 1938.

A presente paletra lida na casa dos estudantes, no dia do soldado (25 de agôsto de 1938) encerra uma série de ensinamentos dignos do maior aprêço.

Passa, o ilustre professor, em revista a história pátria, desde 1535 até a República, salientando os fatos mais notáveis: Emboabas, Ararigboia, O perigo do Mar, A Bandeira, Recrutamento, Riachuelo, Dia de festa, Pela República, concluindo com uma invocação à mocidade capichaba com o título Soldadinhos...

Bela página que a mocidade de nossa pátria deve ler e reler para sua própria formação cívica.

W. Sp.

ÁRVORES DE COSTADO (Genealogia) — 1.ª série. — pelo Tenente-coronel **Salvador de Moya.** — São Paulo, 1938.

O estudioso genealogista sr. tenente-coronel Salvador de Moya, incansável pesquisador dos velhos troncos de nossa formação étnica, com o presente fascículo acrescenta mais uma preciosa contribuição aos estudos históricos e genealógicos de sua já vasta bibliografia. E' trabalho de valor que muito recomenda a operosidade do ilustre militar e genealogista patrício, membro do Instituto de Estudos Genealógicos de São Paulo.

W. Sp.

FRATEL SENNEN DELLE SCUOLE CRISTIANE, pelo Rev. **Irmão Teodoro,** — Torino, Estratto da "Revista Lasalliana", Vol. VIII N. 1 — Marzo 1938 —XVI.

O Rev. Irmão Teodoro, insigne educacionista da ordem dos Irmãos das Escolas Cristãs, fundadas pelo grande S. João

Batista de la Salle, é um dos nossos maiores estudiosos em assuntos de geobotânica, ramo no qual se fôra aperfeiçoar, na Europa, de onde acaba de voltar.

O trabalho em aprêço, é a biografia de um de seus irmãos de hábito, o Rev. Irmão Sennen, um dos grandes educadores da referida ordem Lassallista.

Ao Rev. Irmão Teodoro, agradecendo a oferta gentil dêsse seu pequeno estudo biográfico, apresentamos nossas bôas vindas.

W. Sp.

CONTRA OS "DONOS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE S. PAULO", pelo sr. **Paulo Duarte.** S. Paulo, 1938.

Encerra o folheto em aprêço uma série de cartas trocadas entre o autor e o presidente e outros membros do Instituto Histórico de São Paulo e os motivos que levaram o sr. Paulo Duarte a demitir-se de sócio do egrégio Instituto Histórico Paulistano, ao qual já tanto devem as letras históricas de nossa pátria.

Assunto todo pessoal, não nos cabe fazer comentários a tal respeito. Registamos, apenas, o recebimento do folheto dizendo de seu assunto, agradecendo a remessa do mesmo.

W. Sp.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA MARÍTIMA DO BRASIL — Vol. I. — Ministério da Marinha. — Imprensa Naval, Rio de Janeiro, 1938.

Valioso o presente trabalho que se destina, como publicação periódica de grande formato, a inserir tudo quanto suceder com respeito à nossa Marinha em geral, e bem assim estudos especializados ou históricos referentes à Marinha.

Esta publicação, dirigida pela Divisão de História Marítima E. M. 4, recém-criada, está sob a direção do ilustre e erudito oficial Comandante Dídio Costa, mentalidade de escol de nossa marinha de guerra.

"Subsídios para a História Marítima do Brasil" veio preencher uma lacuna, pois difícil se tornava a obtenção de dados referentes à atuação e ao desenvolvimento da Marinha, existindo, apenas, a tal respeito, a obra já clássica de Ouro Preto, os magníficos subsídios de Boiteux e uma obra recente do sr. Prado Maia.

À alta compreensão, ao alto critério do sr. Ministro da Marinha devemos essa preciosa e valiosa publicação que, com a que foi feita do precioso manuscrito de Simão Pais, sôbre as "famosas armadas", forma legítimo padrão de glória à gestão ministerial do sr. almirante Aristides Guilhem.

W. Sp.

CATALOGO SISTEMATICO Y DESCRIPTIVO DE LAS TORTUGAS ARGENTINAS, por **Marcos A. Freiberg,** zoologo del Museu de Entre-Rios. — Paraná, Rep. Argentina, 1938.

O presente folheto de 24 páginas mais oito planchas, da série "Memorias del Museo de Entre-Rios", é, como seu próprio título o diz, um catálogo sistemático das diversas espécies de tartarugas da Rep. Argentina da época atual.

Contribuição valiosa para o estudo da Zoologia da América do Sul, é, também, de interêsse para o Brasil, especialmente para o Rio Grande do Sul onde existem tartarugas semelhantes às da visinha república amiga, como, por exemplo, a Chrysemys d'orbignyi" e o tipo "Testudo denticulata L." que já também existe no Norte e tem absoluta semelhança com o nosso popular "jabotí".

Êsse magnífico estudo do sr. dr. Marcos A. Freiberg é de grande utilidade e real interêsse aos estudiosos de zoologia.

W. Sp.

PUBLICAÇÕES DO ARQUIVO DO ESTADO DA BAÍA — A REVOLUÇÃO DE 7 DE NOVEMBRO DE 1837 (Sabinada) — Vol. II. — Baía, 1938.

Como o primeiro, êste segundo volume das Publicações do Arquivo do Estado da Baía é precioso manancial para o perfeito conhecimento da revolução baíana que a história regista com o nome de **Sabinada.**

A presente publicação que promete continuar ainda, contém subsídios e estudos de alto valor e permitem, já, uma reconstrução mais exata do movimento chefiado por Francisco Sabino da Rocha Vieira.

W. Sp.

AL MARGEN DEL CONGRESO... Un mapa de Sebastian del Cano, 1523 y algunas aclaraciones del R. P. G. Furlong Cardiff S. J., por **Buenaventura Caviglia (H).** — Buenos Aires, 1938.

Trata-se de um folheto com os pareceres lavrados pelo ilustre hitoriador uruguaio dr. Buenaventura Caviglia hijo, sôbre teses apresentadas ao Congresso de História Americana, em Buenos Aires. Precede os pareceres uma nota explicativa sôbre observações feitas pelo rev. p. Furlong Cardiff referentes a um mapa de Del Cano, de 1523.

"Al margen del Congresso"... é um trabalho de mérito que, mais uma vez põe em evidência a capacidade e erudição do eminente historiador e amigo, dr. B. Caviglia hijo.

W. Sp.

A MENTALIDADE AMERÍNDIA, esboços psicológicos e linguísticos; contribuição vulgarizadora para conhecer a atividade mental dos índios americanos, pelo prof. **Francisco Valdomiro Lorenz.** — S. Paulo, 1938.

O sr. prof. Francisco Valdomiro Lorenz é, presentemente, o maior conhecedor de línguas e assuntos linguísticos, do Rio Grande do Sul, quiçá do Brasil.

A obra que o prof. Lorenz acaba de eeditar, é interessantíssima e de grande valor para os estudiosos de assuntos americanistas.

Estuda o ilustrado autor, numa série de capítulos independentes, lendas e tradições indígenas; instituições sociais e políticas; artes e ciências; formação de palavras e a idéia dessa formação em confronto com outras línguas orientais e européias; religião, etc.

E' um livro sereno, sem os costumeiros exageros linguísticos tão comuns, de interpretações pictográficas ou petrográficas, de fabulosas origens indús, chinesas, etc. porque uma ou outra palavra se assemelha à mesma palavra desta ou daquela língua.

O prof. Lorenz examina tudo sob um prisma científico e, porisso, fêz um excelente livro que se lê com vivo interêsse e real proveito.

W. Sp.

A LÍNGUA E A LITERATURA SÂNSCRITA, por **Jorge Bertolaso Stella.** — São Paulo, 1938.

Vem de longe a dedicação do sr. prof. Bertolaso Stella aos estudos de glotologia. Nesse ramo difícil, muito tem escrito e com notável conhecimentos, o ilustre glotólogo paulista.

Seus trabalhos são verdadeiros trabalhos de mestre, e demonstram grande erudição do autor em assuntos linguísticos.

Com o prof. Francisco Valdomiro Lorenz, forma, o prof. Jorge Bertolaso Stella, um duo de incomparável saber glotológico. Ambos são grandes e dedicados, profundos conhecedores e linguístas eméritos.

Mas, quanto aos trabalhos, não podemos negar serem os do prof. Stella muito superiores aos do prof. Lorenz, porque mais completos. É que o prof. Lorenz mais se dedica ao estudo das línguas, conhecendo-as a fundo, em número superior a 30, mas não se dedica, como o prof. Bertolaso Stella, a examiná-las, a sondar-lhes os misteriosos recantos, a evolução, o crescimento, o desenvolvimento, a estrutura, o esqueleto, enfim.

"A Língua Sânscrita e sua literatura", é um belíssimo trabalho, útil e precioso, escrito com simplicidade e clareza, capaz de, porisso, e pelo conhecimento que o autor demonstra, dar a qualquer leigo o mais perfeito conhecimento do que é a língua sânscrita.

Um ótimo trabalho que confirma, plenamente, os anteriores estudos do ilustre e ilustrado prof. Jorge Bertolaso Stella.

W. Sp.

MANOEL ALVES RIBEIRO (Ensaio biográfico), por **José de Mesquita.** — Tese oferecida ao 3.º Congresso de História Nacional. — (Cuiabá) — MCMXXXVIII.

É o desembargador José de Mesquita um dos maiores historiadores e genealogistas do Estado de Mato Grosso.

Membro do Instituto Histórico Brasileiro e do de Mato Grosso, sua atividade, na imprensa e no livro, tem sido enorme e de real proveito para as letras pátrias.

Espírito grandemente culto, o ilustre desembargador José de Mesquita é um incansável pesquisador e, graças a êle, Estêvão de Mendonça, e êsse ilustre Virgílio Corrêa Filho, as letras históricas matogrossenses têm tido invulgar incremento. Outros muitos, é verdade, contribuiram e contribuem eficazmente. Destacamos, porém, êsses três por serem, seus no-

mes mais populares e seus estudos estarem mais ao alcance de quantos se dedicam aos estudos históricos em nosso grande Brasil.

O "ensaio biográfico" de Manuel Alves Ribeiro que ora nos oferece o desembargador José de Mesquita, é uma dessas magníficas contribuições cujo valor, para a história, é enorme.

Estuda o autor, nessa monografia, a personalidade de Manuel Alves Ribeiro que atingiu os mais elevados postos na política e administração do velho Mato Grosso, passando em revista a província no tempo em que era simples "zona garimpeira de leste", a nobreza rural daqueles tempos, o ambiente em que surgiu Manuel Alves sucessor e rival de João Poupino Caldas (já estudado por êle em monografia anterior), o início da vida caudilhesca de Manuel Alves, sua carreira política, seu fastígio na administração da província de 1843 a 1848, sua queda, para concluir com um retrato psicológico de Manuel Alves e um estudo sucinto de sua família.

É, como já dissemos, trabalho de real valor.

Juntamente com êsse estudo enviou-nos o erudito desembargador Mesquita, um RELATÓRIO que é preciosa contribuição para estudo futuro dos últimos acontecimentos, no Estado do Mato Grosso em 1937.

É êsse RELATÓRIO DO PRESIDENTE DESEMBARGADOR JOSÉ DE MESQUITA APRESENTADO AO SR. INTERVENTOR FEDERAL (Tribunal de Apelação — Administração da Justiça), Cuiabá, 1938, trabalho que se lê com vivo interêsse porque, calmo e sereno, demonstra o alto espírito de justiça de seu autor.

W. Sp.

JUSTICIA A HUNGRIA, por **Carlos E. Grez Pérez.** — Santiago de Chile, 1938.

O ilustre professor chileno dr. Carlos E. Grez Pérez, é grande estudioso de assuntos internacionais, gênero no qual já nos tem dado uma série de monografias interessantes.

Agora, num gesto generoso, entra em liça em defesa dos direitos húngaros e revisão de suas fronteiras, tão arbitrariamente feitas logo após a grande guerra que lhe deu autonomia, absorvida como fôra pela ex-Austria.

Embora nesse trabalho se contenham proposições com as quais, pessoalmente, não concordamos, é êle de interêsse e deve ser lido com carinho e estudado como a voz de um sul-americano clamando por justiça para um povo de tradições e lendas heróicas, — o Império Magyar, a pequena Hungria de nossos dias.

W. Sp.

VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA de **Plínio Airosa** — Departamento de Cultura de S. Paulo — 1938.

Já tivemos ocasião de assinalar, pelas páginas desta revista, a obra altamente valiosa que vem realizando o sr. Plínio Airosa, para a divulgação de escritos raros sôbre o tupí e para auxílio dos estudiosos dessa língua dos nossos índios.

Já se deviam à sua atividade e cultura de investigador paciente e honesto a divulgação de preciosos trabalhos linguísticos, como o "Caderno da Língua de Fr. Arrouches" e "Nomes das Partes do Corpo Humano pela Língua do Brasil" de Pero de Castilho. Às já importantes contribuições oferecidas pelo sr. Plínio Airosa aos especialistas que se dedicam ao estudo da língua dos tupí-guaranís, junta-se, agora, mais um volume de grande valor, que é o "Vocabulário na Língua Brasílica", recentemente editado pelo Departamento de Cultura de São Paulo.

Êsse códice existia, manuscrito, na notável biblioteca de Félix Pacheco, adquirida pela Municipalidade de S. Paulo para o Departamento de Cultura.

Como subsídio para o estudo do idioma em que Anchieta andou instruindo e iluminando os primitivos habitantes do Brasil, a publicação do interessante manuscrito que era zelosamente guardado na biblioteca de Félix Pacheco representa uma realização de alta importância. É mais um trabalho raro,

preciosíssimo como material científico, que se deve à dedicação por êsses estudos e à inteligência esclarecida do ilustre tupinólogo bandeirante.

Precede o "Vocabulário" um extenso e brilhante prefácio em que Plínio Airosa analisa diversas opiniões, inclusive a de Félix Pacheco, em tôrno da autoria do aludido "Vocabulário" que o saudoso acadêmico atribuía a Pero de Castilho, o mesmo autor de "Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil". Solidamente documentado e pela própria análise do manuscrito que divulga, Plínio Airosa chega à conclusão de que não se trata de um trabalho original de Pero Castilho, mas de uma cópia, cheia de incorreções, feita por pessôa pouco aprofundada no conhecimento da língua tupí, "de um texto, provavelmente ampliado, de Anchieta".

A tese do sr. Plínio Airosa se apoia em robustos argumentos, não existem, entretanto, elementos suficientes para se poder determinar com plena exatidão que é o autor do importante "Vocabulário" que agora, felizmente, está ao alcance dos estudiosos.

A. G.

CONTRA O VANDALISMO E O EXTERMÍNIO por **Paulo Duarte** — Departamento de Cultura de São Paulo — 1938.

Êsse volume é a expressão, cheia de patriotismo e de entusiasmo, de uma ardorosa campanha contra a obra demolidora que representa, no Brasil, o descaso pela conservação das relíquias históricas e artísticas que o passado nos legou. O autor, desde as primeiras páginas, demonstra a sua amargura pelo abandono em que se acham alguns monumentos artísticos de outras épocas, que, segundo o autor não só estão sendo destruídos pela ação do tempo, como, também, por mãos criminosas que vão demolindo velhas construções dignas do nosso respeito e da nossa veneração e, dispersam, vendendo-os ou doando-os, objetos de arte que deveriam ser zelosamente guardados como relíquias ou documentos históricos.

Uma parte do livro é dedicada a êsse assunto; outra parte trata das realizações do Departamento de Cultura de São Paulo.

Completam o volume diversas cartas de intelectuais e artistas de São Paulo e outros documentos de apôio à campanha promovida por Paulo Duarte em defesa do patrimônio artístico da velha Piratininga.

É, inegavelmente, uma obra inspirada num sentido de nobre patriotismo. É de justiça notar, entretanto, que com a criação e desenvolvimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Educação, já não se pode afirmar que as relíquias do passado estejam inteiramente entregues à ação demolidora do tempo ou à sanha destruidora dos que são incapazes de lhe compreender o valor e a significação. Felizmente já se trata da conservação e, também, da restauração de velhas preciosidades artísticas que, realmente, estavam entregues ao esquecimento e condenadas ao extermínio. Essa obra de defesa do nosso patrimônio artístico e histórico demorou a vir, mas, finalmente, veio e se realiza ativamente, sob o amparo do govêrno federal.

A. G.

SOCIOLOGIA CATÓLICA E O MATERIALISMO — **Fernando Callage** — São Paulo — 1939.

Fernando Callage, não é apenas fino psicólogo, historiador, polemista, cronista e jornalista. Suas páginas de apurada sociologia colocaram-no num alto nivel de intelectual erudito. Percorreu já todos os ângulos da literatura. Ensaiou-se no conto, na crítica literária e social com raro brilho, até se identificar com os princípios espirituais do cristianismo. Nesse clima sociológico o Sr. Fernando Callage revela-se espírito vibrante, apaixonado na crença inspirada pelo catolicismo e pelas lutas sociais contenporâneas.

Todos os problemas sociais, econômicos, morais e espirituais, subordina-os fundamentalmente nesse livro notável que

acaba de publicar em São Paulo "Sociologia Católica e o Materialismo", à falta de cultura religiosa, unica porta por onde se caracteriza a invasão materialista.

O autor traça seus estudos dentro de um equilíbrio perfeito, ambientado de reflexões históricas na trasladação dos séculos, e fiel às mutações que o utilitarismo contemporâneo criou no concêrto das civilizações modernas. A dialética desenvolvida nesse livro de sentimento e convicção, de idéia e de moral construtiva, firma-se no conceito de que a espiritualidade é a fôrça única e cintilante capaz de amainar o tormento humano nesse desequilíbrio das cousas que constitue a sua própria harmonia.

Leão XIII, com sua sábia Encíclica que até hoje representa um monumento de razões lógicas, evidencia o atrito das doutrinas em quererem solucionar os aparentes defeitos do que está vinculado com a própria natureza. Desse princípio que o cristianismo universalizou, Fernando Callage colhe ilações admiráveis, estuda sua largueza filosófica e sua evidência humanamente racional. Compara as teorias dos remodeladores avançados, das doutrinas sociais em que se funde a questão do século, estrutura e liberalismo econômico, a injustiça das instituições capitalistas com o trabalhador e vai, por fim, numa análise de perfeita objetividade sociológica e cristã, exaltar o absoluto complexo da vida que é a essência espiritual "em que Deus é a chave única de todo o nosso problema em face da vida e de tôda a nossa felicidade em face do Eterno invisível". O autor revela-se atilado manejador do assunto, empolgado pelo destino das grandes massas, das próprias nacionalidades que não aprenderam ainda a resistir ao infiltramento de princípios dissolventes, sem Deus e sem crença, sem pátria e sem família.

O ilustrado escritor patrício Fernando Callage com seu livro "Sociologia Católica e o Materialismo" veio enriquecer a cultura nacional e desbravar o enleio céptico de que se sente contaminada grande parte do nosso material humano.

O. S.

"REFLEXÕES SÔBRE O GENERALATO DO CONDE DE CAXIAS" — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1938.

O importante estudo que temos em mão é a reedição feita pela Biblioteca Militar do trabalho publicado em Pôrto Alegre em 1846 na Imprensa de Isidoro José Lopes. Representa esta monografia estudo admirável que até hoje tem seu perfume altamente psicológico e histórico e onde o imortal soldado é estudado com carinhoso sentido de justiça. Seu sistema militar e político são comparados com os dos generais que o precederam.

O prefácio desta edição do ilustrado historiador rio-grandense Cel. J. C. Rego Monteiro sintetisa perfeitamente a essência dessa obra de que os anos não apagaram o esplendor. É um relato substancioso da ação do grande militar no período Farroupilha, um subsídio cintilante daquela época que tanto agitou o cenário político do Brasil regencial e imperial. Seu autor continua desconhecido. Apenas suposições, hipóteses fragmentárias admitem identificá-lo.

Pelo que assevera o Cel. J. C. Rego Monteiro, o Barão do Rio Branco atribue êsse trabalho magnífico a Patrício Augusto da Câmara Lima enquanto o próprio Cel. Rego Monteiro o atribue ao Tte. Cel. Casemiro José da Câmara e Sá. Já Vilhena de Moraes, o biógrafo do Duque de Caxias, promete revelar seu legítimo nome no novo estudo sôbre o grande militar que irá publicar em breve.

O valor do que foi escrito quase há um século fica evidenciado pelo interêsse com que os historiadores contemporâneos procuram identificar o autor dêsse relato histórico que acaba de ser reeditado e cuja importância transcende a tudo o que se possa admitir de curioso e de admirável nas suas minúcias e detalhes históricos.

A nossa história continua a ser investigada pelos estudiosos. As contribuições são hoje material precioso que irá constituir o grande corpo histórico dos nossos antepassados e dos acontecimentos que formaram a civilização continental.

Com a volta à publicidade dêsse trabalho notável, acende-se o sentimento amoroso de investigar cada vez mais as ocurrências passadas que são motivos da nossa brasilidade ainda florescente.

O. S.

"SINGULARIDADES" — **L. F. Castilhos Goycochêa** — Oficinas Gráficas do Diário Oficial — Niterói — 1938.

"Singularidades" é um livro que reune 7 trabalhos singulares que o autor assim denominou: **Guerreiro Singular** — Tenente General Conde de Pôrto Alegre; — **Esteta Singular** — César de Castro; — **Poeta Singular** — Gabriele d'Annunzio; — **Tribuno Singular** — Gaspar da Silveira Martins; — **Cidade Singular** — Jerusalém; — **Aristocracía Singular** — Aristocracía Gaúcha; — **Povo Singular** — Povo Vasco — Povo Legenda.

São páginas de profunda meditação e de peregrina acuidade estética. Castilhos Goycochêa é brilhante sociólogo que tem-nos dado páginas de intensa beleza histórica e psicológica cheias de profunda honestidade e de estranha sabedoria ao sentir a ética racial do seu povo.

Em todos os seus livros há o influxo de penetração no cuidado de ser preciso sem perturbar seu estilo nobremente modelado. Sua grande paixão pelo Rio Grande do Sul evidencia-se pelo calor das suas análises e pelo carinho beneditino com que trata os problemas históricos da sua região natal.

Em "Singularidades" resplandece seu tradicionalismo de escritor primoroso e sábio, de segurança serena nos conceitos e de penetração severa. O estilo é personalíssimo, sem grandes pompas desfigurativas mas preciso no requinte vocabular.

No estudo que faz do Conde de Pôrto Alegre, aristocratiza-se para melhor escrevê-lo na elegância moral da sua marcialidade guerreira.

Compara o Conde, com o Duque de Caxias e o Marquês do Herval. É um estudo conciencioso e habilmente conduzido, e conclue: "Caxias foi um dominador feliz de situações. Osó-

rio um tipo empolgante de chefe militar e de chefe político. Pôrto Alegre, um fascinador de inteligências..."

"Singularidades" é todo assim, desde César de Castro a Gabriele D'Annunzio, Silveira Martins e Aristocracia Gaúcha. Um conjunto de harmonias estudando um conjunto de cerebrações e de cousas belas.

Livro de estesia e de pensamento que realiza o acontecimento de se tornar empolgante pelos próprios temas que trata, se não bastasse a intensidade da inteligência que o iluminou.

O. S.

LEGISLACIÓN DEL TRABAJO EM LOS SIGLOS XVI — XVII — XVII — D. A. P. — Mexico 1938.

O nome dêste livro indica claramente a importância do seu conteúdo. Hoje que em todo o mundo se cria o problema da questão social, a luta terrível do trabalhador na intercadência de reformas violentas e de abstinência à cultura espiritual, há um interêsse acentuado ao redor da história legislativa do trabalho. Quem estuda a atualidade agitada e suas doutrinas, procura dosá-las com o remédio jurídico fornecendo leis capazes de acomodar os males que perturbam a tranquilidade do mundo.

No segundo Congresso Nacional de História realizado em Mérida, Yucatan, no México, foi o problema estudado do que resultou esta preciosa obra que temos em mão precedida de um estudo pelo Snr. Lic. Genaro V. Vasquez, chefe do Departamento.

O valor histórico dêsses documentos antigos tem sua significação pelo que representam como contribuição admirável à legislação trabalhista contemporânea. E de um interêsse palpitante e indiscutível ao se defrontar com o momento mundial por que atravessa a civilização dos nossos dias.

O. S.

AOS NOSSOS CONSOCIOS

Comunicamos que, oferecidas pelo autor, nosso ilustre amigo **dr. Buenaventura Caviglia hijo,** estão à disposição dos interessados as seguintes obras:

Al margen del Congresso... de que damos notícia nas Nótulas Bibliográficas, e

José Arechavaleta, traços biobliográficos do ilustre uruguaio que foi farmacêutico, químico, botânico, helenista e diretor do Museu do Uruguai. — E' um belo trabalho que revive, com carinho, a figura exemplar de Arechavaleta.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Prefeitura Municipal de São Paulo, Departamento de Cultura, São Paulo, Ns. LI a LIV.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, vols XXIX a XXXI, 1932 — 1934. — Natal, 1938.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA, Ano XXVIII, Ns. 1 2, janeiro a junho de 1938. Vol. XXXVII. — Rio de Janeiro, 1938.

LETRAS N.º 1, Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo. — 1938.

BIBLIOTECA IBERO AMERICANA DE BELAS ARTES, Boletin N.º 1 — 20 de noviembre de 1938. Palacio de Belas Artes — México.

BOLETIN DEL MUSEO NACIONAL DE HISTORIA NATURAL — Tomo XVI, Santiago de Chile, 1937.

UNIVERSIDAD CATOLICA BOLIVARIANA, Vol. III, Agosto-Septiembre 1938 — N.º 7, e n.º 8. — Medellín, Colombia.

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDADES, organo de la Academia Colombiana de Historia. Bogotá. — Ns. 285-286, 287-288. Números referentes à comemoração do 4.º Centenário da fundação de Bogotá, com material seleto e otimamente ilustrado, com várias tricromias.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS GENEALÓGICOS DE S. PAULO, Ano II, Ns. 3 e 4, São Paulo, 1938. — Como os números anteriores, cheio de excelente matéria, — estudos e ensaios genealógicos.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAÍA, N.º 64 — 1938 — Cidade do Salvador. — Reproduz a célebre **"Memória ou Dissertação** Histórica, Etnográfica, e Política, do coronel Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, editada pela primeira vez em 1848.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, Tomo LII — Ano LII — 1938. Fortaleza.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO Y GEOGRÁFICO DEL URUGUAY, Tomo XIII — Año de 1937 e Tomo XIV — Año de 1938. Montevidéu.

REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO (da Universidade de São Paulo) — Maio - Agôsto de 1938. — Vol. XXXIV — Fasc. II. — São Paulo.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS — Ano II, n.º 5 — dezembro de 1938 e n.º 6 — janeiro de 1938. — Rio de Janeiro.

ANAIS DO ARQUIVO PÚBLICO DA BAÍA — Vol. XXVI — Baía, 1938 — (Diretor: Alfredo Vieira Pimentel).

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO INDÚSTRIA E COMÉRCIO. — Ns. 48, 49, 50 e 51 — Rio de Janeiro, 1938.

VALORES — Coletânea de artigos e notas sôbre Nelson, Aristides e Alberto de Souza Oliveira, ilustres cientistas baianos, compiladas por G. Lemos e N. Dantas. — Baía, 1938.

REFORMA COMPULSÓRIA — Razões da Apelação apresentadas pelo advogado dr. João Francisco da Cruz (Apelação n.º 3.909). — São Paulo.

CARTAS DE DATAS DE TERRA — 1833 a 1835. — Vol. XI.

REGISTO GERAL DA CÂMARA DA CIDADE DE S. PAULO — 1837. — Vol. XXVII.

ATOS DA CÂMARA DA CIDADE DE S. PAULO — 1846-1847. — Vol. XXXVI.

Publicações do Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de S. Paulo. — S. Paulo, 1938.

IBERO AMERIKANISCHES ARCHIV — Jahrgang XII — Okyober 1938 —heft 3. — Ibero Amerikanisches Institut, Berlin.

GEOGRAPHICAL REVIEW — Published by The American Geographical Society of New York. — January 1939.

UNIVERSIDAD — N.º 4 — Julio de 1938 — Publicación de la Universidad Nacional del Litoral. — Santa Fé — Rep. Argentina.

BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DEL GOBIERNO — Tomo IV — N.º 1. — Guatemala — octubre de 1938.

MENSAJE DE LA BIBLIOTECA NACIONAL — Octubre de 1938 — Quito, Ecuador.

BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DE LA NACION — Año I — vol. I — N.º 3 — Ciudad Trujilli — Santo Domingos, 1938.

BOLETIM DE FILOLOGIA — Tomo II Ns. 6-7 — marzo-junio 1938. — Instituto de Estudios Superiores — Montevidéu — Rep. O. del Uruguay.

ENSAYOS — Revista bimestral de cultura. — Diretor dr. Alfredo Gargaro. — Año II — Santiago del Estero (Rep. Argentina) — Septiembre-Octubre 1938. — N.º 7.

BOLETIN DE LA SOCIEDAD GEOGRAFICA DE COLOMBIA — Vol. V, agosto 1938 N.º II e Diciembre 1938 N.º III. — Bogotá. Trazem, estes dois números, a continuação do grande e magnífico trabalho do dr. Ortega Ricaurte, que acaba de ser eleito diretor do Boletin.

REVISTA DE LA ACADEMIA COLOMBIANA DE CIENCIAS EXACTAS, FISICAS Y NATURALES — Vol. II — Año 1938. N.º 7 — Agosto-septiembre y octubre. — Traz êste número preciosa colaboração de nosso também colaborador sr. Carlos de Paula Couto. Interessante é notar que a Revista publicou êste artigo em português, com a nota de que, sendo a língua portuguesa muito semelhante à espanhola, sua irmã, julgava a direção ser desnecessário traduzir o artigo. Realmente, é digno de nota e dos maiores elogios a atitude da Academia Colombiana de Ciências Exactas, pois, dessa forma coopera mais amplamente para a fraternidade da América do Sul e, mesmo, não corre perigo de desvirtuar, com uma tradução, artigos científicos. Oxalá seja a idéia da Direção da Revista bem aceita. Nós a cumprimentamos efusivamente pelo gesto e cordialmente agradecemos.

ÍNDICE

A fundação do Rio Grande e o monumento a Silva Pais..... 3
As primeiras reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul, pelo coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro..... 15
O centenário do Marechal de Ferro, pelo capitão De Paranhos Antunes 47
Nota paleontológica. Fóssil de Farroupilha, pelo dr. J. A. Tupí Caldas 63
Uma carta do contra-almirante José de Aguiar..... 79
Reminiscências Históricas por J. O. Pinto Soares..... 97
Notulas bibliográficas 107

92098

GEOGRAFIA:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Dr. João Maia.
Capitão Dioclecio de Paranhos Antunes.
Dr. Alcides Maia.

ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E PALEONTOLOGIA:

Prof. Jaci A. L. Tupi Caldas.
Dr. Mario Teixeira de Carvalho.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr. Armando Dias de Azevedo.

FOLCLORE E LÍNGUA DOS INDÍGENAS:

Cel. Manoel de Faria Correia.
Prof. Valter Spalding.
Dr. Dante de Laytano.
Manoelito d'Ornelas.

ESTATUTOS E COMISSÃO DA REVISTA:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Cel. E. F. de Souza Doca.
Prof. Othelo Rosa.
Dr. Eduardo Duarte.

ADMISSÃO DE SÓCIOS:

Dr. Armando Dias de Azevedo.
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Cel. Gaston Hasslocher Mazeron.
Dr. Eduardo Duarte.

Condições de assinatura da Revista:

Por ano	15$000 rs.
Por fascículo trimestral . .	4$000 rs.

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na secretaria

Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.